



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

# O Amor nas Relações Homossexuais Masculinas

PATRÍCIA ALEXANDRA GOMES TORRAL BRÁS

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau Mestre na especialidade de Clínica, conforme o despacho da DGES, N°19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi muito importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Ao longo deste último ano, as minhas capacidades foram metidas à prova e apesar de terem havido momentos de frustração, não podia estar mais feliz com o resultado final. O tema da minha tese tem um significado especial para mim e representa o encontro de uma força interior que eu desconhecia ter. A verdade é que sem algumas pessoas, não teria sido possível a sua realização, como tal gostaria de expressar os meus agradecimentos:

Em primeiro agradeço à Professora Doutora Ângela Vila-Real por todo o conhecimento que transmitiu ao longo dos seminários de dissertação e por todo o apoio pessoal e profissional incondicional. Agradeço toda a sua disponibilidade e a transmissão de conhecimentos que me permitiram a realização desta dissertação.

Agradeço aos participantes pela disponibilidade e pela relevante contribuição na realização do meu estudo.

Agradeço à Vera, minha colega e amiga que me acompanhou nesta jornada, disponibilizando a sua ajuda de forma absoluta. Foi um privilégio trabalhar ao seu lado.

Agradeço de coração à grande mulher que é a minha mãe. Agradeço também ao meu pai que além de tudo, me ajudou com os seus cozinhados e aos meus irmãos. Sem esta família a concretização deste sonho não era possível. Obrigado por sempre acreditarem nas minhas capacidades, por serem modelos de coragem e de ajuda na superação das dificuldades que foram aparecendo ao longo da minha vida.

Agradeço aos meus amigos, Mariana, Adriana, Sofia, Filipa, Cátia, Eurídice, Carolina, Inês, Teresa, Cláudia, Lopes, Coelho, Delgado, André, Quim, Riso, Rui, D'Janina e Sara por terem estado sempre ao meu lado e me apoiarem nos bons e nos maus momentos do meu percurso.

Agradeço ao meu namorado Tiago, por transmitir sempre segurança e apoio incondicional. Por todo o companheirismo ao longo desta etapa e pela contenção de angústias bem como a partilha de alegrias que foram surgindo ao longo da construção deste trabalho.

## RESUMO

A definição de amor é muito complexa, o que leva a uma difícil consenso. O amor nas relações amorosas homossexuais inevitavelmente implica profundas questões, tendo em conta a escolha de objeto amoroso, a construção da identidade e as suas identificações. Este estudo, situado num paradigma de investigação psicanalítico, procura compreender as relações amorosas ligadas à subjetividade na escolha de objeto homossexual. A partir de um método qualitativo, observa-se as relações amorosas de quatro homens homossexuais, com idades compreendidas entre os 24 e os 49 anos, assente na realização de entrevistas semiestruturadas, no sentido de se obter narrativas de vida e aprofundar a análise de conteúdo latente. Não obstante a especificidade de cada sujeito, pretende-se identificar a ocorrência de padrões por forma a perceber como experienciam as relações. Decorrente da nossa análise foi possível verificar que a internalização das representações das imagos parentais são fundamentais constituindo a base para uma matriz da elaboração das identificações e conseqüente construção das relações objetais.

Palavras-chave: amor, homossexualidade masculina, identificações

## ABSTRAT

The definition of love is very complex, thus, leading to a very difficult consensus. The love in homosexual relationships necessarily implies deep questions, owing to the love-object choice, the construction of identity and its identifications. This study, located in a psychoanalytic investigation paradigm, aims to understand the love relationships connected to the subjectivity in the choice of a homosexual object. Through a qualitative method based in the realisation of semi-structured interviews the love relationships of four homosexual men, with ages within the 24 and 29 years old, are looked through, with the goal of owning life narratives and deepening the review of the latent content. Nonetheless the specificity of every single person, this study aims to identify a standard that may help to understand how they experience their relationships. Throughout our analysis it was possible to verify that the internalization of the parental imago representations were fundamental, constituting the bottom for a matrix of the elaboration of identifications and, consequently, the construction of object relationships.

Key-words: love, male homosexuality, identifications

# ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO .....	9
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	9
2.1 O Amor em Platão .....	9
2.2 O Amor e a Psicanálise .....	11
2.2.1 O Amor em Autores Freudianos.....	11
2.2.2 O Amor nas Relações de Objeto.....	14
2.2.3 Contributos recentes para a compreensão do Amor:.....	19
2.3 A Homossexualidade Masculina.....	21
2.3.1 O Masculino na teoria Clássica.....	21
2.3.2 Identificação e Identidade Género.....	22
2.3.3 A Representação de Casal Parental e a Escolha Objetal .....	23
2.4 O Amor na Homossexualidade Masculina .....	26
2.5. Objetivos do Estudo .....	28
III- MÉTODO .....	29
3.1. Delineamento.....	29
3.2. Caracterização da amostra.....	30
3.3. Instrumento.....	30
3.4. Procedimento.....	34
IV- RESULTADOS .....	38
4.1. Desenvolvimento do Eu .....	38
4.2. Objetos Internos.....	41
4.3. Identificações .....	43
4.4. Representações Internas do Feminino e do Masculino .....	44
4.5. Relações com as Figuras Parentais.....	45
4.6. Representação do Companheiro.....	48
4.7. O Amor .....	48
V- DISCUSSÃO E CONCLUSÕES .....	53
5.1. Desenvolvimento do Eu .....	53
5.2. Objetos Internos.....	54
5.3. Identificações .....	54
5.4. Representações Internas de Masculino e de Feminino .....	55
5.5. Relações com as Figuras Parentais.....	56
5.6. Representação do Companheiro.....	57

5.7. O Amor .....	57
VI - CONCLUSÃO .....	60
REFERÊNCIAS.....	62

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>ANEXO I</b>	1º Guião da Entrevista.....	67
<b>ANEXO II</b>	2º Guião da Entrevista Aplicado ao Rui.....	69
<b>ANEXO III</b>	2º Guião da Entrevista Aplicado ao Pedro.....	70
<b>ANEXO IV</b>	2º Guião da Entrevista Aplicado ao Ricardo.....	71
<b>ANEXO V</b>	Carta de Consentimento Informado.....	72
<b>ANEXO VI</b>	Excertos das Entrevistas do Rui.....	73
<b>ANEXO VIII</b>	Excertos das Entrevistas do Pedro.....	85
<b>ANEXO IX</b>	Excertos das Entrevistas do Ricardo.....	93
<b>ANEXO X</b>	Excertos das Entrevistas do Carlos.....	108

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Caracterização dos participantes.....	30
--	----

## I. INTRODUÇÃO

No presente estudo pretendemos analisar as relações amorosas entre homens homossexuais e identificar a internalização de padrões, com base na observação da construção da sua identidade, das suas identificações e das suas escolhas objetais, indo ao encontro da forma como experienciam as relações. Neste sentido pretende-se compreender as vivências do sujeito e antever o seu percurso de desenvolvimento a partir do seu ponto de vista. Na coerência desta investigação, assente sobre os pressupostos do paradigma psicanalítico, apresentaremos um enquadramento teórico com o desígnio de posicionar teoricamente o entendimento sobre a subjetividade do amor, dando conta das relações de objeto e de contributos recentes sobre o amor. Seguindo para a homossexualidade masculina, revendo conceitos como a masculinidade na teoria clássica, identificações e identidade género, bem como a internalização de casal parental. Por fim, ainda nas teorias psicanalíticas une-se o amor e a homossexualidade masculina, apresentando estudos recentes acerca das relações amorosas em casais homossexuais. Prossegue-se para a descrição do objetivo do estudo e para o contexto metodológico utilizado, onde se expõe o delineamento da nossa investigação, a caracterização dos participantes, a descrição do instrumento e a explicação do procedimento. A análise de narrativas, distribuídas em sete categorias distintas, servirão como ponto de partida na discussão dos resultados. A última parte culmina com uma conclusão do estudo, considerando as suas limitações e alusões para próximos estudos.

## II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 2.1 O Amor em Platão

O que é o Amor? Uma questão que nos acompanha desde a Grécia Antiga, a partir da obra de Platão, “O Banquete” encontramos algumas das respostas elaboradas a essa questão. Segundo o autor é incompleta a conceção de uma pura utopia platónica. A obra ilustra o discurso de Erixímaco, Aristófanes, Fedro, Pausânias, Aristodemo e Sócrates acerca do Amor, no entanto só mencionarei alguns filósofos que considero terem contributos mais pertinentes para o seguinte estudo. Neste sentido, Pausânias destaca-se quando afirma que o Amor satisfaz as pessoas que se apaixonam indiferentemente por mulheres ou por rapazes e que amam os corpos em vez das almas. Como tal, o que

procuram é a mera satisfação dos impulsos. O filósofo destaca a distinção entre Afrodite celeste e Afrodite popular asseverando que este tipo de Amor provem da Deusa Celeste que nasceu com ambos os sexos (masculino e feminino). Prosseguindo o seu discurso Pausânias declara que o Amor não tem uma natureza simples, não é belo ou feio em si mesmo, existindo uma superioridade do Amor da alma ao amor físico, pois aquele que ama alguém pela sua beleza interior permanece fiel (Platão, 2006).

Já Aristófanes afirma que existem mutações na natureza humana, isto é, os seres humanos encontravam-se repartidos em três géneros, o macho, a fêmea e o Andrógino, que é a junção de ambas as características do masculino e do feminino, fundamentando-se na bissexualidade originária. Para Aristófanes o Amor entre os homens repõe a condição primordial e a procura em dois homens de um único, sendo esta a cura da natureza humana. Deste modo, cada um de nós encontra-se dividido em metade e o que cada um procura é a sua outra metade. Os seres que resultam de um corte de um ser misto levam à heterossexualidade, enquanto um corte de um ser feminino ou masculino conduz à homossexualidade. Aristófanes conclui que quando um homem procura outro homem, procura a sua semelhança (Platão, 2006).

Sócrates encerrou o debate deixando todos perplexos pela sua sabedoria e palavras acerca do Amor. A sua visão sobre o amor releva que este é uma expressão de uma necessidade, e quando completada conduz a outra necessidade. Assim, assevera que o amor primordial pela beleza física pode ser modificado numa metafórica de amor, um amor sábio e de virtudes abstratas, que permite o preenchimento da alma. Para Sócrates a natureza não encontrará auxiliar melhor do que o Amor, e por sua vez, todos os homens devem homenagear o Amor, sendo que tudo o que dele provem é para si um objeto de devoção especial. Para terminar Sócrates afirma: *“E por isso não deixo nem deixarei, dentro das minhas possibilidades, de elogiar o Amor pelo seu poder e pela sua coragem”* (Platão, 2006 pág.86).

Ao longo da sua obra, Platão privilegiou-nos com diversos elogios sobre o amor. O filósofo permitiu o entendimento da ligação existente entre o amor divino e amor terreno. Foram muitos os contributos que Platão forneceu na compreensão do amor, sendo mais tarde reutilizados pela teoria psicanalítica.

## **2.2 O Amor e a Psicanálise**

### *2.2.1 O Amor em Autores Freudianos*

A definição de amor tem sido um mistério doce para a humanidade. De acordo com Altman (1977), o amor tem uma biologia inquestionável, sendo uma química que se manifesta na sua fisiologia e pode ser considerada na sua anatomia. A investigação sobre o Amor não era abordada pela psicologia científica, até que Freud começou as suas pesquisas sobre as profundezas do comportamento humano. De acordo com o autor, o amor e a libido estão relacionados, no sentido em que a última é um substrato da primeira, no entanto, este afirma que o amor é mais do que a expressão da energia sexual. Deste modo, Altman (1977), indica que o amor pode ser fatal, constrangedor, temido, ou desarticulado, e ainda que a sensação de onnipotência grandiosidade e perfeição, tendo em conta o narcisismo que perdura no amor do objeto, assume formas diferentes de expressão em homens e mulheres, pois as vicissitudes do amor estão inter-relacionadas com todos os aspetos do desenvolvimento humano, não conseguindo assim encontrar uma definição concreta do que é o amor (Altman, 1977).

Bergmann (1988) vem ressaltar que Platão foi o primeiro a pensar sistematicamente sobre a natureza do amor e a reunir pontos de vista sobre o assunto. No entanto, os gregos nunca mencionaram a capacidade de se apaixonar e manter a fidelidade conjugal prolongada. No século XVII, houve uma mudança, o facto de nos apaixonarmos e mantermos o amor dentro do vínculo conjugal tornou-se possível. Quando Freud, influenciado por Platão mencionou o amor, pegou nessa perspectiva, embora existisse uma clivagem evidente, no sentido, em que algumas das suas ideias pertencem ao apaixonar-se e outras à capacidade de amar (Bergmann, 1988). Freud elaborou três teorias distintas sobre o amor. A primeira teoria foi a descoberta da sexualidade infantil, na obra “Three Essays on the Theory of Sexuality” (1905). A teoria popular acerca da pulsão sexual, vem da conceção da fábula poética da divisão do ser humano em duas metades, homem e mulher, que visam unir-se de novo no amor (Freud, 1905). Tendo em conta, a sua investigação sobre os desvios em relação ao objeto e ao alvo sexual, possibilitou Freud (1905) observar que os objetos não são fixos, isto é, não é predefinido que um homem tenha atração por uma mulher. Neste sentido, quando o objeto sexual do homem é um homem e não uma mulher, o autor define-os como “os invertidos” e classifica-os em três tipos que são, os invertidos absolutos em que o objeto sexual só pode ser do mesmo sexo,

os anígenos em que o objeto sexual pode pertencer a ambos os sexos e os ocasionais que como o nome indica, é algo que só acontece em condições extremas.

Assim, “os invertidos” mostram um comportamento variável sobre a individualidade da sua pulsão sexual. Alguns aceitam a inversão como algo natural, enquanto outros rejeitam-na. O autor refere ainda que a bissexualidade pode ser uma característica universal presente em todos os seres humanos, no sentido, em que a pulsão não traz consigo o objeto. Freud (1905), supõe que nos invertidos houve uma fixação na mãe e identificação com esta nos primeiros anos da sua infância, de forma, a que se tenham tomado a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo procuram homens jovens e parecidos com a sua própria pessoa, a quem amam como a mãe os amou. O autor afirma que a conduta sexual se define após a puberdade em função de aspetos constitucionais e acidentais.

De acordo, com Bergmann (1988) a segunda teoria é relacionada com a descoberta do narcisismo e indica que não só o pai, mas também o próprio pode constituir um modelo de um objeto de amor. As escolhas narcísicas de objeto podem ser imagens do espelho do eu, imagens passadas de si, ou projeções do próprio ideal do ego. Freud (1914) afirma que uma atitude narcísica surge quando a libido é retirada do mundo externo e dirigida ao ego. O autor distingue dois tipos de narcisismo, o narcisismo primário e o narcisismo secundário. Assim, o narcisismo primário surge no princípio da vida quando ainda não há investimento nos objetos exteriores. Por sua vez, uma fonte do narcisismo primário é um investimento daqueles que circundam a criança durante os primeiros tempos de vida, que são geralmente os pais. De acordo com Freud (1914), o amor dos pais pelos filhos é o narcisismo dos pais ressurgido e modificado em amor objetal. O narcisismo secundário ocorre quando a libido é retirada dos objetos externos e investida nos objetos da fantasia. Deste modo, constitui-se após um investimento nos objetos e um posterior retorno ao ego.

Metapsicologicamente falando, Freud observou o amor como uma enorme transformação da libido narcísica em libido objetal. Neste sentido, esta transformação, bem como a projeção do ideal do ego explica a sobrevalorização do objeto de amor pelo amante. A formação de um ideal do ego é muitas vezes confundida com a sublimação da pulsão, o que prejudica a nossa compreensão dos factos (Bergmann, 1988). A escolha objetal narcísica é segundo Freud (1914), amar se a si mesmo nos outros através da semelhança, pois todo o amor objetal comportaria uma parcela de narcisismo. Neste sentido, o objeto representa um reflexo do eu. O retorno da libido objetal ao ego e sua transformação em narcisismo representa por assim dizer, um amor feliz e, por outro lado,

é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primordial em que a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas. Assim, o desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá origem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esta é feita por meio do deslocamento da libido para um ideal do ego imposto de fora e pela satisfação que é provocada ao cumprir este ideal (Freud, 1914).

Por fim, a terceira teoria, é explanada em “Instincts and Their Vicissitudes” (1915). Freud (1915) preocupou-se em investigar as pulsões, o que o levou a designar a existência de necessidades sexuais por “pulsões sexuais”. A introdução dos termos “objeto” e “alvo sexual” surgiram levantando algumas questões. O “objeto” refere-se à pessoa de quem provém a atração sexual e o “alvo” é para onde a pulsão se dirige. Inicialmente, o autor partiu do pressuposto que o ser humano estava dividido em duas metades – homem e mulher – que procuram a união, no entanto percebe que esta procura não é linear. Neste sentido os desvios que ocorrem revelam a complexidade da relação pulsional entre “objeto” e “alvo”, salientando a satisfação. Freud (1915) considera que a pulsão se encontra na fronteira entre o mental e o somático. A pulsão é o que leva à atividade e o seu objetivo é a satisfação. Freud (1915) definiu que os sujeitos estão subjugados ao princípio do prazer, isto é, são regulados por sensações de prazer-desprazer.

Quando Freud (1905) intitula “pulsão” afirma que todo o estímulo oriundo do corpo é representado pelo aparelho psíquico e é movido pelo princípio do prazer, tendendo à satisfação. A inversão afeta apenas os objetivos dos instintos, em que o objetivo ativo passa a ter uma finalidade passiva. Já a inversão de conteúdo é encontrada na instância única da transformação do amor em ódio. O amor restabelece a união com o objeto e o ódio separa, existindo assim uma ligação entre ambos, pois as emoções são dirigidas ao mesmo objeto. Para o autor o amor pode ser considerado como um complemento especial da sexualidade e amar não admite apenas um oposto, mas sim três. Pois além de amar em oposição a odiar, existe o amar em oposição a ser amado e o amar em oposição a indiferença. O amar e ser amado corresponde à transformação da atividade para a passividade. Esta disposição remete para uma característica narcísica, pois é a amar-se a si mesmo. O terceiro oposto é amar e indiferença que ocorre quando o ego não retira prazer do mundo externo. A indiferença é o contrário do amor e do ódio, no sentido em que não existe qualquer relação com o objeto. Assim, uma pré-condição para amar é um ego maduro, no sentido que o amor acarreta diversos impulsos e afetos tanto positivos

como negativos (Freud, 1915). Daqui decorre que Freud (1915) se apercebeu de que o amor é um sentimento altamente complexo.

Segundo Bergmann (1988), depois de Freud se aperceber que o amor não poderia ser concebido em termos de uma dualidade simples admitindo os três opostos, concebe mais tarde, o amor enquanto relação do ego total com o objeto total. Significando isto que para o autor a maioria dos adultos têm um pré-requisito único e individual para amar. A paixão à primeira vista, de alguma forma lembra o trabalho do sonho. Por analogia com a teoria do sonho, o impulsionador do amor é o desejo edipiano proibido, a pessoa que se apaixona desperta o desejo latente pela semelhança do novo objeto ao velho objeto edipiano. A qualidade do sonho que é típico de se apaixonar pode ser devido à ausência de participação ou diminuição da capacidade de teste de realidade do ego (Bergmann, 1988).

O autor concluiu que as três teorias de Freud foram modificadas por desenvolvimentos posteriores, no entanto, nenhuma perdeu validade. A contribuição mais duradoura de Freud, que separa a visão psicanalítica sobre o amor de outras disciplinas, é a consciência da ligação entre amor adulto e amor na infância. Surgiram no reino do amor diversos termos, tais como, pré-condição para amar, o amor narcísico e amor genital. Mas, Bergmann (1988) afirma que uma formulação psicanalítica da natureza do amor ainda está por vir. Contudo, quando confrontado com a questão, “Porque é que o amor é tão central para a existência humana?”, deparou com a resposta implícita na primeira teoria de Freud, no sentido em que, precisamos amar e ser amados, porque a nossa infância prolongada revelou-nos como somos dependentes do amor parental. A díade mãe-filho original é de tal importância esmagadora que ansiamos reencontrá-la (Bergmann, 1988).

### *2.2.2 O Amor nas Relações de Objeto*

Ross (1991) reuniu diversas definições e teorias formadas acerca do amor. Apercebendo-se que a psicanálise mostrava grande relutância em enfrentar o amor adulto, privilegiou as descrições mais detalhadas da sua fenomenologia. Com isso em mente, definiu o amor como uma disposição afetiva complexa e um tanto conflituosa, evocada pela imagem de outra pessoa. Mais concretamente um pouco como um estado de espírito, caracterizando-se por períodos de excitação passional e repouso íntimo (Ross, 1991).

Segundo o autor, o que quer que os seus percursos infantis possam ser, o amor surge necessariamente como um fenómeno adolescente, adulto ou jovem imaturo. Nesta conjuntura, o poder do amor romântico leva o individuo a separar as injunções e idealizações dessexualizadas ligadas às imagens dos seus pais, reorganizando a construção do superego e criando a sua própria ética. Assim, embora possa haver outras rotas para a maturidade, a sensação de se estar apaixonado contribui para o crescimento de uma pessoa (Ross, 1991).

De acordo com o autor, a Psicanálise foi desenhada por Freud para ser uma psicologia do amor. No que viria a tornar-se uma norma estabelecida, Freud veio buscar os protótipos infantis de paixões adultas (Arlow, 1980, cit. por Ross, 1991). Todo o sentimento de estar apaixonado foi em primeiro lugar ancorado à sexualidade, através de uma sequência evolutiva de zonas erógenas e formas através das quais a libido se manifestou. Em segundo lugar, ligava-se às pessoas ou aos objetos que tinham gratificado primeiro essas diversas formas de expressão. Ross (1991) refuta a teoria de Freud (1915), de que todo o amor pode vir a ser reduzido a uma espécie de amor transferência em que as imagens dos pais impõe-se e são redescobertas no presente. Segundo Ross (1991) a teoria Freudiana supõe a existência de um tipo de amor onde é possível uma medida de satisfação libidinal.

O amor sexual maduro permite a capacidade de relacionar idealização com erotismo e promover a consolidação de uma relação de objeto profunda (Kernberg, 1995). Muitas das teorias acerca das relações de objeto vêm ressaltar que o sujeito é motivado, desde os primeiros momentos de vida, pela necessidade de ter relações significativas com o objeto (Fairbairn, 1952; Summers, 1994, cit. por Zosky, 1999). O mundo interno do sujeito é constituído por relações de objeto internas que se apresentam por alguns padrões fixos, outros fluidos, tanto conscientes como inconscientes. Segundo o autor, a forma como o sujeito vive a realidade externa é influenciada pela dinâmica do mundo interno, embora a experiência da realidade externa também influencie a dinâmica interna. A formação e a manutenção das relações de objeto são o promotor principal do comportamento humano (Fairbairn, 1949, cit. por Zosky, 1999).

Melanie Klein foi pioneira no desenvolvimento da psicanálise para crianças e referiu uma série de aspetos relativos à primeira relação objetal, considerando-a a base de todas as futuras relações que o sujeito irá estabelecer e por sua vez, contribuir e determinar a construção da sua estrutura psíquica. De acordo com a autora esse objeto originário quando introjetado, fica enraizado no ego em segurança, estabelecendo assim, uma boa

base de desenvolvimento. No decorrer, do seu percurso percebeu que a inveja é um fator muito poderoso que mina as raízes dos sentimentos de amor e gratidão, tendo como capacidade, o rompimento de qualquer tipo de relação do sujeito com um objeto amado. O que poderia indicar que as origens deste sentimento são muito precoces e podem afetar a relação com a mãe, o primeiro objeto de amor (Klein, 1957).

Neste sentido, Klein (1957) abordou duas posições, a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva. Relativamente à posição esquizo-paranóide, definiu-a como uma forma de relação com o objeto que ocorre nos primeiros três/quatro meses de vida. O bebê inicia uma relação de objeto através das primeiras experiências com a alimentação e a presença da mãe, no entanto, essa relação é primeiramente uma relação com um objeto parcial, o seio materno, o qual passa a ser o representante do instinto de morte (mau seio), quando vivenciado como hostil e devastador ou como representante do amor, da bondade e da gratificação (bom seio). O seio de gratificação também conduz à frustração, tornando-se assim num objeto clivado, bom e mau. Com efeito, quando o bom objeto é idealizado a sua introjeção defende a criança da angústia persecutória, no entanto, a introjeção do mau objeto pode causar angústias extremas. Estes primeiros objetos introjetados constituem o núcleo do superego (Klein, 1957).

Segundo a autora, a posição depressiva tem uma importância particular na construção da relação com o objeto. Ocorre no quarto mês de vida e vai sendo superada ao longo da infância, sendo reativada na vida adulta, através do luto e de estados depressivos. É na posição depressiva que a criança começa a ser capaz de apreender a mãe como objeto total. A clivagem ente o bom e o mau objeto começa a atenuar-se, no sentido que as pulsões libidinais (amorosas) e hostis tendem a referir-se ao mesmo objeto. Como tal, nestas modificações, a angústia incide na perda do objeto, sendo esta angústia, denominada depressiva pois, deve-se ao medo que a criança sente de destruir e perder a mãe por causa do seu próprio sadismo. Nesta nova realidade do bebê, todas as experiências positivas e negativas reforçam o conflito inato entre o amor e o ódio, entre os instintos de vida e de morte, que resultam no sentimento que existe um único objeto que é preciso defender, sendo a vida emocional precoce caracterizada pelo sentimento de perda e de ganho do bom objecto.

Quando todo o desenvolvimento decorre normalmente, o bebê adquire uma forte capacidade de gratidão e de amor, pois interioriza todas as qualidades que constituem o bom seio, apercebendo-se o que existe de bom nos outros e em si mesmo. Possibilitando a capacidade de amar, ser amado e partilhar o seu objeto de amor sem sentimentos

excessivos de posse. Deste modo, é essencial que os bebês adquiram a capacidade de suportar estados temporários de inveja e ódio mas sem que o objeto amado seja colocado em causa e fique completamente danificado, permitindo que a estabilidade do ego se desenvolva. Assim, a relação inicial torna-se a base de todas as relações futuras pois a gratidão tem origem nas emoções e atitudes da mãe. O bebê apenas se consegue sentir satisfeito se a sua capacidade de amar for suficientemente desenvolvida, mas esta satisfação é também o que permite que a gratificação se desenvolva pois à medida que o desenvolvimento vai ocorrendo, o bom seio vai também sendo interiorizado com relativa segurança e essa gratificação plena é sinal de que o bebê recebeu algo do objeto amado que merece ser guardado.

Por sua vez, inicia-se a aceitação e assimilação do objeto amado que protege e ama o self do sujeito e do self que ama e protege o objeto amado. Como a inveja interfere na gratidão, o sentimento de ter danificado o bom objeto irá prejudicar a confiança do sujeito nas suas relações posteriores. Segundo Bergmann (1982), é possível a reparação do objeto amado, a partir de três situações. A primeira situação ocorre quando o amor adulto edifica um conflito entre a escolha de objeto fundamentada na representação das imagens infantis e as forças do ego que procuram resistir a essa redescoberta. Este conflito ocorre quando os pais não conseguem construir uma base satisfatória para a criança. Assim, se a escolha de objeto for distante dos modelos infantis, denota que o ego conseguiu ultrapassar a compulsão à repetição. A segunda situação verifica-se quando o novo objeto é uma reimpressão dos objetos antigos, o que determina que o ego não foi capaz de contrariar a compulsão à repetição. Por fim, quando as imagens parentais constroem bons alicerces, não há razão para o ego se afastar das escolhas apoiadas nos modelos infantis. Com efeito, uma boa relação estabelecida com a mãe, sem demasiada inveja, o medo de perdê-la é menor e a capacidade de partilhá-la é maior, conseguindo assim o bebê, sentir mais amor pelo segundo objeto, o pai (Klein 1957).

Kernberg (1974) propôs que a capacidade do sujeito se apaixonar e permanecer no amor, reflete a conclusão bem-sucedida de duas fases de desenvolvimento. Na primeira fase, a capacidade de estimulação sensorial precoce de zonas erógenas, é integrada com a capacidade posterior para estabelecer uma relação total de objeto. Na segunda etapa, o prazer genital completo, incorpora o gosto do aspeto corporal no contexto de uma relação total de objeto, que inclui como complemento a identificação sexual mútua. O primeiro estágio desenvolve-se gradualmente e subtilmente durante os primeiros cinco anos de vida. Ele está relacionado com a integração normal da

internalização das relações de objeto, o que leva a um autoconceito integrado e uma conceção integrada dos outros, e por sua vez, acompanha a capacidade concomitante para as relações em profundidade com outros significativos. A eliminação das barreiras de proteção contra o que é primitivo e os afetos difusos que são dirigidos para objetos edipianos traz consigo o perigo, não só de perder a identidade, mas também da libertação da agressividade internalizada e da agressividade externa contra os objetos que poderiam retaliar.

O estabelecimento de relações intensas de amor liberta a agressividade primitiva no relacionamento, no contexto da ativação recíproca das relações de objeto patogênicas recalçadas ou clivadas da infância de ambos os parceiros. É neste ponto que a integração do superego e a maturação, ou seja, a transformação de proibições primitivas e sentimentos de culpa relativos à agressividade em preocupação mais madura para com o objeto, é necessária para proteger a relação com o objeto amado (Kernberg, 1980). É importante para o estabelecimento de relações de objeto maduras que se associe a paixão às memórias da fase simbiótica e o amor à necessidade de um ego maduro, neste sentido Bergmann (1980) enaltece as cinco principais funções do ego. Primeiramente é importante que o ego consiga avaliar as capacidades reais do ser amado. Em segundo, deve incluir no novo objeto de amor, representações de antigos objetos de amor. Terceiro, o ego tem o dever de proteger o novo amor do tabu incestuoso. Quarto, as exigências do id devem ser minimizadas, na qual permanece a ideia de gratificação e de satisfação total. Por fim, o ego deve precaver a escolha de objeto patológica.

Através dos estudos acerca da interação do amor e da agressividade na relação emocional de um casal, Kernberg (1991), sugeriu que a capacidade de uma pessoa se apaixonar é um pilar básico na relação de um casal, envolvendo a capacidade de vinculação, de idealização e de erotismo, que implicitamente potencia o estabelecimento de uma relação de objeto em profundidade. A sua definição de perversão é a utilização do amor ao serviço da agressividade, em que a consequência é a predominância do ódio sobre o amor, e a sua expressão essencial é a quebra de fronteiras, que normalmente protegem a relação de amor (Kernberg, 1985). Segundo o autor, tanto para o homem como para a mulher, a relação de amor representa a ousadia de se identificarem com o casal edipiano e superarem a barreira edipiana ao mesmo tempo. É por meio da identificação projetiva, que cada parceiro tende a estimular nos outros, características do passado edipiano, com as quais experimentaram conflitos em torno da agressividade (Kernberg, 1991).

Deste modo, a sua hipótese evidencia que alguns casais podem ter um relacionamento profundo e estável, apesar ou mesmo devido à agressividade e à violência presente na sua vida amorosa (Kernberg, 1991). A capacidade de se relacionar com o próprio eu em profundidade, bem como com os outros, através da integração derivada do self e das representações de objeto, parece ser um pré-requisito básico para uma relação profunda e duradoura entre duas pessoas que se amam (Kernberg, 1980).

### *2.2.3 Contributos recentes para a compreensão do Amor:*

Mitchell (1997) abordou o amor romântico, afirmando primeiramente que este tem ocupado um lugar curioso dentro da psicanálise ao longo do seu desenvolvimento. Segundo o autor a psicanálise preocupou-se mais com o amor e as suas vicissitudes do que com qualquer outra emoção ou motivação. Um dos projetos centrais de Freud foi justamente a desconstrução do amor romântico, pela exposição dos seus objetos proibidos e dos seus fundamentos incestuosos. A exploração de Freud sobre o conflito entre os sentimentos sexuais e protetores, entre a mãe como objeto de desejo e a mãe como provedora de segurança e conforto, foi muito importante. Mas mudou a sua conceção e o conflito central deixou de ser entre os impulsos eróticos e a segurança, para passar a ser entre a libido e a agressividade. Freud acabou por apresentar uma conceção do amor contida na sexualidade excluindo dela o romance.

De acordo com Mitchell (1997), o amor romântico tornou-se quase paradigmático da experiência transcendente. O amor cortês era ao mesmo tempo erótico e sagrado. Como exemplo, a senhora amada pelo cavaleiro, ao qual ela lhe é desconhecida e vislumbrando-a apenas de longe, permitiu a abertura da possibilidade de se superar os limites do conhecido. Considerando um lugar central na idealização do amor, na paixão romântica o amante atribuiu um valor ilusório ao amado, tornando-se numa personificação de ideias de beleza, poder, perfeição. De acordo, com a teoria psicanalítica geralmente a visão da dimensão do amor idealizado é sombria, no sentido em que este é caracterizado como fundamentalmente regressivo e defensivo. Freud (1914) denominou a “sobrevalorização” da pessoa amada como consequência da projeção de um segmento de narcisismo primário para o outro, pois a pessoa amada é tão perfeita e completa, como um bebé muito pequeno que se ama a si mesmo. O autor considerava a idealização do outro como imatura e perigosa, pois esgotava o ego do seu próprio narcisismo (cit. por

Mitchell, 1997). Também na teoria Kleiniana a idealização foi considerada como uma defesa contra a agressividade destrutiva porque o amor é em si instável e menos desejável do que uma relação ambivalente mais madura com o objeto (Mitchell, 1997).

Ross (1991) ressalva a importância de se conciliar a segurança e a paixão não apenas na infância mas também na vida adulta. Posteriormente Mitchell (1997) destaca a importância da segurança quando afirma que o amor acarreta duas necessidades essenciais, a necessidade de estabilidade e segurança e a necessidade de aventura, prevalecendo uma dicotomia entre o amor e o desejo. Segundo o autor, a necessidade de o sujeito sentir que se conhece tanto a si mesmo como ao outro, é uma necessidade poderosa, tanto para as crianças como para os adultos. Embora, nas relações humanas, a segurança e a previsibilidade sejam difíceis de encontrar. Neste sentido, o romantismo autêntico, em contraste com as suas formas degradadas, não se separou do anseio de segurança e previsibilidade, encontrando-se numa relação dialética contínua com os mesmos (Mitchell, 1997).

Os Kleinianos deram contributos muito importantes acerca do estudo da ansiedade depressiva. O desejo é arriscado e perigoso, o querer algo de alguém importante é inevitavelmente colocar-se em risco. Como tal a solução para este problema é regredir à posição esquizo-paranóide, no sentido, em que o objeto que dececiona é mau e se encontra no exterior. Outra solução é a reversão maníaca, em que é atribuída ao objeto a necessidade do sujeito. Como forma de segurança nos relacionamentos, os amantes destroem as suas expectativas, a partir de um pacto de previsibilidade ilusória, diminuindo a agressividade, no entanto ao reduzirem as expectativas estão também a diminuir a paixão. Se pensarmos como os Kleinianos, toda a dependência é potencialmente humilhante. O amor que é vivido de uma forma dependente é necessariamente perigoso porque acarreta agressividade (Mitchell, 1997).

Deste modo, Mitchell (2002) vem asseverar que as relações amorosas duradouras concedem um carácter mais perigoso e vulnerável ao amor, no sentido que envolve uma grande dependência de outra pessoa. Conforme o amor vai durando a dependência vai aumentando e para que o amor romântico perpetue é preciso aceitar a vulnerabilidade. Assim, o autor afirma que muitas vezes, o sujeito invoca inconscientemente operações de segurança, que podem manifestar-se ao nível da sexualidade, da idealização e da agressividade, no entanto, intervêm muitas vezes na continuidade da relação.

## **2.3 A Homossexualidade Masculina**

### *2.3.1 O Masculino na teoria Clássica*

Freud (1905), no decorrer do seu estudo acerca da sexualidade infantil, destaca primeiramente o sugar como um modelo das manifestações da sexualidade. A finalidade deste comportamento não está na satisfação das necessidades (nutrição), no sentido em que a criança suga várias coisas que não são relacionadas com a alimentação produzindo uma reação de relaxamento, que o autor denomina como uma espécie de orgasmo. Como tal, nesta manifestação sexual a pulsão é autoerótica, pois é desprovida de objeto e voltada para o próprio corpo. É na puberdade que as pulsões parciais se submetem ao primado da genitalidade. A libido que era autoerótica (libido do ego) procura então o objeto sexual (libido do objeto). Estas mudanças segundo Freud (1905) acontecem concomitantemente às renovações físicas da puberdade, mais especificamente as alterações dos genitais, que permitem a obtenção do prazer de satisfação da atividade sexual. Estas alterações segundo Freud (1905) acontecem na puberdade resultando diferenciação sexual cada vez maior, já que os dois sexos terão funções distintas. No entanto, o autor questiona-se a respeito do que seria o masculino e o feminino. A conceção de masculinidade ou o desenvolvimento de masculinidade era concebido por Freud (1915) com base nas identificações ao pai e na rejeição do feminino.

De acordo com Stoller (1979), com base na experiência com pacientes transexuais afirma que a reversão pode ser compreendida com base na dinâmica familiar e não, num distúrbio biológico (Stoller, 1968, 1975, cit. por Stoller, 1979). O autor, no seu estudo relata o caso de Jack, que no “controlo” da sua investigação, concluiu que era uma mulher transexual, biologicamente normal a quem atribuíram a identidade feminina à nascença e que se comportou de forma naturalmente masculina, pretendendo ser um menino. Uma característica comum nos pacientes estudados foi o facto de ter havido na infância uma rutura na relação mãe-bebé. Muitas vezes, a mãe ficou incapacitada tendo sido diagnosticada com depressão e outras doenças mentais ou por doenças prolongadas físicas nos primeiros anos da sua filha. Essa simbiose fragmentada foi equilibrada por uma estreita relação com o pai, que manteve a proximidade incentivando a sua filha a agir e a identificar-se com a sua masculinidade (Stoller, 1979). O autor concluiu que a identidade de género é contruída a partir das identificações que a criança estabelece com os seus objetos de amor.

Recentemente, Corbett (2008) vem asseverar que com o desenvolvimento da sociedade estamos perante uma reconceptualização da masculinidade, existindo um processo que edifica a forma complexa dos elementos socioculturais em interação com elementos biológicos, conduzindo ao desenho de novas compreensões sobre a variedade de existentes masculinidades.

### *2.3.2 Identificação e Identidade Género*

Segundo Freud (1921), a forma primordial de vínculo emocional com outra pessoa é a identificação, desempenhando esta uma função importante na formação do Complexo de Édipo. O autor distingue a identificação da escolha objetal, não sendo coincidentes. Deste modo, a diferenciação depende do vínculo do sujeito ao objeto do ego. Na identificação ocorre a tentativa de se moldar o próprio ego de acordo com a característica do indivíduo que foi introjetado como modelo (cit. por Passos & Polak, 2004). Na base do processo de identificação reside dois fatores, o caráter triangular da posição edipiana e a bissexualidade constitucional de cada sujeito. O complexo de Édipo está dividido, numa extremidade temos o Édipo positivo que ocorre quando o menino se identifica com o progenitor do mesmo sexo (pai) e rejeita o progenitor do sexo oposto (mãe). O Édipo negativo acontece quando o menino se identifica com o progenitor do sexo oposto (mãe) e rejeita o progenitor do mesmo sexo (pai). No entanto, de acordo com Benjamin (1996) a resolução do conflito edipiano não é o limite do desenvolvimento das identificações que fortalecem o género. Segundo a autora, ao nível dos ideais de género estão presentes as identificações edipianas que são um conjunto poderoso de fantasias, não impedindo a formação de outras identificações.

Ao longo do desenvolvimento do sujeito, a diferenciação sexual é processada psiquicamente em direção à escolha de objeto. Isto acontece a partir dos movimentos identificatórios e contra-identificatórios nos níveis simbólico, imaginário e fantasmático, o com efeito permanece vinculado em maior ou menor proporção nos investimentos libidinais presentes nesse processo. (Passos & Polak, 2004). De acordo com a teoria Freudiana, o desenvolvimento homossexual manifesto, começa sempre com uma fase de intenso amor para com a mãe que leva à identificação com a mesma. Inspirando-se nesta identificação, o homem posteriormente escolhe-se a si mesmo como objeto sexual, a fim

de se amar e, posteriormente amar, o outro homem da mesma forma que ele foi amado por sua mãe (Blechner, 2006).

Goldner (1991) afirma que uma identidade de gênero internamente consistente é possível ou mesmo desejável. Começando com a ideia de que a partir de uma perspectiva psicanalítica, a construção da “identidade” é problemática e implausível. De facto, a ideia de uma identidade de gênero unificada só faz sentido como uma resistência e um empobrecimento. Segundo a autora, o menino que ao seguir a injunção da mãe, cresça para ser forte como o pai teria que construir um falso eu, distanciando-se da necessidade de fidelidade para com a mãe e vencer o pai. Posto isto, na identificação com o pai, o menino está a expressar um objeto de amor que constituiria uma traição à mãe. Além disso, mesmo que o pai não esteja disponível para o menino ele vai segundo Ross (1986, cit. por Goldner, 1991) identificar-se com o narcisismo fálico paterno. Por outras palavras, ele irá por padrão identificar-se com o que se chamaria a categoria simbólica da masculinidade. O menino teria que negar a sua própria feminilidade e, portanto, repudiar a sua identificação com a mãe (Goldner, 1991).

Corbett (2008) afirma que a teoria tradicional de gênero se cingiu a pensar numa teoria binária, isto é, não podemos pensar no gênero para além do masculino e do feminino. O autor refuta Freud (1905), pois no seu estudo sobre a sexualidade focou-se mais na teoria tradicional do gênero, tentando desconstruir a possibilidade de existir uma divisão de masculino e feminino. Para Corbett (2008) a construção da identidade de gênero não provém da identificação com o progenitor do mesmo sexo, afirmando que as identificações são complexas e podem ser efetuadas de múltiplas formas. Aron (1995) ressalva que o gênero deixou de ser definido como biologicamente natural e inalterável, passando a ser construído descobrindo a resistência social entre homens e mulheres. Deste modo, Butler (1990) sugere que as identidades de gênero que não se adaptam às normas culturais são denominadas por falhas de desenvolvimento (cit. Goldner, 1991).

### *2.3.3 A Representação de Casal Parental e a Escolha Objetal*

Frisch e Frisch-Desmarez (2010) no seu estudo sobre relacionamentos duradouros observou que, alguns sujeitos são incapazes de estar numa relação de longo-prazo. Ao explicar afirmam que os sujeitos invocam razões que têm a ver com a realidade externa e não com a sua própria realidade interna. Como tal, parece que experimentam o casal como

uma fonte de perigo para a integridade da sua psique e identidade. Atacando violentamente tudo o que está relacionado com o seu par, por forma a se defenderem. Num relacionamento estes sujeitos conseguem inicialmente vivenciá-lo em harmonia, no entanto depois algum tempo juntos, têm a tendência de atacar o companheiro, por forma a fugirem do sentimento de dependência. Assim, segundo Chabert (2002, cit. por Frisch e Frisch-Desmarez 2010) alguns adolescentes são incapazes de mostrar e reconhecer as suas expectativas em relação ao outro, esforçando-se para denegrir o parceiro ao invés de aceitar o seu objeto.

O Psicanalista é atingido pela importância que os sujeitos dão ao mundo externo, em detrimento do seu mundo interno. Como tal, parece que não foram capazes de internalizar as representações de relações suficientemente sólidas e contínuas para manter uma vinculação de qualidade. Parece que são incapazes de compartilhar qualquer prazer nos relacionamentos. Uma hipótese levantada pelos autores é que o objeto-relacionamento apresenta distorções que influenciam a maneira como eles vêem o casal. Eles rejeitam, com veemência qualquer noção de apego ou dependência e preferem negar a relação afetiva e o seu parceiro, em vez de conhecerem essa dependência mútua. Deste modo, muitas vezes a sua vida afetiva é caracterizada por uma sucessão de encontros apaixonados e conflituosos, coloridos por rupturas frequentes ou com parceiros sucessivos, ou com o mesmo parceiro (Frisch e Frisch-Desmarez, 2010).

Quando estes se tornam pais, experimentam a educação dos filhos como uma obrigação, um dever, um constrangimento e não como um prazer compartilhado. As crianças parecem estar a atender às capacidades narcísicas dos pais. O pai não tem existência como um objeto independente e como tal, não pode ter um papel protetor, como um todo objeto de diferenciação entre mãe e filho ou em suas projeções identificatórias recíprocas reais ou fantasias. Os autores concluíram que como resultado da formação psicanalítica, costumavam pensar sobre o pai, a mãe ou os seus representantes internos como identidades separadas, diferenciadas e complementares, mas não unidos como objetos de casal interno (Frisch e Frisch-Desmarez, 2010).

Assim, de um modo geral o pai é definido como “mediador” ou “terceiro” entre a mãe e a criança, no entanto a forma como estas interações entre pai e mãe como um casal são internalizados, é raramente descrita, exceto em relação a tudo o que é dito sobre a resolução de um relacionamento entre os pais. Embora, os autores pensem que o casal parental interno também é internalizado pela criança em vários objetos internos (Frisch e Frisch-Desmarez, 2010). Segundo Aron (1995) as internalizações e identificações do

sujeito são constituídas pela representação de masculino e de feminino. Como podemos verificar anteriormente, Freud (1921) destacou a importância do vínculo emocional com outra pessoa para se estabelecer uma identificação (cit. por Passos & Polak, 2004).

Corbett (2008) contesta a teoria Freudiana afirmando que veio confundir e comprimir a função ativa do pai. Focando-se nos pais como figuras simbólicas, dando pouca relevância ao modo como estes trabalham para estimular o crescimento ou impedi-lo. E ainda há uma relutância no modo como as famílias se reúnem para transmitir e combinar o psíquico, o simbólico, a cultura e as forças materiais. Segundo o autor, as considerações modernas vão conduzir a uma mudança da teoria edipiana como meio para entender o cenário familiar, perdendo a estrutura fixa social. Neste sentido, não podemos continuar a presumir que o gênero é o pai a transferir masculinidade ao filho e a mãe a transferir feminilidade à filha.

Segundo McDougall (1986) existe a possibilidade de escolha do sujeito diante da castração, a partir da recusa. A autora entende as primeiras relações de cuidados básicos corporais e de afetos entre o bebê e o adulto, como conduzindo a uma vivência da sexualidade que se distingue da norma social, que denomina por neo-sexualidade, que são ilustrados na compulsão à repetição e pela função de suporte narcísico na economia psíquica do sujeito. A autora utilizou o termo neo-sexualidade no sentido de debater a temática da perversão, mas ultrapassando o aspeto depreciativo do primeiro e por sua vez, evidenciando a noção de criação no plano da sexualidade. O caráter compulsivo da neo-sexualidade presta-se muito mais a uma tentativa de superação do perigo, ao invés da satisfação de qualquer categórico edipiano, contrapondo o sentimento de vazio que ameaça o ego. Uma das principais funções de fantasias conscientes na economia psíquica é realizar na imaginação o que é sentido como proibido ou impossível de se efetuar na realidade. Segundo Laplanche (cit. por Sales, 2002), na situação originária, ou seja na origem da fantasia, são os sentimentos sexuais da criança. Para o autor é na emergência da sexualidade parcial da criança que os estados da existência verdadeira de pais e filhos, concedem na construção da fantasia um aspeto total.

Assim, segundo McDougall (1986) uma capacidade limitada de utilizar a fantasia tal como se manifesta em muitos desviantes de sexualidade, testemunha de alguma forma a quebra nas introjeções importantes que ocorrem no que Winnicott (1975, cit. por McDougall, 1986) define como um terceiro espaço de experimentação, isto é, um lugar que representa a transição do bebê de um estado em que este está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado. Os fenómenos

transicionais ocorrem no primeiro semestre de vida da criança, por volta do quarto mês, e consistem numa tentativa de reconhecer o objeto como não-eu, embora ainda de forma precária. Trata-se do intervalo entre a pura subjetividade da infância e o reconhecimento da realidade externa. Na comunicação que os pais têm com os seus filhos, bem como nos seus silêncios, encontram-se as poderosas identificações e operações defensivas que as crianças constroem em relação àquilo que compreendem acerca dos conflitos sexuais dos desejos eróticos inconscientes dos seus pais. Deste modo, inconscientemente o que os pais dizem pode contradizer aquilo que é comunicado conscientemente, despoletando um conflito na mente da criança. Como tal, as escolhas objetais representam as melhores soluções encontradas pela criança no sentido de se proteger, das comunicações contraditórias dos seus pais no que respeita a sexualidade (McDougall, 1999, cit. por Passos & Polak, 2004).

Butler (1995) ressalva que a renúncia a um objeto do mesmo género é uma maneira de proibir o desejo homossexual, como uma perda antecipada, um amor que não pode existir, levando à rejeição e negação. O medo do desejo homossexual pode ser vivido como algo desadequado, como uma falha, associado ao medo de perder a masculinidade. Segundo o autor, o género não é uma expressão da sexualidade, no sentido que este é composto pelo que subsiste deslocado na sexualidade.

Por fim, Kernberg (1980) chama a atenção para a fragilidade da sexualidade masculina em contraste com a feminina. Os homens teriam de mudar da identificação com o objeto primário, a mãe, para a identificação com o objeto secundário, o pai, o que constituiria além de uma fragilidade uma complexificação do desenvolvimento da identidade de género. As mulheres seriam menos ameaçadas pela homossexualidade do que os homens. No entanto, pode-se também levantar a questão de saber em que medida as pressões sociais interferem. Existe, como sabemos uma maior intolerância à homossexualidade masculina do que à homossexualidade feminina (Kernberg, 1980).

#### **2.4 O Amor na Homossexualidade Masculina**

Ao longo dos anos a teoria psicanalítica tem contribuído consideravelmente para a investigação sobre o amor. Como podemos verificar anteriormente, foram muitos os autores que enaltecem a importância do amor, na relação objetal, na identificação e identidade género. No entanto, conseguir reunir uma vasta literatura que ligue o amor às relações homossexuais foi muito difícil, pois ainda existe uma grande relutância no que

concerne à homossexualidade. Deste modo, mencionarei apenas alguns estudos efetuados sobre as relações amorosas homossexuais.

Segundo Blechner (2006), há muitas maneiras de pessoas de diferentes opções sexuais terem relacionamentos significativos e satisfatórios, que podem ser diferentes a partir do implícito ideal psicanalítico freudiano, do casal que sustenta o amor, a intimidade, romance e paixão sexual genital ao longo da vida. Uma alternativa é proposta, baseada no trabalho de Harry Stack Sullivan (1972, cit. por Blechner, 2006), que analisa a capacidade de uma pessoa encontrar o amor, satisfação sexual, segurança e felicidade numa combinação e arranjo que se sente satisfatória e que permite a intimidade interpessoal, sem coagir ou prejudicar outra pessoa.

A falta de pesquisa sobre a qualidade da relação em casais do mesmo sexo pode provir da suposição razoável que o grupo deve funcionar de forma semelhante aos outros tipos de casal (Feeney, 2008 cit. por Mohr, Selterman, & Fassinger, 2013). Deste modo, Ainsworth (1985), uma das principais autoras da teoria da vinculação, argumentou que a principal diferença entre casais do mesmo sexo e heterossexuais é que apenas a última é socialmente admitida. No entanto, para além da importância de testar essa hipótese de similaridade, a pesquisa sobre casais do mesmo sexo é necessária para avançar na compreensão de que o apego se cruza com fatores socioculturais, como socialização de género e estigma social em relação a experiências românticas. Segundo Peplau & Fingerhut (2007), a investigação tem sugerido que as semelhanças entre pessoas do mesmo sexo e casais heterossexuais superam as diferenças, tanto na qualidade do relacionamento, quer nos processos que regulamentam a satisfação e o compromisso (cit. por Mohr, Selterman, & Fassinger, 2013). Estudos realizados verificaram que a ansiedade pode ser especialmente marcante para casais do mesmo sexo em relação a casais heterossexuais, devido à exposição das crenças sociais negativas que questionam a sustentabilidade das relações de pessoas do mesmo sexo, havendo menos estruturas sociais destinadas a incentivar a estabilidade em casais do mesmo sexo, e maior exposição a normas para a negociação (Mohr, Selterman, & Fassinger, 2013). Uma noção de masculinidade tradicional determina que os homens devem restringir expressões de afeto por outros homens em público. Os homens com receio de serem criticados pela sociedade, aprendem a evitar comportamentos de admiração, amor e expressões de afeto por outros homens (Brooks & Good, 2001; Levant & Pollack, 1995, cit. por Wester, Pionke & Vogel, 2005).

## **2.5. Objetivos do Estudo**

O presente estudo pretende investigar e explorar as relações amorosas de quatro homens homossexuais. No âmbito da teorização atual, que desmitifica a teoria binária da construção do género (Corbett, 2008) e detém a importância das nossas internalizações e identificações na constituição da representação de masculino e de feminino (Aron, 1995), construímos três objetivos distintos:

- 1) As identificações vão refletir-se na escolha do objeto.
- 2) As representações das imagos parentais vão levar às representações de masculino e de feminino.
- 3) A representação de casal parental, vai levar à construção de uma matriz relacional.

Neste sentido, iremos identificar possíveis padrões nas entrevistas efetuadas, por forma a aprofundar a compreensão sobre o amor nas relações homossexuais masculinas, promovendo a possibilidade de novos estudos.

### III-MÉTODOS

O método segundo Lenine (1965, cit. por Minayo e Sanches 1993) tem como função fundamental, ir para além do seu papel instrumental, sendo a “própria alma do conteúdo”. E ser o próprio “caminho do pensamento” (Habermas 1987, cit. por Minayo e Sanches, 1993).

#### **3.1. Delineamento**

O presente estudo tem como objetivo primordial compreender a dinâmica das relações amorosas homossexuais masculinas e identificar a ocorrência de padrões encontrados em quatro participantes. Neste sentido pretende-se investigar a internalização de padrões, bem como as suas identificações e as escolhas objetivas que, por sua vez, vão conduzir ao modo como experienciam as relações. Tendo em conta, que o material originário da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala quotidiana (Minayo e Sanches, 1993), para a concretização dos objetivos a que nos propusemos, optámos por utilizar uma abordagem qualitativa e a partir das entrevistas elaboradas efetuar uma análise de conteúdo. Neste sentido, uma investigação qualitativa tem como princípio a análise das experiências dos indivíduos e a forma como são compreendidas pelo investigador e pelos participantes (Haj-Yahia e Chaya Cohen, 2009).

Tendo como estudo preliminar o objetivo de se familiarizar com o fenómeno da investigação, o estudo exploratório pode ser projetado com maior compreensão e precisão. Neste sentido, utilizou-se este método no âmbito de se proceder à definição do problema e formular os nossos objetivos com mais rigor (Theodorson e Theodorson, 1970, cit. por Piovesan e Temporini, 1995). O presente estudo tem um enfoque dinâmico e esclarecedor da experiência subjetiva, como primazia de alcançar o objetivo pretendido, recorreu-se às experiências que os sujeitos têm a partir do seu espaço circundante. Por sua vez, segundo Kvale (1996) o estudo de casos individuais proporciona a investigação detalhada da atitude específica e a compreensão lógica da relação entre o indivíduo e a situação, permitindo a obtenção de padrões sólidos.

Piovesan e Temporini (1995) pressupõe que para se compreender bem o comportamento humano é necessário aceder-se ao contexto social onde ocorre. Neste sentido, para uma compreensão profunda e interpretativa do que é dito pelos sujeitos utilizou-se a perspetiva psicodinâmica, acedendo às representações de cada sujeito, dando conta dos conflitos e dos mecanismos de defesa inconscientes. O que é dito pelos sujeitos,

por sua vez torna-se segundo Minayo e Sanches (1993), revelador de condições fundamentais de doutrinas de valor, normas e símbolos, tendo ao mesmo tempo a magia de transmitir através do sujeito representações de determinados grupos e culturas específicas. Como tal, a compreensão intersubjetiva requer uma imergência nos significados compartilhados.

### 3.2. Caracterização da amostra

Este estudo contou com a participação de quatro homens homossexuais. O critério de seleção foi por conveniência, pois os sujeitos que participaram tinham como requisito estarem numa relação homossexual. Por sua vez, todos se mostraram acessíveis a participar no estudo e disponíveis para a realização das entrevistas na região de Lisboa. A seguinte tabela ilustra a nossa amostra, tendo em conta os nomes utilizados preservando o anonimato dos participantes, as suas idades e a duração da relação amorosa atual.

	<b>1ºParticipante</b>	<b>2ºParticipante</b>	<b>3ºParticipante</b>	<b>4ºParticipante</b>
<b>Nome:</b>	Rui	Pedro	Ricardo	Carlos
<b>Idade:</b>	24 Anos	35 Anos	38 Anos	49 Anos
<b>Duração da relação:</b>	3 Anos	14 Anos	2 Anos	14 Anos

**Tabela 1:** Caracterização dos participantes

### 3.3. Instrumento

Para a recolha de informação da presente investigação utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada, no sentido de permitir ao investigador organizar o seu campo de interesse, delimitando as fronteiras do objeto de estudo perspectivado. Por sua vez, admite que durante a entrevista o entrevistado evite enveredar por percursos distintos do pretendido. (Albarello, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy & Saints-Georges, 1997). Tendo em conta que, esta entrevista proporciona aos participantes a partilha das suas experiências a partir das suas próprias palavras, torna a sua utilização pertinente no nosso estudo. O facto de ter uma estrutura flexível admite aos participantes a liberdade de introduzirem assuntos que considerem relevantes e ao mesmo tempo, possibilita ao investigador esclarecer ou reforçar alguns pontos.

Na execução das entrevistas o entrevistador é o co-autor que tem como principal objetivo interpretar o texto (Kvale, 1996). A entrevista admite a aquisição de respostas

diretas e informações mais completas (Quivy e Campenhoudt, 2003), possibilitando alargar o campo da investigação e, por vezes, perceber dinâmicas distintas. Deste modo, a entrevista na pesquisa qualitativa tem como objetivo entender o que o entrevistado quer transmitir, tendo em conta a sua perspectiva e as suas palavras, descobrindo o significado das suas experiências. Neste sentido, a entrevista é uma “Auto comunicação”, pois contém uma história (Kvale, 1996).

Por sua vez, a teoria psicanalítica de Freud (1963), foi um dos grandes contributos para o estudo sobre a personalidade humana o que levou à utilização da entrevista terapêutica como método de investigação. Como tal, desde então, que o seu método tem colaborado para a descoberta de novos e consideráveis conhecimentos sobre o ser humano (cit. por Kvale, 1996). Freud considerou a entrevista como a interpretação dos comportamentos e expressões verbais incididas no que o sujeito não diz, o que conduziu a psicanálise a oferecer um conjunto de técnicas que através da relação individual permite o encontro de subjetividades e deste modo, a passagem ao próprio funcionamento psicológico. Assim, a psicanálise distingue, também, as interações entre métodos próprios, físicos, motivacionais e psicológicos, destacando o contexto e o significado (Emmanuel Ghent, 1992, cit. por Sauberman, 2009).

No contexto da teoria psicanalítica, a entrevista narrativa de associação livre (FANI), foi desenvolvida por Hollway e Jefferson (2000) como forma de aceder a uma compreensão da subjetividade dos sujeitos, numa relação intersubjetiva estabelecida no contexto da entrevista. Os autores afirmam que para pensar esta metodologia, primeiramente é necessário compreender como os sujeitos são percebidos na investigação. Neste sentido, partem do pressuposto que o mundo interno dos sujeitos não é o reflexo do seu mundo externo, refutando a ideia de que os sujeitos seriam transparentes para si mesmos e estudados por outras metodologias como tal. Deste modo, partindo da noção de associação livre de ideias de Freud, este método de Hollway e Jefferson (2000), tem como principal objetivo aceder ao significado latente, a partir da associação de ideias efetuadas pelos sujeitos, contrapondo uma lógica do significado exato das palavras ou conjunto de palavras. Assim, o desígnio da existência de um significado latente presume que os sujeitos enfatizem os efeitos do afeto, a dinâmica de conflitos e os processos intersubjetivos e inconscientes sobre a formação da identidade (Hollway, 2009).

A capacidade de se aceder ao significado latente do sujeito é possível a partir da relação intersubjetiva edificada entre o entrevistador e o entrevistado, indo ao encontro

da clínica psicanalítica nas relações de transferência e contra-transferência. Deste modo, tendo em conta o interesse do estudo e os respetivos pressupostos teóricos conclui-se que a escolha desta metodologia é a mais apropriada, na medida em que as narrativas de livre associação de ideias visam alcançar o investimento inconsciente e os métodos intersubjetivos, conduzindo ao entendimento da subjetividade (Hollway & Jefferson, 2000).

Para investigar o modo como os sujeitos experienciam as suas relações, utilizaram-se dois guiões em dois momentos, tendo por base os trabalhos de Hollway e Jefferson (2000). O primeiro guião (Anexo I) teve como objetivo primordial centrar os entrevistados para nas temáticas consideradas relevantes para o nosso estudo, servindo-nos de base para referenciar as experiências dos sujeitos, tendo em conta a sua história e dinâmica familiar, acedendo aos momentos mais importantes da vida, à representação de si, dos pais e do casal parental, ao posicionamento face ao masculino e feminino, o impacto e ainda o desenvolvimento da orientação sexual. O segundo guião elucida algumas questões que não foram bem exploradas na primeira entrevista (Anexos II, III e IV). As questões, foram adaptadas de dois estudos similares efetuados, o primeiro dirigido a um grupo masculino (Candeias, C., 2011) e o segundo orientado a um grupo estreitamente feminino (Coimbra, A., 2012).

Procedendo ao esclarecimento das questões utilizadas no primeiro guião, pode-se observar que a primeira questão “*Gostava que me falasse um pouco de si... Como é que é como pessoa?*”, É ampla e introdutória por forma a perceber como é que o sujeito se define. A segunda questão “*Como recorda a sua vida?*”, Permite que o sujeito construa a narrativa da sua vida, destacando os momentos vivenciados mais importantes. A terceira questão “*Como é a sua família?*”, Admite que o sujeito descreva sua família, as pessoas com quem estabelece relações mais próximas, sendo possível o entrevistador compreender a dinâmica familiar. “*Fale-me um pouco dos seus pais.*”, Constitui a quarta questão que possibilita aceder às representações das imagens parentais e às representações de masculino e feminino. Permite também se perceber a relação que o sujeito estabelece com os seus pais e a sua representação de casal parental.

A quinta questão é “*E como era em criança? Lembra-se de algum episódio que tenha marcado mais a sua infância? (Bom e mau)*”, Permite a compreensão mais profunda da infância do sujeito e a observação dos marcos mais importantes nesse período. Na sexta questão “*Ao longo da vida, quem foram (ou são) as pessoas mais significativas para si ou que o marcaram de alguma forma?*”, Podemos verificar as

peças mais importantes para o sujeito e perceber as suas identificações. *“Qual é que acha que foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?”*, É a sétima pergunta onde se pode verificar os momentos positivos e negativos que o sujeito destaca na sua vida. A oitava pergunta *“Fale-me um bocadinho da sua vida amorosa.”*, Pretende que o sujeito retrate as suas relações amorosas, permitindo ao entrevistador perceber as relações mais marcantes, os sentimentos, representações dos papéis de género, entre outros. *“Apaixonou-se, na adolescência? (apaixonou-se primeiro por uma mulher, como foi essa percepção de orientação sexual).”*, É a nona questão e possibilita que o sujeito retroceda até à adolescência, conduzindo aos aspetos mais marcantes, à relação entre pares, às identificações e à percepção da sexualidade. A décima pergunta é referente às mudanças corporais que ocorreram na adolescência, possibilitando ao entrevistador perceber como o sujeito vivenciou este período *“E como foi quando o corpo começou a mudar... como é que foi para si essa experiência?”*.

Seguidamente a décima primeira questão é *“E como foi essa primeira relação? (Idade, etc.)”*, remetendo para as alterações físicas e emocionais próprias do período da adolescência, possibilitando compreender o que o sujeito valoriza ou despreza numa relação. Destaca também importância que essa relação teve no seu desenvolvimento amoroso. Na décima segunda questão *“Contou que era homossexual? (e a quem?) [...] Como é que foi em relação à família? Porque é que contou/ não contou?”* e na décima terceira *“Qual é a posição dos seus pais e os “outros” a quem contou da sua orientação sexual?”* É possível perceber como o sujeito e os seus familiares e amigos abordam a sua orientação sexual. Como o sujeito descreve essa descoberta e como foi processada a aceitação. *“Como é que definiria o amor?”*, É a décima quarta questão e permite que o sujeito defina o amor, tendo em conta a sua subjetividade e objetividade. A décima quinta pergunta *“E o que espera de uma relação? (qual a importância do sexo na relação)”*, Possibilita que o sujeito descreva o que é para si a representação de relação ideal. *“Fale um pouco da sua relação atual, já estão juntos há muito tempo?”*, É a décima sexta pergunta e permite ao entrevistador explorar como é vivenciada a relação amorosa atual do sujeito, os seus sentimentos, expectativas, etc. A décima sétima *“No contexto deste trabalho que estou a fazer, é importante eu perceber como é que as pessoas se situam em relação aos homens, às mulheres, ao masculino, ao feminino... portanto, nesse sentido o que é que acha dos homens... e o que é que acha das mulheres?”*, Permite compreender a percepção do sujeito e a sua representação de masculino e de feminino

As duas últimas questões foram elaboradas por forma a possibilitar opiniões, comentários ou mesmo acrescentar informações relevantes para a análise do sujeito *“Obrigada por ter colaborado. Se possível agendaremos nova entrevista para falarmos mais um bocadinho sobre estas coisas. Gostaria de dizer alguma coisa que não tivesse dito, para eu perceber melhor o seu percurso?”*, Permitindo também que refira se alguma coisa não correu bem ou se houve alguma questão que não tenha gostado *“Houve alguma pergunta que não tivesse gostado de responder?”*.

Sendo um instrumento de fraca diretividade, tornou-se possível aceder aos testemunhos e representações dos nossos participantes com maior profundidade, tendo em atenção os seus próprios quadros de referência (Quivy & Campenhoudt, 2005). Assim, cada questão foi refletida, no intuito de evitar qualquer risco de atacar a integridade psíquica dos sujeitos, dado não ser ético, num contexto de pesquisa abordar sentimentos fortes suscetíveis de os afetar (Kvale, 1996). A maior parte das questões formuladas eram de formato aberto, no sentido de evitar respostas curtas com pouca especificidade e incentivar o entrevistado a aprofundar certos aspetos particularmente importantes do tema (Quivy & Campenhoudt (2005).

Nas suas diversas formas, os procedimentos de entrevista diferenciam-se pela apresentação dos métodos fundamentais de comunicação e interação humana. Estes métodos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados (Quivy & Campenhoudt, 2005).

Por sua vez, a entrevista de carácter exploratório, foi direcionada e conduzida por forma a descobrir determinados aspetos do fenómeno estudado. O nosso objetivo foi permitir a reflexão e explorar as pistas de trabalho levantadas durante a revisão teórica (Quivy & Campenhoudt, 2005). Por forma a promover e não quebrar a fluidez no discurso dos entrevistados, a construção do guião foi elaborada com muito cuidado, por forma a promover a naturalidade e um discurso livre. Deste modo, a partir do Anexo V, garantindo o anonimato dos participantes, é possível mostrar como decorreram as entrevistas, através dos excertos mais relevantes para a discussão dos resultados e conclusão do nosso estudo.

### **3.4. Procedimento**

Para a realização das entrevistas foram contactados quatro participantes do sexo masculino que tivessem uma relação homossexual e concordassem em colaborar, depois de informados sobre o tema e o objetivo da investigação. De acordo, com Tuckman

(2000), na relação com o entrevistado é importante que se elucidem os objetivos e a natureza da entrevista de uma forma breve. A atitude do investigador deve centrar-se, essencialmente, na criação de um ambiente de empatia e no estimular do entrevistado para que faculte respostas sinceras e claras em relação aos objetivos da investigação (Gómez & Carrea, 1995).

Os participantes foram informados da necessidade de se proceder à gravação das entrevistas para posterior análise de conteúdo. A partir do Termo de Consentimento Informado (Anexo B), foi garantido o anonimato e esclarecido que em qualquer fase do processo poderiam desistir. Para que o objetivo seja conseguido é essencial garantir ao entrevistado, que o que será dito na entrevista será analisado, e o investigador irá garantir o anonimato e a confidencialidade.

Os entrevistados escolheram os locais para a realização das entrevistas assegurando o seu conforto e privacidade. Deste modo, procedeu-se ao agendamento das entrevistas, sendo importante referir que um participante não efetuou a segunda entrevista, por não ter tempo disponível. As entrevistas foram gravadas, tendo sido solicitado previamente, aos entrevistados autorização para a utilização de um gravador e, posteriormente, transcritas na íntegra, para captar com exatidão a totalidade do discurso.

As entrevistas foram gravadas em formato áudio e transcritas posteriormente. O método utilizado para a análise das entrevistas teve como base o método “Free Association Narrative Interview” (Hollway e Jefferson, 2000). Inspirado na teoria psicanalítica, possibilitou o entrevistador aceder ao significado latente do material das entrevistas. A partir da análise individual do conteúdo das sete entrevistas e com a leitura atenta nos pressupostos da intersubjetividade foi possível a discussão das categorias. De acordo com Hollway e Jefferson (2000), na audição da gravação da primeira entrevista é importante ter cuidado com as incoerências e paradoxos do entrevistado. É com base nestas falhas do sujeito em dar uma narrativa coerente de si mesmo, que se procede à formulação de novas perguntas que sustentarão a entrevista seguinte. A codificação dos dados empregados é de tipo aberta, isto é, os dados extraídos das entrevistas são decompostos, analisados, comparados, conceptualizados e categorizados, por forma a se fazer uma leitura mais perceptível dos resultados (Strauss & Corbin, 1998). Neste tipo de pesquisa, procura-se entender os fenómenos, a partir da perspetiva dos participantes que constituem o estudo (Neves, 1996). Por conseguinte todos os nomes de pessoas, lugares e regiões utilizados na transcrição das entrevistas foram modificados, no sentido de assegurar o anonimato dos participantes.

Atendendo a que a nossa investigação integra um tema de pesquisa com objetivos específicos, a escolha dos participantes foi determinada por fatores de natureza metodológica. É importante salientar, que acreditamos, que no nosso estudo o próprio tema é de relevância primordial na vida dos entrevistados. Como referido anteriormente, as entrevistas gravadas, foram posteriormente transcritas, com o objetivo de se proceder à análise de conteúdo. Segundo Campos (2004), a análise de conteúdo, é compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa, cujo objetivo é a investigação do sentido ou dos sentidos de um documento. Por sua vez, esta análise oferece a possibilidade de tratar de forma regrada informações e testemunhos que apresentam um grau de profundidade e de complexidade, permitindo incidir sobre um material rico e pertinente, satisfazendo as exigências do rigor metodológico e da profundidade imaginativa, que nem sempre são facilmente compatíveis (Quivy & Campenhoudt, 2005).

O objetivo será realizar uma análise a partir de critérios que recaiam mais sobre a organização interna do discurso do que sobre o seu conteúdo explícito. Alguns métodos de análise de conteúdo baseiam-se em pressupostos que podem ser considerados simplistas e cujo registo pertence à análise categorial (Quivy & Campenhoudt, 2005). No entanto, Bardin (1997) refuta essa ideia, considerando a categorização a partir de um processo classificatório em toda e qualquer atividade científica. Segundo o autor, a categorização tem como objetivo essencial facultar uma representação simplificada dos dados “brutos” e o seu carácter vantajoso, nomeadamente no que respeita à redução da subjetividade, alicerça-se em certas condições de que o próprio processo se deve revestir, a fim de que não se averiguem modificações no conjunto dos dados. Teve-se em atenção todos os princípios apropriados que por Bardin (1997) edificam a categorização das respostas, na medida em que houve o cuidado de integrar cada uma no respetivo grupo, consoante o critério de categorização determinado e os objetivos da investigação.

Não tendo em conta, o papel da subjetividade do investigador na análise de conteúdo, pode levar ao seu empobrecimento, assentando a interpretação em critérios e regras fixas. É importante valorizar a interpretação das entrevistas para minimizar o risco de fracionamento da narrativa do sujeito no decurso da análise. A entrevista é um método de recolha de informação que compreende em conversas orais alcançar informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de conhecimento (De Ketele & Rogiers, 1999). Assim, a análise de conteúdo é muito pertinente havendo sempre uma construção de

significado e fidelidade nos seus resultados podendo ser adquirida pela anuência da intersubjetiva (Kvale, 1996).

## IV- RESULTADOS

Os resultados do presente estudo serão apresentados em sete categorias distintas, no intuito de responder aos três objetivos elaborados. Primeiramente, observam-se os resultados referentes ao Desenvolvimento do Eu, destacando três subcategorias que visam encontrar as referências efetuadas ao Eu atual, ao Eu adolescente e ao Eu infantil. A segunda categoria é referente aos Objetos Internos, que são edificados em três subcategorias: a Imago Materna, a Imago Paterna e a Representação do Casal Parental. A terceira categoria dá conta das Identificações salientando as identificações conscientes e inconscientes elaboradas pelo sujeito ao longo da construção da sua identidade. As Representações internas do Feminino e do Masculino constituem a quarta categoria. A quinta categoria concerne as Relações com as Figuras Parentais, que por sua vez, se subdividem na relação o Pai, a Mãe e com Ambos. Relativamente à sexta categoria, esta é constituída pela Representação que o individuo tem do seu Companheiro. O Amor é a última categoria que se subdivide em quatro subcategorias, a Definição de amor, a Vida Amorosa, a Relação Ideal e a Relação Amorosa Atual. Embora, cada participante tenha uma história única, serão sobretudo valorizadas as características comuns, não desvalorizando as diferenças, com o objetivo de eventualmente se encontrar um ou mais padrões.

### 4.1. Desenvolvimento do Eu

Após uma análise das entrevistas, de acordo com a primeira subcategoria, do desenvolvimento do Eu, **o Eu atual**, o Rui caracteriza-se como uma pessoa reservada (“*sou claramente um bocadinho reservado*”), a formação intelectual resulta como uma valorização narcísica (“*A minha formação intelectual que é uma coisa muito importante para mim*”) e ainda representa a sua vida como se fosse uma colagem de acontecimentos, com ausência de um fio condutor (“*Eu vejo a minha vida sempre um bocado como uma sequência de eventos um bocadinho contraditórios*”), o que remete para uma colagem do Eu interno. Em relação ao Pedro, este apresenta uma boa caracterização de si mesmo, isto é, um narcisismo positivo, embora demonstre alguma preocupação com a normalidade (“*sou uma pessoa calma, simpática, humilde sincera, trabalhadora, lutadora, normal*”).

O Ricardo afirma ser uma pessoa reservada (“*sou uma pessoa mais reservada*”), no entanto pode-se verificar que é mais que reservado, existindo mesmo um isolamento social (“*fico incontactável um fim-de-semana inteiro... dias muito cansativos e*

*stressantes apetece-me estar sozinho*”). Apresenta traços de instabilidade (“*temperamental um bocado, posso estar bem como posso estar mal*”), narcisismo (“*tenho espírito de liderança... gosto de fazer à minha maneira*”), impulsividade (“*sou muito de impulso, também é um facto*”), e utiliza como mecanismo de defesa a negação (“*passado uma semana já não me lembrava de nada... apesar de, não as guardo, lembro-me delas*”) e ainda a generosidade, remetendo para um receio de perder as pessoas de quem gosta (“*preocupo-me muito com os meus amigos, normalmente costumo colocar as pessoas de quem gosto à frente*”).

Por fim, o Carlos é particularmente narcísico (“*Eu tenho sempre o equilíbrio que eu acho que para mim resulta, mas também para o mundo todo*”), demonstrando um grande necessidade em se diferenciar (“*eu sou muito diferente das outras, das outras entrevistas que vais ter de certeza... se for preciso outra entrevista ou tirar fotografias se precisares*”), é muito preocupado em conseguir ser feliz e só se conhece comparando-se com os outros (“*o meu objetivo mesmo na vida, é ser feliz e tenho conseguido... também podia comparar com outras pessoas felizes, mas eu sinto-me uma pessoa feliz*”). Pode-se verificar a necessidade de igualar as pessoas, não suportando a diferença (“*Não é por ser pai e mãe, são pessoas e eu trato a minha vida toda, tu és uma pessoa, não há pretos, não há brancos, não há gays, não há nada, trato a minha vida toda assim... a gente rotula muito eu sou contra isso*”), utiliza a negação como defesa, contradizendo-se constantemente (“*Ela gosta mais dele do que de mim, ainda bem, mentira mas pronto*”), tem uma personalidade anaclítica, na qual que se coloca a problemática da separação e diferença (“*ficamos amigos para sempre*”), nega a sua sexualidade (“*Vejo um homem a beijar outro gay, não é porque se calhar depois de o ver casado não posso chamar gay, tenho que chamar o nome que um é*”) embora contrarie esse sentimento (“*Eu nasci gay, só que eu não sabia, pronto só para dizer*”). Apresenta uma grande agressividade em relação aos seres humanos, desvalorizando as relações familiares (“*eu já chorei mais por um cão... eu não ligo muito a isso de pai e mãe, tio e tia*”), demonstra culpa e agressividade camuflada (“*Pirotécnico, piromaníaco era, não é que eu pegue fogo às coisas... se tiver que me queimar é a mim, ardo eu*”). Afirma ser romântico (“*eu sou um romântico, muito romântico*”), influenciável (“*por influencia dos outros*”), exibicionista (“*era muito palhaço nas aulas*”) e diz que é muito caseiro (“*era muito caseiro...isso era o principal, era muito caseiro mas por mim*”).

Neste sentido, verificou-se que os quatro participantes mostram compensações narcísicas, investindo em si próprios, podendo remeter para um possível défice na relação

familiar. Pode-se também constatar que os participantes evidenciam como característica a contradição e o uso da negação como defesa. Pode-se constatar traços em comum em alguns participantes, assim verifica-se que o Ricardo e o Carlos têm características impulsivas, que o Rui e o Carlos não incluem um fio condutor nas suas vidas e que o Rui e o Ricardo afirmam ambos ser reservados, apesar de o Ricardo reenviar mais para a existência de um isolamento social.

Relativamente à subcategoria do **Eu Adolescente** conseguiu-se averiguar que o Rui apresenta um recalçamento em relação ao seu desenvolvimento nesse período (*“Eu não tenho praticamente memória nenhuma desse momento”*), um sentimento de estranheza em relação à sua sexualidade, negando-a e revelando alguma imaturidade (*“Não é que eu nunca tivesse dado conta antes dos 15 anos... era uma coisa que eu não tinha bem noção do que era”*). Destaca-se também uma falha narcísica muito vincada (*“Não digo que tenha passado a gostar do meu corpo mas pelo menos passei a tolerá-lo”*) e um distanciamento da família (*“O período mais feliz, após essa, foi quando mudei para Aveiro”*). Com a entrevista do Pedro foi possível apurar uma negação da sexualidade (*“Fui eu que impus a mim próprio que deveria arranjar uma namorada”*) e a existência de um período traumático, do qual guarda segredo (*“Iniciei a minha vida sexual muito cedo, tinha 12 anos... o primeiro foi com um homem, foi com o meu primo e até hoje não se fala no assunto”*).

Por sua vez, o Ricardo manifesta um distanciamento da sua sexualidade (*“Por causa de uma rapariga que comecei a gostar de Madonna ao contrário da maior parte dos gays”*) e uma crise de definição identitária (*“Portanto o interesse por homens já existia efetivamente, se calhar não sei, eu não acredito muito na bissexualidade, mas se calhar poderiam ser qualificado dessa forma”*). O Carlos desorganiza-se, preocupando-se com a normalidade (*“Sim levei na boa, a adolescência não foi assim nada atrofiada, nem nada, nem nada de comportamentos desviantes, nem nada, estás a perceber, drogas, fumos, e não quê”*), apresenta alguma imaturidade, e nega a sua sexualidade (*“Eu não sabia o que era isso de gay ou hétero ou... e sentia-me bem... nunca andei com mulheres para esconder nada”*). Com efeito, podemos verificar que o Rui é imaturo em relação à sexualidade e apresenta rejeição pelo seu corpo, deste modo é possível que o facto de não gostar do corpo seja uma maneira de rejeitar a sua sexualidade. Por sua vez, o Carlos também apresenta alguma imaturidade e problemas em lidar com a sexualidade, preocupando-se muito com a normalidade. De uma forma geral, todos os participantes na

adolescência passaram por um período de negação da sua sexualidade, o que possivelmente explica a escolha de objeto homossexual.

Na subcategoria do **Eu infantil**, o Rui caracteriza-se como uma criança infeliz (*“Não posso dizer que fosse propriamente uma criança particularmente feliz, ou integrada”*) e isolada socialmente (*“Lembro-me sempre de episódios bastantes chatos e bastantes desagradáveis, em que estava bastante isolado e um bocado à deriva”*). É importante referir que vivenciou o facto de ser obeso como algo traumático, rejeitando o seu corpo (*“Fui obeso e pronto penso que isso teria sido assim súmula de tudo o que estava a acontecer na altura... quando havia fotografias minhas que eu apanhava, rasgava-as... porque estava disforme”*). O Pedro refere a sua ferida narcísica existente na relação com o seu pai (*“partiu do principio que era culpado e bateu-me”*) e defende-se desvalorizando essa ferida (*“Foi uma infância normal, com muitas crianças, muitos miúdos, normal”*).

Por sua vez, conseguiu-se apurar que o Ricardo utiliza como defesa a negação (*“Eu nunca me lembro de nada... lembro-me de passear muito, visitar muito os meus avós”*) e banaliza os problemas que teve com o pai (*“Portanto, ao nível da infância à exceção destas pequenas coisas com o meu pai, mas acho que é natural no crescimento porque é uma personalidade que se está a formar”*).

O Carlos utiliza a negação da culpa como defesa (*“Ah a minha vida foi normal mas muito bem, não me arrependo nada do que fiz”*) e remete para uma negação dos estados depressivos (*“Ah e recordo como muito positiva, muito positiva, muito mesmo”*). Deste modo, verifica-se que o Rui estruturou-se em volta da depressão, enquanto o Carlos remete para uma estruturação ligada ao sentimento de culpa. O Pedro e o Ricardo na infância tiveram problemas com a imago paterna. No geral destacou-se que os participantes tiveram uma infância negativa, marcada pela prevalência da negação como mecanismo de defesa.

#### **4.2. Objetos Internos**

A segunda categoria apresenta os objetos internos, o Rui na subcategoria **Imago Materna** utiliza referências sociais para descrever os pais (*“Os meus pais são ambos professores”*), não conseguindo descrever cada um individualmente. Por sua vez, o Pedro representa de forma positiva e idealizada a sua mãe (*“A minha mãe é uma pessoa mais animada, mais divertida... é uma pessoa que está bem com ela própria”*). O Ricardo apresenta uma caracterização positiva da mãe (*“Tendo em conta alguém que não tem*

*grande escolaridade de onde vem... tem uma mentalidade bastantes aberta*”), mas contrapondo com o pai (*“Eu posso dizer que conheço a minha mãe como pessoa, como é que ela é, o meu pai já não posso dizer o mesmo”*). O Carlos começa por afirmar que a sua mãe é uma pessoa dependente (*“Tem que estar dependente do pai”*) e identifica-a consigo próprio, mas de forma positiva (*“Ah, a minha mãe é como eu, muito divertida, energética, popular... a minha mãe é teatro, muito palhaçona, fazer rir toda agente”*). Neste sentido, é possível observar que o Rui só considera o casal parental, não conseguindo distinguir os pais separadamente. O Ricardo apresenta uma mãe idealizada. No caso, do Pedro e do Carlos encontramos caracterizações positivas da imago materna.

Na subcategoria **Imago Paterna** como pudemos verificar anteriormente o Rui não consegue representar os pais de forma individual, descrevendo-os com referências sociais (*“Os meus pais são ambos professoras, sendo que o meu pai é formado em sociologia”*). O Pedro caracteriza o pai como uma pessoa ressentida, mal-amada, alcoólico, mulherengo e violento (*“O meu pai é uma pessoa ressentida, porque nunca teve o amor da pessoa que ele amava... e acabou por se entregar ao álcool e tudo mais... era todo das mulheres e muito mulherengo... era violento, não com os filhos mas com a minha mãe”*). O Ricardo representa o pai como uma pessoa humilde, fechada, reservada (*“De origens humildes... uma carga de responsabilidade na educação dos filhos... por ser uma pessoa muito fechada e reservada”*). O Carlos descreve o pai como uma pessoa autodidata, chato, alcoólico, violento e muito machista, evidenciando esta característica (*“O meu pai já é um autodidata... ele é muito machista... ah vai chatear as pessoas... que vergonha... maltrata-a com as palavras... o meu pai chegava bêbado às vezes a casa”*). Com efeito, os participantes apresentaram representações dos pais um pouco negativas. Podemos encontrar algumas características semelhantes nas representações do Pedro e do Carlos, no sentido que ambos descrevem o pai de forma negativa, desvalorizada e ainda como violentos e alcoólicos.

Por fim, a terceira subcategoria é referente às representações internas de **Casal Parental**, deste modo o Rui afirma que os pais são pessoas pragmáticas e têm uma relação equilibrada (*“São pessoas pragmáticas, se calhar a minha mãe mais que o meu pai... enquanto pessoas, acho que enfim, acho que têm uma relação equilibrada entre eles”*). No que diz respeito às representações do Pedro podemos verificar que os pais estão separados e tinham uma relação conturbada (*“São separados... relação conturbada... a minha mãe ficou com o meu pai sem gostar dele... e decidiu ir viver a história de amor dela... o meu pai foi loucamente apaixonado pela minha mãe até hoje... ”*). Assim, parece

que estamos perante uma mãe rejeitante e um pai com uma personalidade dependente, havendo uma inversão do lugar do feminino e do masculino. O Ricardo não consegue descrever a relação dos pais, mudando de assunto. O Carlos na sua representação do casal parental afirma a existência de uma relação conflituosa de maus-tratos, mas que para este resulta, negando todas as diferenças e problemas presentes na relação dos pais, salientando que todos os casais têm essas características (“*O meu pai não lhe dá e seria eu ou a minha irmã a dar, mas é uma relação que eu não acho que não é mau, tem resultado para mim... é de cão e gato... maltrata-a com as palavras, mas pronto, há uma simbiose, uma osmose, o que for entre eles que resulta... mas eu acho que todos os casais têm essas características*”) e ainda identifica a relação que tem com a irmã, com a relação que os pais estabelecem (“*Tem vindo a melhorar porque a gente quando era miúdos, era assim um bocadinho cão e gato, batíamos um ao outro, era horrível*”). Neste sentido, pode-se verificar que o Pedro e o Carlos têm semelhanças na construção dos objetos internos referentes ao casal parental, pois ambos têm pais com relações conturbadas, o que não se verifica no Rui e no Ricardo. É importante salientar, que o Carlos replica a relação dos pais na relação que tem com a irmã.

### **4.3. Identificações**

A terceira categoria dá conta das identificações que os participantes estabeleceram ao longo do desenvolvimento da identidade. Neste sentido, o Rui apresenta os pais como importantes na formação da sua personalidade e mais algumas pessoas já na sua vida adulta, no entanto, não consegue destacar uma pessoa distanciando-se (“*enquanto criança, muito provavelmente foram os meus pais... para a idade adulta houve mais algumas pessoas que foram importantes*”). Quando faz a representação do pai e a sua busca pela formação intelectual, remete para uma identificação inconsciente com a imago paterna, no entanto caracteriza a aproximação com o pai como estranha demonstrando alguma ambiguidade (“*Com o meu pai, tinha uma relação um bocadinho mais estranha porque conversávamos muito... pronto eu guardava para o meu pai “as minhas perguntas” sobre o mundo e sobre as pessoas*”). Deste modo, o Rui levanta a questão do papel da identificação na escolha do objeto sexual, que iremos referir posteriormente na discussão.

Em relação ao Pedro, é possível verificar a sua identificação com a mãe, no sentido que quando se descreve e posteriormente representa a sua mãe, denota algumas características iguais (“*Estou à vontade comigo próprio*”) / (“*Está bem com ela própria*”)

e ainda quando afirma “*decidiu ir viver a história de amor dela*”, foi exatamente o que o Pedro fez, quando se separou da mulher e foi viver a sua história com o companheiro atual. Na escolha objetal deste homem, há portanto uma identificação com a mãe muito próxima, que remete para algo do carácter primário. Por sua vez, o Ricardo identifica-se com o pai (“*Se calhar eu sou uma cópia do meu pai a nível da personalidade, por ser muito fechado*”), no entanto quando refere as pessoas mais importantes para si, são todas mulheres mostrando alguma ambiguidade (“*A Joana, a minha prima Clara, a minha prima Renata, a minha irmã Maria*”).

O Carlos primeiramente identifica a sua mãe com ele, ocorrendo uma confusão de gerações (“*A minha mãe é como eu*”) e a sua irmã com o pai (“*A minha irmã não é logo de... como o meu pai*”). E evidencia as semelhanças que ambos detêm, afirmando novamente a sua identificação (“*Ai a minha mãe sou eu, eu sou a minha mãe*”). Neste sentido, pode-se observar que o Rui distancia-se porque sente a aproximação com estranheza, remetendo para uma caracterização idealizada do pai. A indiferenciação existente remete para uma ambiguidade entre identificação ou desejo. Por sua vez, o Ricardo também demonstra ambiguidade quando se identifica com o pai em alguns aspetos, mas é no mundo feminino que mais se identifica. Relativamente ao Pedro e ao Carlos, é evidente que as suas identificações são referentes à imago materna.

#### **4.4. Representações Internas do Feminino e do Masculino**

A quarta categoria é referente às representações internas de feminino e do masculino, segundo o Rui apesar de existirem diferenças entre a mulher e o homem nunca fez uma distinção das pessoas e nunca teve uma percepção de inferioridade ou de superioridade em relação às mulheres (“*Ainda que logicamente haja coisas que os una e que os separam entre si... nunca fiz propriamente uma distinção entre as pessoas*”). Afirma que ele e a irmã sempre foram tratados por igual e que isso pode ter levado a não desvalorizar as mulheres ou a valorizá-las em excesso (“*Era eu e uma irmã e eramos tratados mais ou menos de igual, portanto acho que nada na minha propriamente me levou a desvalorizar as mulheres ou valorizá-las em excesso*”). E ainda salienta que teve sempre amigos com várias orientações, e ao nível sexual identifica-se com o género masculino (“*Acabei por sempre ter amigos e amigas com várias orientações e tudo mais ... digamos ainda que a um nível sexual ou passional pudesse identificar-me mais com os homens ou querer efetivamente os homens e não as mulheres*”). Por sua vez, o Pedro considera que os homens e as mulheres são todos iguais, igualando-os (“*Somos todos*”).

*iguais, homens e mulheres... o meu significado resume-se a isso, igualdade*”), no entanto, considera que os homens são mais sexuais que as mulheres (*“Os homens são muito sexuais e era preciso tratar do assunto diariamente e regularmente”*). De acordo, com o Ricardo não existem géneros, no entanto, na sociedade ainda existe preconceito em relação às mulheres (*“É assim para mim são todos iguais, não há géneros... o que há de negativo na sociedade contra as mulheres, que há infelizmente é mais contra as mulheres”*). Por fim, o Carlos não faz distinções quer uniformizar tudo (*“Eu trato as pessoas como pessoas, não o feminino, o masculino, preto, branco, como já disse”*) e não concorda com os papéis de género (*“A minha avó era machista, os homens não tinham que fazer nada, ela tinha uma filha para ajudá-la, eu não concordo nada... é um homem e uma mulher quando chegaram a um equilíbrio chamam-se pessoas, seres humanos”*).

Assim, podemos verificar que o Rui iguala as pessoas e não consegue separar a identificação da escolha objetal. O Pedro racionaliza a compulsão sexual e também tem tendência em igualar. Por fim, é possível compreender que nos sujeitos existe uma tendência de unificação e necessidade de igualar os géneros.

#### **4.5. Relações com as Figuras Parentais**

Na categoria referente às relações com as figuras parentais, podemos verificar que a relação que o Rui tem com o seu **Pai** é marcada pela estranheza (*“Com o meu pai, tinha uma relação um bocadinho mais estranha”*), no entanto, este idealiza a relação, pois administrava todas as suas questões importantes para o pai (*“Eu guardava para o meu pai “as minhas perguntas”*). É importante salientar, que existe uma distância na relação e por sua vez, esta é colmatada a partir dos livros, que funcionam como objeto transicional para as suas longas conversas (*“Criar uma relação com o meu pai muito a partir dos livros... não é necessariamente uma relação mais distantes, mas era, se calhar não era uma relação tão direta lá está”*), embora empregue a negação como forma de se defender dessa distância. Segundo o Pedro não existe qualquer relação com o seu pai (*“Com o meu pai não há relação”*), desvalorizando o pai (*“Como respeitaria qualquer outra pessoa”*), apresenta uma relação de oposição (*“Foi aquele que me impuseram”*) e distancia-se, demonstrando não existir qualquer desenvolvimento de uma relação afetiva (*“Não tenho referências positivas”*).

Para o Ricardo a relação com o seu pai é complicada (*“Um bocadinho complicada”*), conflituosa (*“Tive alguns problemas com ele”*), de choque (*“Nós chocámos muito”*) e ainda salienta a sua rivalidade presente na sua relação com a irmã, justificando

algumas das discussões que teve com o seu pai (*“Ah, e eu fiz algumas coisas más à minha irmã... E pronto, depois quando o meu pai chegava a casa havia discussão”*). Já o Carlos, não consegue descrever a sua relação com o pai, havendo assim uma retirada da relação. Deste modo, verifica-se que o Pedro e o Ricardo têm uma relação de oposição com o pai, no entanto, o Pedro é como se retirasse o poder ao pai e ficasse com ele, enquanto o Ricardo entra em choque e evidencia a rivalidade com a irmã, remetendo para uma necessidade de atenção por parte do pai quando esta se encontra voltada para a irmã. O Rui apesar da distância é o que apresenta ter uma relação mais próxima do pai, por outro lado, o Carlos retira-se por completo da relação.

A segunda subcategoria permite verificar as relações que os quatro participantes estabelecem com a **Mãe**, deste modo, tendo em conta a entrevista do Rui averigua-se que parece não ter uma relação próxima com a sua mãe, sendo uma relação mais no âmbito funcional (*“Uma relação mais direta, mais ligada às coisas do dia-a-dia e tudo mais”*). O Pedro restringe-se, afirmando que tem uma boa relação com a mãe, havendo assim uma ausência da descrição dessa relação (*“Com a minha mãe é muito boa”*). Por sua vez, o Ricardo afirma ter uma boa relação com a sua mãe, caracterizando-a também como sua amiga (*“Além de mãe é amiga”*), colocando assim em pé de igualdade a relação que tem com a mãe e que tem com as amigas. O Carlos não caracteriza a sua relação com a mãe, deslocando para a relação parental (*“Tem resultado para mim a relação do meu pai com a minha mãe”*), contudo descreve-a como uma pessoa dependente justificando o facto de fugir da relação para se proteger (*“Ela como pessoa sente uma carência que se calhar, que o meu pai não lhe dá e seria eu ou a minha irmã a dar”*). A partir, do que foi referido verifica-se que embora tenha havido boas representações da imago materna, fica um pouco aquém do esperado, as caracterizações da relação do Pedro e do Ricardo foram positivas mas pobres do ponto de vista simbólico. Já o Rui e o Carlos apresentam relações distantes, embora o último seja mais no sentido de se proteger da carência da mãe.

Relativamente à relação com as **Figuras Parentais**, o Rui afirma que teve e tem uma boa relação no geral e valoriza-os, remetendo para uma negação e até uma idealização da relação (*“Tive e tenho uma boa relação com eles no geral... apesar de tudo valorizo um bocado a presença deles na minha vida”*), pois não referencia aspetos positivos ou negativos na relação, salientando que lhe dão espaço e não são pais invasivos, dando conta de uma relação distante (*“Não era propriamente uma coisa muito invasiva... sempre nos deram espaço”*). É importante salientar que os pais não aceitam a sua opção sexual, no entanto, o Rui nega esse facto (*“se aceitam ou não, não sei, sei que convivem*

*pelo menos com isso pacificamente, ainda com uma certa distância*”), banalizando a situação (“*Foi um bocado dramático no início e não consigo ao certo perceber se foi pela homossexualidade em si ou pelo facto de eu não lhes ter contado*”) e por sua vez, volta a utilizar a negação como defesa ao sentimento de culpa (“*Eles que continuam a sustentar-me e nunca fizeram um esforço, por mudar a minha vida... não me puseram fora de casa*”).

O Pedro não consegue descrever a sua relação com os pais, isto pode ser explicado pelo facto de não ter uma boa representação de casal parental, como tal, não consegue descrever a relação com ambos, separando-os e afastando-se do pai, com quem afirma não ter qualquer relação. Embora, quando se refere à sua opção sexual, afirma que a família negou-a inicialmente pensando que era só uma fase (“*Eu tentei contar várias vezes a alguns amigos e alguns elementos da minha família, mas fui sempre ignorado por todos*”), mas mais tarde, o pai e mãe aceitaram e apoiaram-no (“*Ligou-me a dizer que estava do meu lado... a minha mãe apoiou-me incondicionalmente*”). O Ricardo quando questionado sobre a sua relação com os pais, distancia-se da relação (*Eu falo e estou com os meus pais quando é preciso estar, não vejo isso como sendo algo negativo... tenho muita coisa para fazer*”), afirma apenas que conhece a mãe como pessoa, mas o pai não, não conseguindo se restringir à sua relação com ambos (“*Eu posso dizer que conheço a minha mãe como pessoa... o meu pai não posso dizer o mesmo... por ser uma pessoa muito fechada e reservada, tivemos muitos conflitos*”).

Por sua vez, o Carlos começa por salientar que deve tudo aos pais, mas depois retira a importância e desvaloriza-os (“*O meu pai e a minha mãe deve-se tudo a eles... bem claro que calhou, pai e mãe fizeram-me de alguma maneira. Eu não devo nada*”), a sua relação é de distância mas este nega-o, idealizando-a (“*Eu não lhes telefono todos os dias... que também é possível ser feliz desta maneira, não, não lhes telefono... mas não há necessidade, eu vivo a minha vida mito como uma energia, há uma energia que nos une, que nos separa... não preciso estar sempre com eles para ser feliz*”). Neste sentido, pode-se observar que o Rui, o Ricardo e o Carlos distanciam-se da relação com os pais, utilizando como defesa a negação e a banalização. O Ricardo além de se distanciar, separa-os, não conseguindo mencionar a relação que tem com os pais. O Pedro retira-se por completo desta questão, sendo inconcebível descrever a sua relação com ambos.

#### 4.6. Representação do Companheiro

A representação do companheiro enquadra-se na sexta categoria, deste modo, o Rui começa por representar o seu companheiro como pragmático e afirma que de certo modo, é ele que o equilibra (*“Ele é definitivamente mais pés na terra do que eu, mais pragmático... e equilibra-me muito... a tendência que eu tenho lá está, para ficar fechado no meu mundinho”*). O Pedro não faz qualquer descrição do seu companheiro. Segundo o Ricardo o seu companheiro é uma pessoa responsável mas instável (*“É uma pessoa responsável, de luas acho eu”*), evidência que é reservado e tem dificuldade em falar sobre os problemas da relação (*“Ele em contrapartida não gosta de falar de nada, porque acha que os problemas se resolvem por si só”*). É ainda importante salientar, que o Ricardo se contradiz um pouco e apresenta dificuldades em abordar esta subcategoria (*“Preocupa-se comigo, um bocadinho egoísta na perspectiva disso, tem sido tema de discussão”*). Por fim, Carlos caracteriza o seu companheiro como boa pessoa (*“Oh pá, muito bom, boa onda, boa energia, divertido, casa comigo”*), embora ele seja mais distante (*“Ele é mais frio”*). Quando lhe atribui um defeito, valoriza-o, deslocando esse defeito para si (*“Ah assim mais desorganizado em termo das papeladas, eu sou mais mete nojo”*) e ainda há uma tendência em igualarem-se (*“A gente complementou-se, ele até diz que está a ficar como eu e eu como ele”*). Com efeito, ostenta-se que o Rui e o Carlos têm boas representações dos seus companheiros, apesar da descrição do Rui ser mais sólida, pois o Carlos não consegue atribuir defeitos ao seu companheiro e tem tendência em unificar-se. Por sua vez, o Ricardo apresenta estar com alguns problemas na sua relação, o que levou a que fosse difícil para si caracterizá-lo. O Pedro não representa o companheiro.

#### 4.7. O Amor

A última categoria alude ao Amor, destacando como primeira subcategoria a sua **Definição**, neste sentido, segundo o Rui esta é uma questão complicada, que poderá não ter precisamente uma definição específica (*“É uma pergunta um bocado complicada... mas não creio que seja uma coisa que possa propriamente definir, não é que não tenha definição”*), no entanto o Rui concede uma definição de amor mais no âmbito intelectual (*“Acho que é uma coisa que deve ter uma influência direta na nossa vida, na nossa relação com o mundo, conforme se a nossa relação com o mundo é definida pela capacidade de pensar já que somos o único ser vivo capaz de o fazer, acho que o facto de sermos o único ser vivo capaz de amar, também deve ser influente e decisivo na*

*maneira como vivemos a nossa vida*”). De acordo, com o Pedro a definição de amor é paixão e um conjunto de palavras e de sentimentos bons (“*A palavra amor para mim quer dizer muita coisa, quer dizer companheirismo, quer dizer paixão, quer dizer... a palavra amor é um grupo de palavras boas e de sentimentos bons*”). O Ricardo começa por relacionar o amor com a estreita necessidade que o homem tem de estar acompanhado e não sozinho (“*Eu acho que o ser humano não foi feito para viver, para estar sozinho, nem é a questão do viver, é para estar sozinho, nós somos seres sociais*”), atribuindo-lhe uma boa definição (*É maravilhoso, não sei quantificar de outra forma*”). Por sua vez o Carlos começa por exaltar a paixão (“*Ah uma energia boa e que salva o mundo... e positivo*”), mas depois banaliza o amor e o significado que lhe deu, recorrendo à negação (“*Não sou daquele cliché, que salva, o amor é assim veio para salvar mas oh pá é uma energia muito boa, amor de mãe, amor de pai, amor de marido, amor de irmão, amor com o cão, amor com o gato, amor por si próprio, primeiro que tudo*”). Maioritariamente todos os participantes tiveram a tendência de começar por caracterizar o amor de forma positiva apesar de ser algo complexo, no entanto, todos deram uma conceção de amor distinta.

A segunda subcategoria é referente à **Vida Amorosa**, neste sentido o Rui começa por afirmar que não teve muitos relacionamentos, mas que os três relacionamentos que teve considera que foram todos muito importantes (“*Eu não tive muitos namorados, só tive, tive esse primeiro, depois tive outro com quem andei pouco tempo e depois o atual... estas três foram as que verdadeiramente foram importantes*”), seguidamente afirma que só sabia que estava apaixonado quando tinha propriamente algum contacto com o rapaz, até lá tinha dificuldade em se consciencializar que estava apaixonado (“*Não podia ter a certeza se estava apaixonado, se não tivesse efetivamente alguma coisa com o rapaz em questão...primeiro eu creio que me apaixonava um bocado sem ter consciência ao certo de que estava apaixonado*”). A sua primeira relação foi a que o marcou mais, apesar de começar por enaltecer que foi negativa, contradiz-se (“*Ah, foi tortuosa, estou a exagerar*”). O Rui refere que a relação que teve, foi inicialmente a sua relação ideal (“*Pronto, e depois começámos a namorar durante... durante bastante tempo, foi muito bom quer dizer, era um bocado uma concretização daquilo que eu em, muitos aspetos idealizava na minha cabeça que seria, que seria ter uma relação com uma pessoa*”), no entanto, começaram a ter muitos conflitos e quando ganhou coragem terminou a relação (“*A partir de determinada altura estávamos sempre a terminar e a recomeçar, a terminar e a recomeçar e o padrão era basicamente sempre o mesmo... quando finalmente tive*

*capacidade para, fui eu que terminei a minha relação com ele*”). Por sua vez, o Pedro assumiu primeiramente uma relação com uma mulher, impondo a heterossexualidade a si próprio (*“Fui eu que me impus a mim próprio que deveria arranjar uma namorada”*), afirma que foi como uma conquista para ele (*“Foi quase como uma conquista para mim próprio”*). No entanto, utilizava a negação como defesa (*“Nós achávamos na altura que estávamos corretos e que era tudo muito bom, mas não era”*), assim a sua justificação para a relação se ter mantido durante anos foi o facto de não ter um termo de comparação (*“Depois de me ter apaixonado por um homem, aí tive um termo de comparação”*).

As primeiras relações amorosas que o Ricardo teve foi com mulheres (*“tive com mulheres até aos 25 anos”*), a sua mudança de objeto amoroso parece ter sido sentida como algo incontrollável e repentina (*“Tive algumas namoradas e a última relação não acabou assim muito bem, foi então que aconteceram uma data de coisas, e quando dei por mim, estava a namorar com um homem”*). O Ricardo afirma que uma das relações que o marcou mais foi com a última rapariga que namorou, utilizando a negação para colmatar os sentimentos de traição e rejeição (*“A última relação que eu tive com uma mulher, marcou-me bastante porque, apesar de ter acabado um bocadinho mal, nada de especial mas basicamente voltou para o ex-namorado que tinha tido antes de me conhecer”*), pois havia muitos objetivos e uma idealização da relação (*“Se calhar se as coisas se tivessem desenrolado, ou não, teria sido a pessoa com quem tivesse casado, não sei quantificar. Mas era uma relação muito boa e muito sólida, sim, sim, sem dúvida”*). De acordo, com o Carlos a sua primeira relação amorosa foi na adolescência, com uma rapariga (*“Eu apaixonei-me, eu não sei com 12 ou 14 anos, andava com uma rapariga”*), enaltecendo que não estava a negar a sua sexualidade, e que se sentia bem (*“Eu nem sabia o que era isso de gay ou hétero ou... Ah e sentia-me bem, nunca fiz esforço... nunca andei com mulheres para esconder nada”*). A primeira relação que teve com uma mulher não gostou, projetando a homossexualidade ao caracterizá-la (*“Tive uma vez sexo com uma mulher e foi recíproco, a gente não gostou ... Ela era toda homem”*). Deste modo, podemos verificar que maioritariamente os participantes iniciaram a sua vida amorosa com mulheres, mas todos passaram por um período de negação, porque mesmo o Rui que o seu objeto amoroso foi inicialmente um homem, demonstrou que teve dificuldades em consciencializar esse sentimento, negando a sua sexualidade.

A **Relação Ideal** é a terceira subcategoria da categoria o amor, neste sentido segundo o Rui a sua conceção de relação ideal é haver amor e alguém para o partilhar (*“Amor, lá está... e acima de tudo alguém com quem estar, com quem partilhar a minha*

vida”), seguidamente defende-se banalizando o que disse anteriormente (“*Eu acho que não procuro nada, que as outras pessoas não procurem*”) e por fim enaltece a importância da lealdade para si na relação (“*A lealdade é uma coisa que me preocupa bastante*”). Para o Pedro uma relação ideal deve ser construída em base de companheirismo e cumplicidade (“*Acima de tudo companheirismo e cumplicidade*”). O Ricardo exalta características positivas que para si são imprescindíveis numa relação ideal (“*Compreensão, carinho, amizade, respeito e sinceridade*”). Por fim, o Carlos começa por referir que para existir uma boa relação deve-se ter respeito e simpatia (“*Respeito pelo próximo recíproco e simpatia, portas abertas para uma boa relação*”), de seguida volta a mencionar a importância do respeito e que numa relação não deve haver o sentimento de posse e o ciúme (“*Pede-se respeito. Pede-se não impor nada um ao outro... não são meus, as pessoas não podem ser possessivas... deve haver respeito entre os dois, sou contra ciúmes*”) e termina dando uma definição de relação (“*Somos amigos e fazemos sexo um com o outro*”). No geral todos os participantes representam a sua relação ideal com um conjunto de características positivas que promovem a consolidação dessa relação. Embora o Carlos, destaque a sua definição de relação seja dois amigos que fazem sexo um com outro, desvalorizando a intimidade.

A seguinte subcategoria alude a **Relação Amorosa Atual**, neste sentido pode-se verificar que o Rui está numa relação há três anos e apesar de não ter tido um início muito auspicioso, já vivem juntos (“*Nós estamos juntos há três anos... sim e vivemos juntos há dois. E não foi uma relação que tivesse um início propriamente, muito promissor ou fácil*”). E que apesar das diferenças, são um casal que se completa (“*Nós somos pessoas muito diferentes mas penso que nos complementamos bastante bem*”). O Pedro estabilizou a sua vida afetiva quando conheceu o seu companheiro, com o qual está junto há 14 anos e continua a viver a sua história de amor (“*Porque eu apaixonei-me pelo Paulo e o Paulo por mim e foi assim que a nossa história começou a desenvolver... vivo com um homem do qual me apaixonei, foi o único relacionamento com homens até hoje, dura há 14 anos e foi e continua a ser uma história de amor*”). Segundo o Ricardo a sua relação amorosa é estranha (“*Esta relação, foi um bocadinho estranha, porque nós conhecemos, fomos ao cinema e nessa noite foi dormir a minha casa e nunca mais saiu de lá*”), estão juntos há dois anos (“*Dois anos*”) e foram um bocado precipitados, não tendo tido tempo para se conhecerem melhor (“*Foi mesmo um erro ter sido desta forma tão precipitada, porque não nos deu, quer a mim quer a ele, para nos conhecermos um ao outro*”). Para o Ricardo o facto de estarem a passar uma fase conturbada é devido à

questão de não se terem conhecido bem e terem-se precipitado (*“Porque chocamos muito, ainda hoje em dia, estamos a passar uma fase menos boa também... foi tudo muito rápido”*). O Carlos começa por salientar que está com o companheiro há 14 anos e a sua necessidade de estar em sintonia remete para uma relação muito fusional (*A gente começou em Fevereiro de 2000... Está tudo em sintonia... Há uma energia uma coisa que ficamos quase igual nas perguntas e nas respostas*”), no entanto, parece que não existe uma relação entre os dois (*“A disparidade de horários, ele trabalha à noite e eu à noite estou em casa sozinha, eu trabalho de dia e ele está o dia sozinho”*). Assim, podemos verificar que o Pedro e o Ricardo tiveram uma paixão muito forte, mas a relação do Pedro é uma relação amorosa mais estável. O Ricardo caracteriza a sua relação como estranha e que o grande fator que a compromete é eles não se conhecerem bem, não conseguindo resolver os conflitos. Por fim, o Carlos idealiza a sua relação pois descreve-a como muito boa, no entanto eles mal conseguem estar juntos.

## V-DISSCUSSÃO E CONCLUSÕES

Tendo em conta os resultados obtidos, iremos prosseguir para a sua discussão, no sentido de compreendermos as internalizações de padrões encontrados.

### 5.1. Desenvolvimento do Eu

No Desenvolvimento do Eu é possível observar que a infância dos participantes foi marcada por episódios negativos, no entanto recorrem à negação para se defenderem. É importante salientar, que o Rui se desenvolveu com base na depressão e o Carlos no sentimento de culpa. Deste modo, é possível pensar que o desenvolvimento da identidade destes participantes foi conturbado, pois é na infância que se estabelecem as primeiras relações objetais e as primeiras identificações. Klein (1957) salienta que a primeira relação objetal que a criança estabelece vai contribuir para o desenvolvimento da sua estrutura psíquica.

Na adolescência verificou-se que os participantes tiveram dificuldades em aceitar a sua sexualidade. De acordo, com Butler (1995) o desejo homossexual pode ser experienciado como desadequado relacionado com o receio de perder a masculinidade. O Rui e o Carlos mostraram alguma imaturidade como forma de fugir à problemática existente, assim o Rui rejeita o seu corpo o que leva a rejeitar a sua sexualidade e o Carlos procura seguir os padrões da normalidade. É na puberdade que o sujeito vai procurar o seu objeto sexual cedendo ao primado da genitalidade e indo ao encontro da satisfação (Freud, 1905). Deste modo, observamos que o facto de os sujeitos negarem a sua sexualidade levou a que a maioria procurasse um objeto heterossexual. Na teoria Freudiana a escolha de objeto homossexual é definida como uma inversão. Segundo Freud (1905) a inversão ocorre na infância, existindo uma identificação com a imago materna que conduz os sujeitos a escolherem o mesmo objeto que a mãe, procurando parceiros à sua semelhança. O autor afirma que esta conduta é definida na adolescência e denomina-a como amor narcísico.

Tendo em conta o que acabámos de observar é possível afirmar que os períodos mais importantes do desenvolvimento dos participantes foram vivenciados com alguma angústia e marcados pela negação, como tal é fácil compreender que atualmente todos o participantes apresentem compensações narcísicas.

## **5.2. Objetos Internos**

Nos Objetos Internos foi possível observar que as representações internalizadas da figura materna foram maioritariamente positivas, apenas o Rui não conseguiu representar a mãe individualmente referindo-se ao casal parental. O Pedro e o Carlos nas suas representações apresentam ter uma relação mais próxima da mãe. O Pedro mais afetivo e Carlos mais fusional.

Em relação à imago paterna verificamos no geral representações negativas, no entanto os participantes fizeram uma caracterização psicológica mais clara do pai relativamente à mãe. Podemos observar que o Pedro e o Carlos representam o pai de forma semelhante, pois ambos caracterizam o pai como alcoólico e violento.

As representações do Casal Parental efetuadas pelo Pedro e o Carlos são semelhantes, no sentido que ambos representaram a relação dos pais como conturbada. No caso do Pedro é possível verificar além de uma relação conflituosa, um novo modelo de relação, sendo este a nova história de amor que a mãe vai viver fora da relação com o pai. É importante salientar, que o Pedro ao representar uma mãe rejeitante e um pai dependente remete para uma inversão do lugar do feminino e do masculino. O Carlos apresenta um modelo de conflito e oposição, mas nega os problemas existentes na relação dos pais e replica essa relação com a irmã, salientando que no fim a relação resulta e que todos os casais têm essas características. O Rui apesar de apresentar um casal com uma relação equilibrada, percebe-se que não tem um modelo de relação existindo uma grande distância. O mesmo se verifica no Ricardo, que também não tem um modelo de relação. Segundo Frisch-Desmarez (2010) a representação que a criança constroem da relação de casal parental vai ser internalizada pela mesma em diversos objetos internos, como tal deve-se dar relevância mais à frente quando observamos as relações amorosas dos participantes.

## **5.3. Identificações**

Nas Identificações estabelecidas pelos participantes, verificámos que o Pedro e o Carlos se identificam com a imago materna, indo ao encontro da teoria Freudiana (1905) que afirma que a homossexualidade ocorre quando o menino se identifica com a mãe e procura o mesmo objeto de desejo. No caso do Pedro é possível verificarmos essa identificação, pois a sua identificação com a mãe é tão próxima que além da escolha objetal ser a mesma, também replica a história de amor. É importante salientar que na

representação do casal parental o Pedro e o Carlos descreveram um pai maltratante, portanto ao identificarem-se com a mãe defendem-se da identificação com o agressor.

Por outro lado, as identificações que o Rui e o Ricardo estabeleceram vêm refutar a teoria de Freud (1905) pois ambos se identificaram com a figura paterna. O Rui distancia-se do pai, porque a aproximação é sentida com estranheza, não conseguindo diferenciar identificação de desejo. Enquanto o Ricardo declaradamente se identifica com o pai mas vive no mundo feminino. As identificações de ambos os participantes são marcadas pela ambiguidade. Segundo Corbett (2008) a heterossexualidade não provém da identificação que o menino faz com o progenitor do mesmo sexo. O autor afirma que as identificações podem ser estabelecidas de múltiplas maneiras.

Como tal, o nosso primeiro objetivo “*As identificações vão refletir-se na escolha do objeto*”, verifica-se no Pedro e no Carlos. Ambos se identificam com a mãe e escolhem o mesmo objeto: um homem. No entanto, o nosso objetivo não se verifica no Rui e no Ricardo, que parecem não evidenciar nenhum padrão.

#### **5.4. Representações Internas de Masculino e de Feminino**

Relativamente às Representações de Masculino e de Feminino verificámos que o Rui é o único que diferencia os géneros e salienta que se identifica com o género masculino, não conseguindo separar identificação e escolha objetal, ou seja não diferencia identificação e desejo. O Pedro e o Carlos igualam, mas o Pedro logo a seguir diferencia acabando por afirmar que os homens são mais sexuais que as mulheres. Já o Carlos iguala numa tentativa de uniformizar e enaltece que não concorda com os papéis de género. Para o Ricardo não existe género e tal como o Carlos não concorda com os papéis de género afirmando que infelizmente na sociedade a mulher ainda é representada como o sexo fraco.

Assim verificámos que de uma forma geral os participantes têm dificuldade em diferenciar os géneros, havendo uma tendência a igualá-los. De acordo, com a literatura a diferenciação sexual ocorre na puberdade (Freud, 1905). Assim, o facto de os participantes terem tido problemas em aceitar a sua sexualidade nesse período pode explicar a dificuldade de diferenciação do género. Segundo Aron (1995) a representação de masculino e de feminino leva às internalizações e identificações. Assim, de acordo com Freud (1915) e Goldner (1991) a masculinidade é edificada a partir da rejeição do feminino e a identificação com o pai. Como podemos verificar anteriormente as

identificações do Rui e do Ricardo foram com a imago paterna indo refutar as seguintes teorias. No que concerne Corbett (2008) atualmente estamos perante uma reconceptualização da masculinidade.

Deste modo, o nosso segundo objetivo “*As representações das imagos parentais vão levar às representações de masculino e de feminino*” é corroborado pelo Pedro que quando representa o masculino e o feminino assevera que os homens são mais sexuais que as mulheres, indo ao encontro do que observámos na representação do pai, em que uma das características que evidencia é o facto de o pai ser mulherengo (“*era todo das mulheres e muito mulherengo*”). De acordo, com o que encontramos nos nossos participantes, não é possível encontrar um padrão porque os outros participantes aparentemente não funcionam dentro da conceção dicotómica.

### **5.5. Relações com as Figuras Parentais**

A literatura enaltece a importância das Relações com as Figuras Parentais pois o estabelecimento de boas relações é promotor de um bom desenvolvimento conduzindo à capacidade de amar (Klein, 1957; Kernberg, 1974, 1980, 1991). As relações do Pedro e do Ricardo são marcadas pelo confronto. O Carlos retira-se da relação e o Rui é o único que apesar da distância tem uma relação mais próxima com o pai. É importante salientar que a relação com o pai é essencial para o estabelecimento da triangulação e superação do Complexo de Édipo.

Na relação com a mãe foi possível observar que o Pedro e o Ricardo estabelecem uma relação positiva com a mãe. Segundo Klein (1957) a relação com a mãe é a primeira a ser estabelecida pela criança nos primeiros anos de vida sendo impulsionadora de futuras relações. Por sua vez, o Rui e o Carlos apresentam relações distantes. No entanto, é possível verificar que o Carlos se identifica com a mãe e que apesar da distância, tem uma relação mais próxima com ela do que com o pai.

As relações que os participantes estabelecem com ambos os progenitores são marcadas pela negação. Além disso, Stoller (1979) fala de uma dinâmica familiar específica que está relacionada com a inversão. Como podemos verificar a relação que o Rui e o Carlos estabelecem é distante e ambos valorizam os pais. No entanto, o Rui utiliza a negação como defesa e o Carlos a banalização retirando o valor atribuído aos pais inicialmente. O Pedro e o Ricardo não conseguem caracterizar a sua relação com os pais.

No caso do Pedro a relação dos pais era muito conturbada e a sua relação com o pai é conflituosa, já o Ricardo distancia-se e faz uma separação.

Com efeito, constatamos que os participantes estabelecem uma relação mais próxima com a mãe. Por sua vez, verificámos que o Pedro e o Carlos não obedecem a nenhum padrão, o que é curioso, pois nas representações das imagos parentais e nas identificações destacaram-se pelas suas semelhanças.

## **5.6. Representação do Companheiro**

De acordo com as representações efetuadas observamos que o Rui e o Carlos apresentam uma descrição positiva e sólida do companheiro. É importante salientar que o Rui caracteriza o companheiro como pragmático, sendo esta a mesma característica que atribuiu aos pais, salientando que a mãe é mais pragmática do que o pai. Deste modo, remete para uma procura de um objeto parecido com a sua mãe, salientando a sua identificação com o pai. O Carlos idealiza o seu companheiro, neste sentido é importante referir que a capacidade de idealizar o amor e relacioná-lo com o erotismo promove a construção de uma relação de objeto profunda (Kernberg, 1995).

Por sua vez, o Carlos não consegue atribuir defeitos ao companheiro numa tentativa de igualá-lo como se os dois fossem um só. Deste modo, ao sabermos que se identifica com a mãe observamos que vai buscar o mesmo objeto que ela e tenta unificá-lo para ficar à sua semelhança. Assim, como referimos anteriormente, a teoria Freudiana afirma que o amor homossexual acontece através da identificação que o sujeito estabelece com a mãe, procurando um objeto semelhante a si mesmo. Por outro lado, o Pedro não representa o companheiro e o Ricardo como estava numa fase conturbada na relação teve algumas dificuldades em representá-lo, atribuindo-lhe características maioritariamente negativas havendo alguma contradição.

## **5.7. O Amor**

O Amor é muito subjetivo, sendo composto por diversas definições que variam de pessoa para pessoa, pois tal como Freud (1915) conclui nos seus estudos, o amor é um sentimento muito complexo. Deste modo, observamos que o Pedro e o Carlos enaltecem a paixão, referindo-se a “*palavras e energias boas*”. A paixão segundo Mitchell (1997) é imprescindível na idealização do amor, no sentido que o sujeito constrói uma valorização ilusória da pessoa que ama, atribuindo-lhe características de beleza, poder e

perfeição. No entanto, de acordo com a teoria Freudiana a idealização do amor é regressiva e perigosa, pois consome o ego do próprio narcisismo. Neste sentido observamos que o Carlos utiliza logo de seguida a negação e a banalização como defesa à sua representação de amor.

O Rui intelectualiza o Amor e distancia-se. O Ricardo caracteriza o amor como um antídoto para a solidão pois não permite que as pessoas fiquem sozinhas, destacando a dependência. Mitchell (1997) refere que o amor quando é experienciado de uma forma dependente não é positivo e pode mesmo ser perigoso, porque leva à agressividade. A partir dos resultados, observámos que cada participante deu uma definição distinta sobre amor, o que vai ao encontro da teoria de Altman L. L. (1977) que afirma ainda não existir uma definição concreta do que é o amor.

Na vida amorosa dos participantes observamos que maioritariamente houve um período que foi marcado por uma escolha de objeto heterossexual, ou seja verificamos mais uma vez que os participantes tiveram muita dificuldade em aceitar a sua sexualidade. Contudo, observa-se também que essa escolha de objeto foi marcada pela negação por forma a defenderem-se do desejo. O Rui foi o único que procurou primeiramente um objeto homossexual, embora também tenha sido possível verificar que teve dificuldades em aceitar a sua sexualidade. Assim, de acordo com Butler (1995) a fuga à escolha de um objeto do mesmo género é uma forma de proibirem o desejo homossexual, que muitas vezes é sentido como errado e por isso tendem a negá-lo.

Ross (1991) caracterizou o amor como complexo e conflituoso, reproduzido pela imagem de outra pessoa. Para o autor a paixão é um contributo essencial para o desenvolvimento da maturidade. Relativamente à representação que os participantes fazem da relação ideal, verificámos o predomínio de características positivas como constituintes para um bom relacionamento, tais como o respeito e a lealdade. No entanto, é de salientar que a representação do Rui é banalizada e a do Carlos desvalorizada. Tendo o último dado uma conceção de relação: “*Somos amigos e fazemos sexo um com o outro*”. Deste modo, Kernberg (1995) chama a atenção para o desenvolvimento do amor sexual maduro, sendo importante referir a idealização e o erotismo para a construção de uma boa relação de objeto.

Nas relações amorosas atuais dos participantes podemos verificar que a relação do Pedro e do Ricardo é marcada pela paixão. No entanto, o Ricardo caracteriza a sua relação como estranha e atribui ao facto de mal se conhecerem o desgaste da relação. Já o Rui e o Carlos representam a sua relação como completa. Embora no Carlos essa

completude seja constituída por dois registos, o fusional e o da oposição, onde não consegue estar no meio, colocando-se assim no lugar da mãe. Deste modo, como defesa idealiza a relação e nega os conflitos. Neste sentido, é de realçar as cinco funções que Bergmann (1980) introduziu, para que se estabeleça uma relação de objeto madura: 1º) o ego deve avaliar as capacidades reais do companheiro; 2º) o novo objeto de amor deve incluir representações de antigos objetos de amor; 3º) o ego deve proteger o novo amor de proibições incestuosas; 4º) deve permanecer a ideia de gratificação e de satisfação, minimizando as exigências do id; 5º) o ego deve prevenir a escolha de objeto patológica.

Relativamente ao terceiro objetivo que é “*A representação de casal parental, vai levar à construção de uma matriz relacional*” podemos verificá-lo no Pedro pois este vai replicar o segundo modelo que internalizou de casal parental, onde a mãe deixa o pai para ir viver a sua história de amor e o Pedro deixa a sua ex-mulher para ir viver a sua história. Este objetivo também é corroborado pelo Carlos pois considera que a relação que os pais estabelecem é como uma “*simbiose que resulta*”, apesar de ser uma relação conflituosa acrescenta que todos os casais apresentam essas características. Assim, tendo em conta a relação que ele estabelece com o companheiro, podemos verificar que também tem uma relação constituída em dois registos o fusional (que tal como os pais existe uma simbiose e uma unificação) e o de oposição (nos pais está presente o conflito, enquanto na relação do Carlos há a fuga do conflito, pois mal se vêm devido à disparidade de horário). É de referir que o Carlos utiliza a negação na caracterização de ambas as relações.

## VI - CONCLUSÃO

Este estudo permitiu compreender, a partir de uma metodologia qualitativa a experiência amorosa de quatro homens homossexuais, bem como o desenvolvimento das suas identidades, a construção de relações de objeto e as suas identificações. Através dos resultados foi possível verificar que os participantes tiveram experiências diferentes que conduziram à homossexualidade.

De acordo com os estudos efetuados por Brooks & Good, 2001; Levant & Pollack, 1995 (cit. por Wester, Pionke & Vogel, 2005), percebemos que a repressão da sociedade em relação à homossexualidade leva a que os homens reprimam expressões de afeto e comportamentos que demonstram amor e admiração. Assim, tal como observamos na discussão dos resultados o desejo homossexual é muitas vezes sentido como desadequado (Butler, 1995), sendo esta uma das explicações que justifica o padrão encontrado na dificuldade de aceitação da sexualidade presente nos quatro participantes.

A ambiguidade presente e a utilização constante da negação dificultou a compreensão do posicionamento de cada participante na relação. De acordo, com as particularidades que permitem encenar a vivência da relação, observámos padrões nas identificações dos participantes, tais como o Pedro e o Carlos que foram ao encontro da teoria clássica quando se identificaram com a imago materna, escolhendo o mesmo objeto. No entanto, tecendo uma síntese da fundamentação teórica, considerámos que as identificações não podem cingir-se à imago materna em relação aos homens homossexuais, tal como Benjamin (1996) e Corbett (2008) salientaram.

Referimos até agora as semelhanças, mas não podemos deixar de salientar que encontramos inúmeras diferenças. Ao longo da nossa análise verificámos que as semelhanças apresentam-se principalmente em dois dos participantes: Pedro e Carlos. No entanto, não foi possível efetuar uma melhor reflexão à cerca deste padrão.

Por sua vez, a escassez de estudos na área das relações homossexuais impossibilitou-nos uma exploração mais precisa dos nossos objetivos. De salientar que as conclusões do presente estudo não são definitivas nem generalizáveis. Tendo em conta, que a nossa amostra é constituída por quatro participantes, impossibilitou o encontro de uma maioria. Assim, seria aconselhável em estudos posteriores utilizar um maior número de sujeitos, por forma a ser mais fácil o encontro de padrões e uma conclusão mais explícita dos resultados.

Assim, apesar de não conseguirmos dar uma resposta definitiva às questões levantadas, verificámos que o Amor é imprescindível no desenvolvimento do ser humano, pois ele está presente nas identificações, nas escolhas objetais e no estabelecimento das relações. Tendo em conta os nossos resultados, observámos que o amor é experienciado de uma forma única por cada sujeito.

Para finalizar esperamos que a presente investigação contribua para a realização de mais estudos, tais como explorar melhor as identificações de sujeitos homossexuais e ainda estender este estudo a homens heterossexuais, embora Ainsworth (1985) refira que a principal diferença entre casais do mesmo sexo e heterossexuais é que a última é socialmente aceite.

## REFERÊNCIAS

- Altman, L. L. (1977). *Some Vicissitudes of Love*. Presented at the Regional Council Meeting of the Psychoanalytic Societies of Greater New York .
- Albarello, Luc, Digneffe, Françoise; Hiernaux, Jean-Pierre, Maroy, Christian, Ruquoy, Danielle & Saint-George, Pierre (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Ainsworth, M. D. (1985). Patterns of attachment. *Clinical Psychologist*, 38, 27–29.
- Aron, L. (1995). The Internalized Primal Scene. *Psychoanalytic Dialogues*, 5 (2), 195-237.
- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70.
- Benjamin, J. (1996). In Defense of Gender Ambiguity. *Gender and Psychoanalysis*, 1(1), 27-43.
- Bergmann, M. S. (1980). On the intrapsychic function of falling in love. *The Psychoanalytic Quarterly* 49 :56-76.
- Bergmann, M. S. (1982). Platonic love, transference love, and love in real life. *Journal of the American Psychoanalytic Association* 30, 87-111.
- Bergmann, M. S. (1988). Freud's three theories of love in the light of later developments. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 36 (3).
- Blechner, M. J. (2006). Love, Sex, Romance, and Psychoanalytic Goals. *Psychoanalytic Dialogues*, 779-791.
- Butler, J. (1995). Melancholy Gender - Refused Identification. *Psychoanalytic Dialogues*, 5 (2), 165- 180.
- Campos, C. (2004). Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57 (5), 611-4.
- Candeias, C. (2011). *Homossexualidade masculina: uma ou várias?*. Dissertação de mestrado não publicada, ISPA-IU, Lisboa, Portugal

- Coimbra, A. (2012). *Dinâmica da representação familiar em mulheres homossexuais*.  
Dissertação de mestrado publicada em:  
<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2247/1/5452.pdf>
- Corbett, K. (2008). Gender Now. *Psychoanalytic Dialogues*, 18, 838-865.
- De Ketele, J.M. & Rogiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados. Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Freud, S. (1905). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In *Obras Completas – Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914) *On Narcissism: An Introduction*. Standard Edition XIV, pp. 73-102.
- Freud, S. (1915) *Instincts and Their Vicissitudes*. Standard Edition XIV, pp. 117-140.
- Frisch, S. & Frisch-Desmarez, C. (2010). Some thoughts on the concept of the internal parental couple. *Institute of Psychoanalysis*, 91, 325-342.
- Goldner, V. (1991). Toward a Critical Relational Theory of Gender. *Psychoanalytic Dialogues*, 1, (3), 249-272.
- Gómez, J.A. & Cartea, P. (1995). *A Perspectiva Ecológica: Referências para o Conhecimento e a Práxis Educativa*. In Carvalho, A. et al. (org.). *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora, Lda, 135-169.
- Haj-Yahia, M. M. & Cohen, H. C., (2009). On the lived experience of battered women residing in shelters. *Journal of family Violence*, 24, 95-109.
- Kernberg, O. F. (1974). Barriers to Falling and Remaining in Love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 22 (3), 486-511.
- Kernberg, O. F. (1980). Love, the Couple, and the Group: A Psychoanalytic Frame. *Psychoanalytic Quarterly*, 49.
- Kernberg, O. F. (1985) *Borderline conditions and pathological narcissism*. Northvale : Jason Aronson.

- Kernberg, O. F. (1991). Aggression and love in the relationship of the couple. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 39, 45-70.
- Kernberg, O. F. (1995). *Love Relations: Normality and Pathology*. New Haven.
- Klein, M. "Obras Completas de Melanie Klein: Volume III. Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1957)". Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Kvale, S. (1996). *Interviews – An Introduction to Qualitative Research Interview*. U.S.A.: Sage Publications, Inc.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). Narrative, discourse and the unconscious: a case study of Tommy. In M. Andrews et al. (Eds.), *Lines of narrative: psychosocial perspectives* (pp. 136 – 148). London: Routledge.
- Hollway, W. (2009). Applying the “experience – near” principle to research: psychoanalytically informed methods. *Journal of Social Work Practice*, 23 (4), 461 – 474.
- McDougall, J. (1986). Identifications, neoneeds and neosexualities. *The International journal of psycho-analysis*, 67, 19-31.
- Minayo, M. C. de S. & Sanches, O., (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cad. Saúde Pública*, 9, 239-62.
- Mohr, J. J., Selterman, D., & Fassinger, R. E. (2013). Romantic Attachment and Relationship Functioning in Same-Sex Couples. *Journal of Counseling Psychology*, 72-82.
- Mitchell, S. A. (1997). Psychoanalysis and the degradation of romance. *Psychoanalytic Dialogues*, 7 (1), 23-41.
- Mitchell, S. A. (2002). *Can love last? The take of romance over time*. New York: W.W. Norton.
- Neves, J. (1996). Pesquisa Qualitativa - características, usos e possibilidades. *In Caderno de Pesquisas em Administração*, 1 (3), 1-5.
- Passos, M. C. & Polak, P. M. (2004). A identificação como dispositivo da constituição do sujeito na família. *Mental*, 3, 39-50.

- Platão (Dezembro de 2006), *O Banquete*. Edições 70, LDA Lisboa.
- Piovesan, A. & Temporini, E. R., (1995). Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Rev. Saúde Pública*, 29 (4), 378-25.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Gradiva (Obra original publicada em 1995).
- Ross, J. M. (1991). A Psychoanalytic Essay On Romantic, Erotic Love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 39.
- Sales, L. S. (2002). Fantasia e Teorias da Sedução em Freud e em Laplanche. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (3), 323-328.
- Sauberman, P. R., (2009). Psicanálise relacional contemporânea da pulsão para a relação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1 (43), 121-128.
- Stoller, R. (1979). A contribution to the study of gender identity: Follow-up. *International Journal of Psycho-Analysis*, 60 (4), 433-441.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. London: Sage.
- Tuckman, B.W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wester, S. R., Pionke, D. R. & Vogel, D. L. (2005). Male Gender Role Conflict, Gay Men, and Same-Sex Romantic Relationships. *Psychology of Men & Masculinity*, 6 (3), 195-208.
- Zosky, D. L. (1999). The Application on Object Relations Theory to Domestic Violence. *Clinical Social Work Journal*, 27 (1).

# ANEXOS

## ANEXO I – 1º Guião da Entrevista

1. Gostava que me falasse um pouco de si... Como é que é como pessoa?
2. Como recorda a sua vida?
3. Como é a sua família?
4. Fale-me dos seus pais...
  - a. Como é a sua relação com eles?
  - b. Como vê a relação entre os pais?
  - c. Como é cada um deles?
5. E como era em criança? Lembra-se de algum episódio que tenha marcado mais a sua infância? (Bom e mau)
6. Ao longo da vida, quem foram (ou são) as pessoas mais significativas para si ou que o marcaram de alguma forma?
7. Qual é que acha que foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?
8. Fale-me um bocadinho da sua vida amorosa.
9. Apaixonou-se, na adolescência? (apaixonou-se primeiro por uma mulher, como foi essa percepção de orientação sexual).
10. E como foi quando o corpo começou a mudar... como é que foi para si essa experiência?
11. E como foi essa primeira relação? (Idade, etc)
12. Contou que era homossexual?(e a quem?) [...] Como é que foi em relação à família? Porque é que contou/ não contou?
13. Qual é a posição dos seus pais e os “outros” a quem contou da sua orientação sexual?
14. Como é que definiria o amor?

15. O que espera de uma relação? (qual a importância do sexo na relação).
16. Fale um pouco da sua relação actual, já estão juntos há muito tempo?
  - a. Como começou?
  - b. Como se conheceram?
  - c. Quais os vossos conflitos (Como é que ele é, o que os une, o que os separa)?
17. No contexto deste trabalho que estou a fazer, é importante eu perceber como é que as pessoas se situam em relação aos homens, às mulheres, ao masculino, ao feminino... portanto, nesse sentido o que é que acha dos homens... e o que é que acha das mulheres?
18. Obrigada por ter colaborado. Se possível agendaremos nova entrevista para falarmos mais um bocadinho sobre estas coisas. Gostaria de dizer alguma coisa que não tivesse dito, para eu perceber melhor o seu percurso?
19. Houve alguma pergunta que não tivesse gostado de responder?

## **ANEXO II – 2º Guião da Entrevista Aplicado ao Rui**

1. Como eram as suas relações em criança?
2. E como descreve as pessoas da sua família?
3. Os seus pais conhecem o seu companheiro?
4. Como é que os seus pais descobriram a sua opção sexual?
5. E há uma aceitação por parte dos seus pais?
6. Como é que define o seu companheiro?
7. E relativamente aos vossos conflitos, como é que os resolvem?
8. Como casal sentem-se discriminados?

### **ANEXO III – 2º Guião da Entrevista Aplicado ao Pedro**

1. Como é que foi a separação da sua mulher, ex-mulher neste caso?
2. Como é que as pessoas regiram?
3. Que idade tinha o seu filho quando se separaram?
4. E como foi em relação à sua mulher, à separação?
5. Como foi viver com uma mulher, visto que é homossexual? Sentia interesse sexual pela sua mulher?
6. O que é que pensou, quando a sua mãe ficou triste por não lhe ter contado, acerca da sua sexualidade?
7. Como é a relação do seu companheiro com o seu filho?

## **ANEXO IV – 2º Guião da Entrevista Aplicado ao Ricardo**

1. Como é a sua relação com os seus pais?
2. Como é a sua relação com o seu namorado?
3. E como eram as suas relações anteriores?
4. Anteriormente tinha dito que às vezes tinha tendência de desligar o telefone, de isolar-se um pouco, pode-me falar um pouco sobre isso?

## ANEXO V – Carta de Consentimento Informado

Leia atentamente:

A investigadora Patrícia Alexandra Gomes Torgal Brás, estudante do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Instituto Universitário (ISPA-IU) pretende efetuar um estudo cujo título é: “O Amor nas Relações Homossexuais Masculinas”

O presente estudo para o qual foi solicitada a sua participação tem como objetivo compreender as relações homossexuais, através da recolha de entrevistas serão vistas unicamente pelo investigador.

A sua participação neste estudo é **anónima, voluntária e gratuita**, sem que exista qualquer tipo de recompensa ou despesa pessoal. Também deve ser referido que pode desistir a qualquer altura da investigação, sem que essa acção se traduza numa penalização. A participação neste estudo não implicará nenhum tipo de dano, quer físico, quer psicológico.

Perante a situação exposta e caso deseje participar, agradecia que fizesse uma assinatura nesta folha, apenas como prova de que participará de livre vontade neste estudo.

(Nota: Não é demais relembrar, que esta assinatura não terá qualquer tipo de implicação no que concerne ao anonimato).

.....

### Termo de Consentimento Informado

Eu,

\_\_\_\_\_  
aceito participar no estudo sobre o Amor nas Relações Homossexuais efetuado por Patrícia Brás, aluna de 4º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, no ISPA-IU. Declaro que fui informado sobre objetivos e procedimentos a serem garantidos, assim como confidencialidade e anonimato. Autorizo também a gravação da entrevista.

\_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Assinatura do(a) investigador(a)

## ANEXO VI – Excertos das Entrevistas do Rui

### 1º Entrevista:

**E:** Gostava que me falasse um pouco de si... Como é que é como pessoa?

**R:** Ah... hum... tenho vinte e três anos estudo arquitetura... ah... hum... e a **sou claramente um bocadinho reservado**... ah... e.... não sei, não tenho muito mais a dizer.

**E:** Ok. Como recorda a sua vida?

**R:** Ah... Eu vejo a minha vida sempre um bocado como **uma sequência de eventos um bocadinho contraditórios**, mas no geral acho que, apesar de ter começado **de uma forma bastante infeliz**... Ah acho que cheguei a um bom lugar mais ou menos... Ah... não sei [...]

**E:** Como é a sua família?

**R:** Hum... Ah... Eu tenho um Pai e uma mãe e uma irmã mais nova e vivi sempre com eles até aos 15 anos... e de resto tenho Tios e Tias e tudo mais, pronto e enfim. Eramos **uma família assim um bocadinho estranha** porque, digamos eu tive sempre uma parte da minha família muito perto de mim e outra parte mais distanciada, sendo que tinha mais afeto ou mais, **digamos mais confiança com o lado que estava mais afastado** [...]

**E:** Fale-me um pouco dos seus pais?

**R:** Hum... **Os meus pais são ambos professores**, sendo que o meu pai é formado em sociologia, eu sou o filho mais velho... e... tive uma boa relação com eles no geral, tive e tenho uma boa relação com eles no geral... Ah acho que apesar de tudo valorizo um bocado a presença deles na minha vida porque tenha consciência que investiram em mim e que efetivamente potenciaram, vá lá, as capacidades que eu pudesse ter ou a qualidade que eu pudesse ter para determinadas coisas [...] acho que apesar de tudo devo praticamente o que tenho, ou aquilo que sou um bocado à presença deles e intervenção deles, que não **era propriamente uma coisa muito invasiva, mas, mas que era uma atitude mais de me abrir caminho mais do que propriamente fazerem um esforço por fazê-lo por mim, para eu não ter trabalho**. E isso, enfim, acho que foi importante para mim, acho que portanto para a formação da minha personalidade e para **a minha formação intelectual que é uma coisa que é muito importante para mim**.

**E:** E como era em criança? Lembra-se de algum episódio que tenha marcado mais a sua infância?

**R:** Lembro-me de, lembro-me de vários, mas em criança era, **não posso dizer que fosse propriamente uma criança particularmente feliz, ou integrada.** Eu cresci na província, em N e era, digamos, eu vejo sempre essas, eu vejo sempre a minha infância como se eu tivesse sido duas pessoas, era uma pessoa em casa e era uma pessoa socialmente e acho que a única semelhança entre as duas é que provavelmente as duas era um bocado introspectivas. **Mas, digamos quando me lembro de mim, enquanto criança em casa apesar de tudo lembro-me de coisas boas e lembro-me de coisas que ainda hoje são importantes para mim e para o bem, digamos. De mim em casa lembro-me... de mim fora de casa, digo eu, lembro-me sempre de episódios bastante chatos e bastante desagradáveis, em que eu estava bastante isolado e um bocado, e um bocado à deriva, pronto,** e creio que isso em certa altura começou a virar-se verdadeiramente contra mim e engordei e grande parte da minha infância **fui obeso e pronto penso que isso teria sido assim sùmula de tudo o que me estava a acontecer na altura.**

**E:** Ao longo da sua vida, quem foram ou são as pessoas mais significativas para si ou que o marcaram de alguma forma?

**R:** Pois lá está, enquanto criança muito provavelmente foram os meus pais. Ah... depois a partir de o momento comecei a crescer e a caminhar vá lá, para a idade adulta, houve mais algumas pessoas que foram importantes para mim, ou para a formação da minha personalidade, mas sei lá, alguns professores, [...]mas no geral sim, os pais terão sido e em muitos aspetos, são ainda hoje as minha referências principais a um nível pessoal claro. [...] mas sim a um nível pessoal acho que principalmente os meus pais.

**E:** Qual é que acha que foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?

**R:** Hum... **O período menos feliz foi definitivamente a minha infância, particularmente desde que entrei provavelmente para o primeiro ano de escolaridade, não tenho bem a certeza de qual é que é a idade com que se entra, mas a partir daí até ao, até ao nono ano, até ter 15 e depois tive o período mais feliz, após essa, foi quando mudei para o F, e pronto, aí efetivamente as coisas inverteram-se um**

bocado, primeiro eu estava a viver sozinho e em segundo estava num sitio, onde estava bastante integrado [...] portanto eu passei do período mais feliz para o, ou melhor, diria do período menos feliz para o período mais feliz.

**E:** Então o facto de teres mudado de escola, essas coisas também ajudaram?

**R:** Sim ter mudado de escola, ter mudado de cidade também, eu acho que foi uma mudança de ambiente no geral. **Talvez agora olhando numa retrospectiva, olhasse para o facto de estar a viver sozinho**, inicialmente vivia sozinho, depois passei a viver com amigos, tenha tido realmente muito importância, mas na altura, não foi, não foi uma coisa que eu dessa essa importância na altura [...] **E no F havia, eu tinha, pronto foi realmente um período muito importante para mim, porque descobri muita coisa que não conhecia e estava um bocado à vontade para o fazer por viver sozinho é verdade** [...] todo o sistema da escola e os colegas que lá estavam e tudo, eram pessoas um bocado como eu, que também, creio que não tivesse sido por isso, talvez eu não tivesse experienciado o meu tempo no F da maneira que experienciei.

**E:** Fale-me um bocadinho da sua vida amorosa.

**R:** Desde o início... bom, eu acho que **o meu primeiro namorado propriamente dito foi aos 17 anos**, eu andei com ele durante três anos talvez. **Eu não tive muitos namorados, só tive, tive esse primeiro, depois tive outro com quem andei pouco tempo e depois o atual**, portanto não... claro que me apaixonei mais vezes do que aquelas em que tive concretização, não mas que, mas pronto, a nível de relações foram, acho que sim, acho que estas **três foram as que verdadeiramente foram importantes**.

**E:** Então, apaixonou-se na adolescência.

**R:** Sim, muitas vezes, mas a maior parte... **primeiro eu creio que me apaixonava um bocado sem ter consciência ao certo de que estava apaixonado**, lá está. Se calhar também **racionalizava um bocadinho de mais**, e achava que **não podia ter a certeza** se estava apaixonado, **se não tivesse efetivamente alguma coisa com o rapaz em questão** [...]

**E:** E como foi quando o corpo começou a mudar... como é que foi para si essa experiência?

**R:** Hum... Eu, a minha percepção em relação à mudança do corpo é um bocadinho, não digo que eu seja o único, mas é um bocadinho mais pessoal porque por norma quando se fala na mudança do corpo fala-se da chegada à adolescência, quando começam a crescer os pelos ou seja o que for, **e eu não tenho, não tenho praticamente memória nenhuma desse momento**, para mim, o momento assim verdadeiramente significativo em relação ao meu corpo foi **quando aos 13 anos comecei a fazer dieta para emagrecer e que cheguei mais ao menos à forma que tenho agora**... portanto, eu tenho sempre ideia, que não foi uma coisa que me aconteceu, **foi uma coisa que provoqueei, ou que eu fiz para acontecer**. Agora, também é um dos momentos mais importantes da minha vida, sem dúvida alguma, **foi a primeira vez que eu tive a ideia, de que eu conseguia efetivamente concretizar alguma coisa** que me propunha a fazer e **passei de um estado, em que odiava completamente o meu corpo e não suportava ver-me ao espelho**. Não digo que tenha passado a gostar do meu corpo mas pelo menos **passei a tolerá-lo vá lá, ou suportá-lo**. Quer dizer, antes disso quando havia fotografias minhas, que eu **apanhava rasgava-as**, há muito poucas fotografias minhas quando era miúdo porque eu rasguei quase tudo, **porque estava disforme** [...]

**E:** Então fala-me um pouco melhor dessa tua primeira relação.

**R:** Ah, **foi tortuosa**, estou a exagerar... nós conhecemo-nos um bocado antes de começarmos a namorar [...] ele estudava cinema e íamos ao cinema juntos coisas assim. **Pronto, e depois começámos a namorar durante... durante bastante tempo, foi muito bom quer dizer, era um bocado uma concretização daquilo que eu em, muitos aspetos idealizava na minha cabeça que seria, que seria ter uma relação com uma pessoa**. Pronto, só que depois **não sei dizer necessariamente porquê mas a partir de certa altura, as coisas realmente, começaram a mudar**. Eu, eu creio que a razão teria sido que ele deixou de gostar de mim, não sei, mas, mas demorou imenso tempo a perceber isso. Então estávamos sempre a partir, **a partir de determinada altura estávamos sempre a terminar e a recomeçar, a terminar e a recomeçar e o padrão era basicamente sempre o mesmo, ele terminava comigo porque não tinha a certeza do que é que queria** [...] **portanto estava bastante deprimido e não creio que tivesse força para lidar com tudo ao mesmo tempo** e quando finalmente comecei a ter força para fazer e também um bocado capacidade, para perceber aquilo que me vinha à acontecer desde algum tempo percebi que tinha que ser eu a terminar as coisas, porque enquanto fosse ele, seria sempre, uma separação temporária que acabaria por redundar,

**sempre na mesma situação e portanto, quando finalmente tive capacidade para, fui eu que terminei a minha relação com ele [...]**

**E:** Contou a alguém que era homossexual?

**R:** Sim, hum acho que **quando comecei a ter noção disso contei alguns amigos**, já vivia no F, **não é que eu nunca tivesse dado conta antes dos 15 anos** não é, mas possivelmente não sei, **era uma coisa que eu não tinha bem noção do que era**, que eu não, tinha bem noção do que significava, portanto nunca, não é que nunca tivesse dado importância, **se calhar dava tanta importância que não conseguia falar, precisamente**. E acho que a partir do momento que comecei a ter uma perspectiva sobre as coisas, como a sentir me um bocado mais confortável, **contei, inicialmente contei aos meus amigos mais próximos** e depois eventualmente, **não eu nunca cheguei a contar à minha família porque eles descobriram sozinhos**, portanto, foi, foi assim. Depois creio que na altura na M, creio **que as pessoas sabiam que eu era gay, ou qualquer coisa**, ou pelo menos se nunca tinham dado conta antes, **a partir do momento que eu comecei a namorar com o V, acho que passaram a dar conta**. Não é que estivéssemos a beijarmo-nos no pátio da escola, nem nada disso, nós estávamos sempre juntos e eu creio que as pessoas conseguem chegar lá, **mas nunca foi uma coisa que me causasse desconforto ou fosse o que fosse, portanto**.

**E:** Então, porque é que contou? Sentiu essa necessidade?

**R:** Contei na altura, porque pelo menos em relação aos meus amigos, contei porque lá está foram os únicos que eu contei por iniciativa própria. **Contei porque me sentia confortável para o fazer, quer dizer e apesar de tudo, acho que quase pela primeira vez na vida ainda guardo uma amiga de infância, mas é a única, agora pela primeira vez eu estava com um grupo**. Quando digo que tinha muitos amigos, não digo que tivesse dezenas deles, não, tinha 4 ou 5 com quem tinha efetivamente uma relação muito próxima, e muito aberta, em que pronto, em que falávamos um pouco da nossa vida [...] portanto achei que não fazia sentido guardar segredo de uma coisa que não tinha, quer dizer que não tinha, **porque me ia envergonhar aquilo ou porque esconder quer dizer**, afinal de contas se estava num contexto em que provavelmente, **alguns de nós iam arranjar namoradas ou namorados e tudo mais**, quer dizer era um bocado estranho **da minha parte se me estivesse a retrair de o fazer para esconder de pessoas a quem**

**chamava amigos**, quer dizer, há um motivo pelo qual eu chamo amigos e não conhecidos ou colegas.

E: Qual é a posição dos seus pais e de outros a quem contou da sua orientação sexual?

R: Com os meus pais, **foi um bocado dramático no início e eu não consigo ao certo perceber se foi pela homossexualidade em si ou pelo facto de eu não ter, de eu não lhes ter contado, eu creio que isso também foi**, também os feriu um pouco, o facto de eu ter “descoberto” que era homossexual e não ter tido a iniciativa de lhes dizer, e ainda hoje acho que talvez seja uma das coisas mais absurdas no meio daquela situação, é que eu **nunca tomei propriamente a decisão de lhes contar, a decisão tomou-se por mim**. Pronto e na altura **não foi nada pacífica**, não caiu muito bem, ao mesmo tempo também **não posso dizer que tenha sido a pior das experiências** porque para todos os efeitos... ah quer dizer eles **não fizeram um esforço propriamente por alterar a minha vida**, eu conheço casos em que isso aconteceu [...] eles nunca tentaram interferir com a minha vida. Depois quando eventualmente eu entrei, quer dizer quando chegou a altura de me candidatar à faculdade e tudo mais, eu concorri aqui a N e quer dizer **deixaram-me vir sem propriamente fazer perguntas**. Acho que aquela tendência de se calhar me querer mais perto para terem um controlo maior sobre aquilo que eu fizesse, pronto não, não foi propriamente a atitude deles, **e hoje em dia é mais, não é que estejam mal, também não falam muito do assunto mas sei e pronto, sei que é um bocado um assunto delicado e acho que é porque durante muito tempo não se falou dele, agora ninguém sabe ao certo como o fazer. Exceto a minha irmã que é quem me vai mantendo mais ou menos a par do**, enfim, da situação não é, e que me vai, e é no fundo ela que me vai dando conta que as coisas, **que as coisas efetivamente, que o drama pelo menos em relação a isso que passou**.

E: Como é que definiria o amor?

R: Hum... É, é uma pergunta um bocado complicada, talvez tivesse que pensar durante três semanas para responder a isso, mas não creio que seja uma coisa que se possa propriamente definir, não é que não tenha definição. Mas acho que somos tão bombardeados com noções de amor, umas mais intelectuais, menos comerciais, a certa altura parece que tudo o que uma pessoa possa dizer sobre o amor é um bocado cliché e não há-de corresponder à verdade, mas não sei eu vejo essencialmente como uma **capacidade estritamente humana, porque acho que é uma questão de sensibilidade**

a cima de tudo, acho que os animais não amam, pelo menos parece me a mim que não amam... ah... e nesse aspeto, acho que é uma coisa que deve ter uma influência direta na nossa vida, na nossa relação com o mundo [...] acho que o facto de sermos o único ser vivo capaz de amar, também deve ser influente e decisivo na maneira como vivemos a nossa vida, não sei.

**E:** O que é que espera de uma relação?

**R:** Hum... **Amor**, lá está... e acima de tudo **alguém com quem estar, com quem partilhar a minha vida**, não necessariamente a minha vida passada mas aquela que há-de vir... Eu acho **que não procuro nada, que as outras pessoas não procurem, claro algum companheirismo, claro intimidade, tudo mais e lealdade. A lealdade é uma coisa que me preocupa bastante, portanto acho que sim, a cima de tudo, sim companheirismo e intimidade, eu quando digo intimidade, não me refiro só ao sexo como é lógico e lealdade.**

**E:** E para si qual é a importância do sexo na relação?

**R:** É, é bastante, quer dizer, é uma parte bastante importante... eu acho que o, ou melhor eu não acho, a Susan Sontag achava e eu concordo com ela, que o sexo é uma espécie de estado último de consciência e de facto é, quer dizer é uma coisa bastante complicada que ainda não conseguimos propriamente definir ou entender. Portanto, **eu acho que verdadeiramente fazer sexo é estar ainda mais nu, do que a própria nudez**, não sei, porque **não é só o corpo que está nu, somos nós que estamos num momento qualquer, que é, em que transcendemos o nosso lado civilizado, o nosso lado racional, intelectual, seja o que for e acontece ali qualquer que coisa que está um bocadinho antes de tudo isso, antes da formação cívica ou intelectual e portanto eu não posso ao mesmo tempo ter uma relação com uma pessoa que com quem não me sinto confortável numa situação destas.** Portanto, eu não digo que o nível de intimidade ou de confiança, ou (...), ou de companheirismo, até que seja definido, pela capacidade que uma pessoa tem de se relacionar sexualmente com outra, mas acho que **é um bocadinho uma prova dos nove de tudo isso** [...] a pessoa afasta-se ou não tem capacidade para lidar connosco e portanto sim, e é evidente claro que a auto-satisfação ou a consciência que satisfizemos o outro sexualmente tem o seu peso, claro.

**E:** Fale-me um pouco da sua relação atual, já estão juntos há muito tempo?

**R:** Ah... Nós estamos juntos há três anos, mas conhecemo-nos há cinco por isso, sim e vivemos juntos há dois. E não foi assim uma relação que tivesse um início propriamente, muito promissor ou muito fácil, mas acho que, pronto que como queríamos estar um com o outro, efetivamente lutamos para conseguir fazê-lo e acho que ao contrário de qualquer outra relação que eu tenha tido, **nesta posso efetivamente falar de luta, porque foi bastante difícil, acho que não houve nada que tenhamos conseguido, que não tenha sido à custa de muito esforço,** e de, e de efetivamente trabalharmos muito para conseguir, porque era. Nós conhecemo-nos ainda no F e depois eu vim para N, **tivemos separados, na altura não namorávamos nem nada disso, mas mantínhamos uma relação de amizade, às vezes sexual [...]** mas acho que conseguimos, porque queríamos mesmo muito estar um com o outro.

**E:** E quanto aos vossos conflitos. Como é que ele é? O que vos une, o que vos separa?

**R:** Os nossos conflitos são tantos, mas são, mas são conflitos eu acho de ordem quotidiana, ah... acho que **a nível de ideais, ou objetivos de vida, ou de tudo mais, somos bastante semelhantes,** ou pelo menos queremos as mesmas coisas e isso facilita um bocado o pensar-se num futuro mais próximo ou menos próximo, facilita um bocado. Os nossos conflitos são, **são a um nível mais quotidiano realmente [...]** é raro termos assim um verdadeiro conflito que tenha a ver com aquilo que queremos [...]

**E:** No contexto deste trabalho que estou a fazer, é importante eu perceber como é que as pessoas se situam em relação aos homens, às mulheres, ao masculino, ao feminino... portanto, nesse sentido o que é que acha dos homens... e o que é que acha das mulheres?

**R:** Ah... eu... eu acho que é um bocadinho, quer dizer isto não é uma crítica ao questionário claro, mas sinto-me sempre um bocado mal, quando me falam em termos tão gerais, porque ao longo de apesar curta vida, **já me cruzei com mulheres muito diferentes umas das outras e com homens também muito diferentes uns dos outros,** ainda que logicamente haja coisas que os una e que os separam entre si. Agora eu não, nunca tive propriamente tendência para, por ser homossexual por exemplo, só me dar com rapazes, ou só me dar com rapazes homossexuais especificamente, nunca tive, **acabei por sempre ter amigos e amigas com várias orientações e tudo mais** e não... **digamos ainda que a um nível sexual ou passional pudesse identificar-me mais com os homens ou querer efetivamente os homens e não as mulheres, e quando eu digo querer quer dizer não é só aqueles com quem tive efetivamente alguma coisa, os**

**outros também contam não é?** Mas tirando esse aspeto, diretamente sexual **nunca propriamente fiz uma distinção entre as pessoas, baseada na questão sexual e na questão do género aliás e mesmo a nível...** quer dizer **eu não consigo ter aquela postura que eu vejo que muitos homossexuais masculinos têm que parece que só se dão uns com os outros e o resto do mundo não existe e até têm um certo desprezo pelas mulheres,** eu nunca me considerei propriamente visagem, muito pelo contrário e nesse aspeto, acho que apesar de tudo **as tais diferenças que existem não é, são precisamente coisas que devemos valorizar. [...]** depois a apaixonar-me ou a fazer sexo com alguém aí efetivamente pronto só aconteceu com homens, não é, mas no resto, não, **nunca tive propriamente uma perceção de inferioridade ou de superioridade em relação às mulheres,** ou tudo mais. Até porque lá está eu venho de uma família que pai e mãe trabalham, **era eu e uma irmã e eramos tratados mais ou menos de igual,** portanto acho que nada na minha vida propriamente me levou a desvalorizar as mulheres por exemplo, ou a valoriza-las em excesso e o mesmo em relação aos homens.

**E:** Obrigada por ter colaborado. Se possível agendaremos nova entrevista para falarmos mais um bocadinho sobre estas coisas. Gostaria de dizer alguma coisa que não tivesse dito, para eu perceber melhor o seu percurso?

**R:** Não, só que enfim, talvez acrescentar que, talvez tudo aquilo que eu disse talvez tenha sido excessivamente racionalizado mas não sei, não consigo propriamente ver as coisas de outra forma, portanto.

**E:** Houve alguma pergunta que não tivesse gostado de responder?

**R:** A primeira, porque, bem, não sabia muito bem o que dizer.

**E:** Ok, Obrigada.

## **2º Entrevista**

**E:** Como eram as suas relações em criança?

**R:** Ah... no geral as minhas relações familiares eram boas... ah... apesar de ser um **bocadinho solitário** por natureza, mas tinha uma **boa relação com os meus pais, com a minha mãe mais,** se calhar uma relação mais direta, mais ligada às coisas do dia-a-dia e tudo mais. Ah... **com o meu pai, tinha uma relação um bocadinho mais estranha**

porque conversávamos muito mas, eram longas conversas sobre... pronto eu guardava para o meu pai **“as minhas perguntas” sobre o mundo e sobre as pessoas**, sobre o que fosse aquelas coisas em que se pensa quando se é criança. Ah... e lembro-me também sempre muito que criar **uma relação com o meu pai muito a partir dos livros** e tudo mais. **Não é necessariamente uma relação mais distante, mas era**, se calhar não era uma relação tão direta lá está, como era a relação com a minha mãe. **Com a minha irmã** tinha a relação normal, acho eu, que se tem com os irmãos, **uma relação um bocadinho conflituosa**, mas não má, pronto.

**E:** E como descreve as pessoas da sua família?

**R:** Hum, diria não sei, que são, no geral **são pessoas pragmáticas, se calhar a minha mãe mais que o meu pai**. Ah... enquanto pessoas, acho que, **enfim acho que têm uma relação equilibrada entre eles**, não é... Ah... e acho que isso refletiu um bocadinho também na relação que eu e a minha irmã tivemos. **Enquanto pais, foram próximos mas não exageradamente próximos, sempre nos deram espaço** para, enfim para nos desenvolvermos e também para escolhermos as coisas por nós mesmos [...]

**E:** Os seus pais conhecem o seu companheiro?

**R:** Ah... não. Porque por opção minha, digamos que **prefiro não, não apresentar** mas, lá está porque, como sou uma pessoa um bocadinho reservada, **não me sinto muito à vontade para apresentar o meu namorado aos meus pais**. Ah... é como se tivesse a, não sei a, **dar às coisas um sentido que se calhar não me interessa pensar agora**. Não quer dizer que a minha relação não seja séria, ou que eu não a levo a sério mas, **associo sempre muita coisa de apresentar aos pais como, uma espécie de promessa de casamento vá lá, e não, pronto não me interessa muito pensar nisso agora**.

**E:** Como é que os seus pais descobriram a sua opção sexual?

**R:** Ah... **descobriram literalmente, eu não lhes contei**, não tive tempo, ah... **descobriram porque encontraram coisas no meu computador**, a pronto que me denunciavam muito claramente, portanto eu não tive oportunidade de me assumir devidamente ou por opção própria, vá lá fui mais confrontado com isso, do que outra coisa qualquer.

**E:** E há uma aceitação por parte dos seus pais?

**R:** Ah... eu não sei responder a essa pergunta muito concretamente. No início não houve definitivamente, depois com o tempo **eu penso que foi uma realidade com que todos se habituaram a viver, sem necessariamente falar muito disso**, eu não considero que os meus pais não me aceitem porque, ah... quando eles descobriram, e já vivia fora mas apesar de tudo não sou trabalhador estudante, portanto são eles que me dão o dinheiro, são **eles que continuam a sustentar me e nunca fizeram nenhum esforço, por mudar a minha vida, ou por, quer dizer nem me puseram fora de casa, nem tentaram trazer-me de volta para dentro da casa deles, onde pudessem controlar-me [...]** nunca houve propriamente impedimentos, por isso acho que, **se aceitam ou não, não sei, só sei que convivem pelo menos com isso pacificamente, ainda que com uma certa distancia.**

**E:** Como é que define o seu companheiro?

**R:** Como pessoa, ah... **é complementar, nós somos pessoas muito diferentes, mas penso que nos complementamos bastante bem, ele é definitivamente mais pés na terra** do que eu, **mais pragmático**, lá está, ah... e **equilibra-me muito**, pronto a tendência que eu tenho para (...) **a tendência que eu tenho lá está, para ficar fechado no meu mundinho**, ele contraria muito, e **obriga-me a viver um bocadinho mais e viver também um bocadinho mais equilibradamente.**

**E:** E relativamente aos vossos conflitos, como é que os resolvem?

**R:** Lá está, como apesar de tudo nos complementamos um bocado, **é fácil conversar** e acaba por ser um bocado assim, nós não temos muitos conflitos, **aqueles que temos são mais de ordem quotidiana [...]**

**E:** Como casal sentem-se discriminados?

**R:** Ah... eu diria que depende do sítio.[...] e **nunca notei que fossem olhados de lado**, nem pouco, nada disso, quer dizer, **eu acho que é visível que somos um casal** não é, e que estamos juntos e nunca, nunca aconteceram situações chatas nesse tipo de sítios conforme acontecem situações chatas no meio da rua, não ouvimos bocas, não nos insultam, depois depende, por exemplo na faculdade [...] **quer dizer ninguém nos insulta, nem nada do género mas, é como se as pessoas fossem demasiado cuidadosas na maneira como abordam certos assuntos.** [...] que não quer dizer que me sinta necessariamente discriminado, **não é no sentido negativo, mas noto realmente uma**

**diferença**, pronto, acho que... **não sei dizer se as pessoas acham normal ou se forçam a achar normal** ou não sei, mas sim, há uma diferença de tratamento, e acho que apesar de tudo aqui em N, nota-se menos, ou noto isso menos do que por exemplo quando vivia no F, pronto.

**R: Obrigada.**

## ANEXO VII – Excertos das Entrevistas do Pedro

**E:** Gostava que me falasse um pouco de si, como é que é, como pessoa?

**P:** Isso é muito difícil, analisarmo-nos a nós próprios, mas em relação à minha personalidade ou (...)

**E:** Sim como acha que se ... a sua identificação como pessoa.

**P:** Acho **que sou uma pessoa calma simpática humilde, sincera, trabalhadora, lutadora, normal.**

**E:** Como recorda a sua vida?

**P:** Boa, uma **infância boa com muitos irmãos, muito amor, muito carinho, muito correr na praia, no campo, no rio.**

**E:** Como é a sua família?

**P:** Maluca (Risos), **é uma família muito grande, é completamente destruturada, criada com, sem alicerces a minha mãe sempre sozinha** praticamente, á moda antiga, sem grandes rigores a nível de educação.

**E:** Fale-me um pouco dos seus pais. Como é a relação com eles?

**P:** Eles neste momento **são separados**, mas foi uma **relação muito conturbada. A minha mãe ficou com o meu pai sem gostar dele, porque engravidou de outro e o meu pai foi loucamente apaixonado pela minha mãe até hoje.** Ah logo há aqui um conflito de sentimentos. **A minha mãe é uma pessoa mais animada, mais divertida e o meu pai é uma pessoa mais ressentida, porque nunca teve o amor da pessoa que ele amava. E acabou por se entregar ao álcool e tudo mais. A minha mãe, como é uma pessoa que está bem com ela própria,** criou os filhos e decidiu ir viver a história de amor dela.

**E:** E como é a sua relação com cada um deles?

**P:** **Com a minha mãe é muito boa, com o meu pai não há relação. É um homem não se criaram laços.** Gosto dele, **respeito-o como respeitaria qualquer outra pessoa e ajudo como ajudaria qualquer outra pessoa, mas é o meu pai, porque é o meu pai.**

**Foi aquele que me impuseram** mas não é uma pessoa nada, **não tenho referências positivas nenhuma do meu pai.**

E: E como era em criança. Lembra-se de algum episódio que tenha marcado mais a sua infância?

P: Em relação ao meu pai ou a mim?

E: Em relação a si. Bom ou mau, episódios marcantes da sua infância.

P: **Foi uma infância normal**, com muitas crianças, muitos miúdos, normal.

E: São quantos irmãos?

P: Nove, oito rapazes e uma rapariga. Agora episódios marcantes... relevantes... Ah... **Uma história do meu pai que me acompanha sempre, que foi ele ter-me batido sem eu ter culpa nenhuma, em prol de um vizinho.** Isso marcou-me imenso. Está ultrapassado mas é uma coisa que eu nunca vou-me esquecer, sem pedir opinião, **partiu do princípio que era o culpado e bateu-me** e isso marcou-me bastante. E outras coisas... **o meu pai era alcoólico, era violento, não com os filhos, mas com a minha mãe. E essas histórias foram complicadas, toda a vida.**

E: Ao longo da sua vida, quem é que foram ou são as pessoas mais significativas para si, ou que o marcaram de alguma forma?

P: **A minha mãe, os meus irmãos**, todos eles de formas diferentes e de situações diferentes e agora o meu filho.

E: Como é que é, a sua relação com o seu filho?

P: **Fabulosa**, ele agora vive comigo, mas por opção, porque está mais perto da escola [...]

E: Qual é que acha que foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?

P: **O mais feliz que eu me recordo, foi nascimento do meu filho**, isso é, até hoje é um momento único, foi o nascimento dele. O que menos recordo, não tenho história alguma que recorde, vou recordando pontualmente algumas histórias, depende dos assuntos, **mas não tenho nada que me tivesse marcado pela negativa.**

E: Fale-me um bocadinho da sua vida amorosa.

**P: Vivo com um homem do qual me apaixonei, foi o único relacionamento com homens até hoje, dura há 14 anos e foi e continua a ser uma história de amor.**

E: Apaixonou-se na Adolescência?

P: Não, já tinha 23 anos.

E: Mas neste caso no geral, apaixonou-se na adolescência primeiro por uma mulher...

**P: Sim, sempre por rapazinhos, os namorados das minhas amigas.** Eram aquelas paixões platónicas, impossíveis.

E: E como foi quando o seu corpo começou a mudar, como foi para si essa experiência... na adolescência a mudança do corpo?

P: Eu, não me recordo assim nada muito marcante, porque eu **iniciei a minha vida sexual muito cedo, tinha 12 anos.** Lembro-me perfeitamente da primeira vez do primeiro dia, do primeiro ato, mas não me lembro de grandes transformações, foi sendo gradual.

E: Foi com uma mulher ou com um homem?

P: O primeiro foi com um homem, **foi com o meu primo** e até hoje não se fala no assunto.

E: E como foi essa primeira relação? Neste caso, não, talvez isto não tenha sido para si uma relação, mas então a sua primeira relação mesmo, como é que foi para si? Que idade é que tinha?

**P: A minha primeira relação assumida foi com uma mulher,** que é a mãe do meu filho, eu **tinha 14, 15 anos mais ou menos.** Mas foi, não foi uma história de amor, **fui eu que me impus a mim próprio que deveria arranjar uma namorada** e que deveria ter uma namorada, fui eu quase que impus a situação, depois ela acabou por ceder e apaixonou-se por mim. Mas aí quando foi garantido deixou de ter interesse, **foi quase como uma conquista para mim próprio,** não sei, também não sei, explicar muito bem.

E: Contou que era Homossexual?

**P: Eu tentei contar várias vezes a alguns amigos e alguns elementos da minha família, mas fui sempre ignorado por todos** e achei que eles poderiam ter razão, que eu

não era homossexual e que poderia ser uma fase. Então fui pondo para baixo do tapete, até que foi mais forte que eu, mas em todo o **caso ia tendo sempre algumas experiências muito rápidas com homens, quase como coisas instantâneas.**

**E: E quando contou? Como é que foi em relação à sua família?**

**P: A minha família sentiu, sempre foi, sentiu-se surpreendida,** que eu achei estranho, porque **eu achava que uma coisa notória.** Ah mas ao mesmo tempo apoiou-me. **O meu pai que era todo das mulheres e muito mulherengo,** ele próprio **ligou-me a dizer que estava do meu lado,** que eu é que era filho dele e que não havia qualquer, qualquer imposição da relação dele para comigo. **A minha mãe apoiou-me incondicionalmente,** sem... ficou triste porque achou que havia uma barreira entre nós. Quando ela soube, ela ficou triste só de pensar que, mas onde é que, porque é que não me contaste, não te sentes à vontade comigo para me contar, para me teres contado. Ficou triste nesse sentido, achou que foi uma quebra de confiança da minha parte para com ela, porque se eu lhe tivesse contado ela me teria apoiado com todas as forças.

**E: Qual é a posição dos outros, a quem contou da sua orientação sexual? Sem ser neste caso os seus pais?**

**P: Ignoraram... Os meus amigos na adolescência?**

**E: Os seus amigos...**

**P: Quando eu contei ignoraram-me, acharam que era da minha cabeça e entretanto, eu próprio ignorei até conhecer o P, que é a pessoa com quem eu estou hoje.** Na sociedade em que eu vivo hoje, no grupo de amigos que eu tenho hoje, que vem ao longo destes 14 anos e a minha forma de lidar com eles e que eles têm pra comigo é super natural. Normal é um assunto naturalíssimo sem qualquer problema.

**E: Como é que definiria o amor?**

**P: Eu acho que a palavra amor tem significados, tem quantos, tem tantos significados quantas pessoas existem, porque não há nenhuma tradução específica da palavra amor. A palavra amor para mim quer dizer muita coisa, quer dizer companheirismo, quer dizer carinho, quer dizer paixão, quer dizer... a palavra amor é um grupo de palavras boas e de sentimentos bons.** Ah no meu caso no meu ponto de vista, mas julgo que para muitas pessoas pode ser outra coisa diferente.

**R:** O que é que espera de uma relação?

**P:** **Acima de tudo companheirismo e cumplicidade.**

**R:** E qual a importância do sexo na relação?

**E:** Muito, é muito importante, haver uma relação, **a relação tem que ter actividade sexual constante é isso que alimenta 50% da relação.**

**E:** Fale-me um pouco da sua relação atual já estão juntos há muito tempo?

**P:** 14 anos.

**E:** Como é que começou?

**P:** Começou, conhecemo-nos através de amigos. O P na altura tinha um relacionamento com um homem, eu conheci-o ele tinha um relacionamento com um homem. **Eu achava que relacionamentos entre dois homens ou duas mulheres era impossível, porque a minha educação não me permitia conceber essa realização.** E quando o conheci comecei a analisar e a perceber que era uma coisa super natural, a relação entre dois homens. E conheci-o através de um amigo que achava que eu gostava dele e apresentou-me ao P como um troféu, na altura **era um miudinho giro, novinho** e então quando me apresentou ao P foi como “Olha estás a ver eu conquistei este miúdo”. Só que o feitico virou-se contra o feiticeiro **porque eu apaixonei-me pelo P e o P por mim e foi assim que a nossa história começou a desenvolver.**

**E:** E relativamente aos vossos conflitos, o que é que acha que os une e o que os separa?

**P:** **O que nos une é o amor** e é todas as palavras que eu disse, que na minha perspetiva significam amor. **O que nos separa se calhar só as igualdades**, porque como somos muito parecidos, entendemo-nos muito bem acaba por haver confronto nos assuntos que nós conhecemos profundamente. E isso às vezes é que nos separa.

**E:** Costuma ter muitos conflitos?

**P:** E costumamos ter muitos conflitos, sim. Mas acho que é igual em qualquer relação.

**E:** No contexto deste trabalho que estou a fazer, é importante eu perceber como é que as pessoas se situam em relação aos homens, às mulheres, ao masculino, ao feminino... portanto, nesse sentido o que é que acha dos homens... e o que é que acha das mulheres?

**P:** Na minha opinião?

**E: Sim.**

**P: Somos todos iguais, homens e mulheres,** todos precisamos uns dos outros, cada um tem o seu papel na sociedade, na vida. E isso é a palavra, **o meu significado resume-se a isso, igualdade.** Porque é isso mesmo que sinto, **cada um com o seu papel com a sua função, com a sua escolha de vida, é igual.**

**E:** Obrigada por ter colaborado. Se possível agendaremos nova entrevista para falarmos mais um bocadinho sobre estas coisas. Gostaria de dizer alguma coisa que não tivesse dito, para eu perceber melhor o seu percurso de vida?

**P:** Não. Eu acho que em poucos minutos retratamos aqui bem, a minha, o meu percurso de vida

**E:** Houve alguma pergunta que não tivesse gostado de responder?

**P:** Não. Só me sinto um bocado intimidado por estar aqui o microfone mais nada, mas isso é falta de hábito. Mas não, **estou á vontade comigo próprio.**

**E: Obrigada.**

**2º Entrevista:**

**E:** Como é que foi a separação da sua mulher, ex-mulher neste caso?

**P:** Ah eu optei por lhe contar a verdade, porque ela queria, queria uma explicação, e eu optei por lhe contar a verdade, **que não queria ser hipócrita.** No início, ela ficou um bocado incrédula, mas depois entrou em... como é que eu hei-de explicar? Influenciada também pela mãe, pelo, pelos familiares dela, **a reação dela foi contar a toda a gente, para se proteger e acabou por se prejudicar** porque eu estou... Eu tipo, **tomei uma atitude consciente,** por isso a reação dela foi, **foi mista.** Hoje em dia, ela chegou à conclusão que errou ao ter contado a toda agente porque **não era um assunto que lhe dizia respeito, mas eu compreendo,** porque ela, ela gostava muito de mim, **ela era loucamente apaixonada por mim,** inda hoje ela diz que o, que não se arrepende de nada e voltaria a fazer o mesmo, porque tem um filho de uma história de amor e isso é muito gratificante. **E hoje em dia somos muito amigos, mas foi complicado para ela.** Não foi gerir a situação de eu ser homossexual, foi o ter sido, **ter que abandonar uma história**

**de amor que estava presente na cabeça dela.** Hum acho que na cabeça dela, ela achou que isto ia ser para o resto da vida e depois foi surpreendida. **Ninguém tem um marido que vai com ela às compras escolher a roupa, que escolhe o corte de cabelo, que escolhe os acessórios, toda agente criticava e nós estávamos na boa, porque dávamos bem e de repente ela perdeu isso tudo.**

E: Como é que as pessoas regiram?

**P: Surpresa, foram todos surpreendidos,** porque eu tinha uma vida social muito ativa, era o dono do café da aldeia, era, era bastante masculino, tinha uma atitude bastante... e tenho dois irmãos que também são homossexuais que eram muito femininos e ficaram todos surpreendidos porque eu assumi primeiro que eles, e toda agente ficou admirado, porque foi tu? Mas não era para seres tu? [...] Eu sentia que havia conversas e que haviam rumores, mas nunca, sempre tive um distanciamento disso tudo e não permiti sequer a ninguém que opinasse sobre a minha vida, a não ser os meus amigos, mais nada.

E: Que idade tinha o seu filho quando se separaram?

**P: Dois anos e meio.**

E: E como foi em relação à sua mulher, à separação?

**P: Foi muito difícil para mim, deixar o meu filho com dois anos e meio,** foi muito difícil e também **porque era uma responsabilidade que a mãe ia assumir sozinha.** Fiquei preocupado mas nunca... depois tive um ano difícil de guerras, de partilhas de... **ela tinha muita influência da família dela,** então achavam que, ah **se ele é homossexual então não tem direito a nada** e houve uma guerra durante um ano, mas eu fui bastante forte em relação a isso, **lutei pelo bem-estar do meu filho** e até hoje as coisas resultaram bem.

E: Como foi viver com uma mulher, visto que é homossexual? Sentia interesse sexual pela sua mulher?

**P: Sim, eu acho que o ser humano com o desconhecido não tem comparação,** e como eu não... apesar de já ter tido brincadeiras com miúdos e com rapazes lá da zona onde eu morava, nunca houve... **houve atração, mas eu achava que era tudo ilusão da minha cabeça, eu achava inconcebível dois homens viverem juntos** e então levava a história que eu tinha com a mãe do meu filho a sério. Ah, **os homens são muito sexuais e era**

**preciso tratar do assunto diariamente e regularmente**, e claro que **depois de me apaixonar por um homem, aí tive um termo de comparação** e realmente, não tem comparação possível. E hoje em dia falamos, eu e minha ex-mulher falamos abertamente sobre isso, e ela diz: Tiago tu não sabias o que era estar com uma mulher, nós fazíamos amor, mas era uma coisa, lá está é o desconhecido, **nós achávamos na altura que estávamos corretos e que era tudo muito bom, mas não era**. Eramos miúdos também, tínhamos... **nós namoramos 7 anos, desde os 13 até aos 20 para aí. E eu acho que era mesmo a falta de experiência, o desconhecido que me levavam a crer que era bom, mas não era**.

**E:** O que é que pensou, quando a sua mãe ficou triste por não lhe ter contado, acerca da sua sexualidade?

**P:** **Pensei que a tinha traído** e achei que os pais são, tem de ser da nossa confiança. Isto serviu-me para agora também com o meu filho ter uma relação de respeito, mas ao mesmo tempo dar-lhe abertura para não me esconder nada, porque eu sabia que a minha mãe me ia apoiar, mas nunca lhe contei com **medo que... de a desiludir**. E depois tive a prova do contrário, **não a desiludi por ser homossexual, mas sim por não ter tido liberdade para lhe contar**, mas foi, foi superado e damo-nos muito bem.

**E:** Como é a relação do seu companheiro com o seu filho?

**P:** Excelente, quando... ele agora vive connosco e temos momentos como todos os casais de indecisão, de dúvidas, de será que estamos a fazer bem, até porque temos uma relação, já de quase 14 anos, ele tinha dois anos e meio e sempre acompanhou, sempre respeitou imenso. **O J nunca interferiu na relação com o meu filho, nunca achou que o devia educar**, tudo o que ele achava que era menos correto chamava-me a atenção a mim, nunca em frente ao meu filho. **Ah e ele construiu com ele uma relação de confiança, o meu filho nunca se sentiu ameaçado pelo, pelo J [...]** E agora ao fim destes anos todos, eles são tão cúmplices, eles conseguem estar... **Ah eu acho que o meu filho fala mais com ele do que comigo e que sente-se mais à vontade e ganhou-lhe muito respeito. Até quando eu ponho em causa a minha relação, penso, não mas eu vou estragar uma coisa que eles construíram e, e são amigos. [...]**

**E:** Obrigada.

**P:** De nada.

## ANEXO VIII – Excertos das Entrevistas do Ricardo

**E:** Gostava que me falasse um pouco de si. Como é que é, como pessoa?

**R:** Como é que sou como pessoa... Ui... Como é que eu sou como pessoa... É uma pergunta logo difícil para começar. Ah (...) **Temperamental um bocado, posso estar bem como posso estar mal.** Ah (...) Acordo sempre mal disposto, isso é um facto, aquelas pessoas de manhã não me podem dizer nada, mas depois, depois de tomar o pequeno-almoço já fico um bocadinho melhor. Agora posso ter dias menos bons e dias menos maus, agora enquanto pessoa, temperamental, o que é que eu posso dizer mais? Não me pode ajudar em relação ao que é que pretende com a pergunta a nível, como é que sou com as pessoas com quem me relaciono diariamente?

**E:** Sim

**R:** Com as pessoas do trabalho, com amigos meus.

**E:** Sim, por exemplo, como é que acha que é socialmente?

**R:** Socialmente, como é que eu acho que sou... Ah, preocupo-me muito com os meus amigos, normalmente costumo **colocar as pessoas de quem gosto à frente.** Do facto de eu não estar bem ou estar menos bem, ou estar pior. Ah (...) É uma pergunta tão ampla...

**E:** Pois é. **E por exemplo como é que caracteriza a sua personalidade?**

**R:** Ah, isso é bom... um **bocadinho forte e vincada,** tenho um bocado, tenho um bocado... Tenho um bocadinho **espírito de liderança,** digamos assim, porque, **gosto de fazer as coisas à minha maneira.** De encaminhar as coisas um bocado à minha medida e... é uma pergunta difícil (ri-se).

**E:** Como recorda a sua vida?

**R:** Até agora tem sido boa, tem sido agradável, alguns momentos maus, mas pontualmente, mas de um modo geral, com amigos, com família. **As relações amorosas são um bocadinho complicadas,** mas isso dão trabalho em todo lado e a toda gente. **Mas é uma vida boa sim,** não tenho razão de queixa, **profissionalmente também, sinto-me realizado em vários aspetos.**

**E:** Como é a sua família?

**R:** Apesar de ter os seus problemas acho que e não querendo entrar ainda nas questões mais da minha orientação sexual mas posso dizer... família num sentido mais amplo, tanto não só os meus pais e a minha irmã, mas tios e primos e etc... É uma boa família, considero-me uma pessoa com sorte, pronto, porque, casos que eu tenho ouvido falar não são situações como, não são situações fáceis e eu se **calhar sou um sortudo**, nesse aspeto por isso é que, **é uma boa família**. Tem os seus problemas também, como todas, mas é um núcleo familiar mais abrangente, é bastante agradável sim.

**E:** Fale-me um pouco dos seus pais. Como é a sua relação com eles?

**R:** Os meus pais... A minha mãe tendo em conta as suas origens, a minha mãe é do interior [...] Tendo em conta alguém que não tem grande escolaridade e de onde vem... Ah... **Tem uma mentalidade, bastante aberta e digamos que além de mãe é amiga também, pronto**. Agora as relações que se constroem com os filhos neste caso, não tem só a ver com facto de, não vou dizer que... ou posso dizer que é a melhor mãe deste mundo, como todos os filhos, acham que as suas mães se tiverem uma boa relação com elas que é a melhor mãe deste mundo, mas a relação não é só direccionada da mãe para o filho é do filho para a mãe também e eu que **sou uma pessoa mais reservada** por exemplo do que a minha irmã, a minha mãe e a minha irmã falam sobre tudo e mais alguma coisa, comigo não é tanto assim, tive sempre o mesmo à vontade para o fazer mas eu sou uma pessoa mais fechada por natureza, mas isso tem a ver com a pessoa que somos. Ah... mas é uma pessoa espetacular de facto, sem dúvida. O meu pai ah... **Tive alguns problemas com ele, não nestas questões da minha orientação sexual mas relação pai e filho, sempre foi um bocadinho complicada**. Ah... mas desde que teve os netos ficou uma pessoa um bocadinho mais mole, é pacífico, temos uma relação pacífica.

**E:** Então como é que caracteriza a personalidade do seu pai e a sua relação com ele?

**R:** **O meu pai é uma pessoa um bocadinho, também de origens humildes**, também da mesma zona do país, pronto os meus pais são da mesma zona do Ribatejo. Hum, não sei se teve a ver com a educação que ele teve, **se por ser o filho mais velho, e então teve um bocadinho uma carga de responsabilidade na educação dos irmãos**, o meu avô morreu muito novo com quarenta anos, portanto... **Se calhar, eu sou uma cópia do meu pai a nível de personalidade, por ser muito fechado**, ele também é muito fechado e é um bocadinho difícil lidar com ele e por isso se calhar **nós chocámos muito quando eu era, quando eu era mais novo**. Ah (...) tendo em conta a idade que eu tenho, tenho trinta

e oito anos... enquanto, que a minha mãe, eu posso dizer que **conheço a minha mãe como pessoa, como é que ela é, o meu pai não posso dizer o mesmo basicamente** porque... por ser uma pessoa muito fechada e muito reservada, tivemos muitos conflitos quando eu era pequeno mas isso normalmente os jovens não é serem problemáticos, mas dão alguns problemas aos pais.

**E:** Pode- me dar um exemplo de um conflito que tenha tido com o seu pai?

**R:** Ah tenho tantos, a minha irmã tem sete anos de diferença de mim... Ah, e **eu fiz algumas coisa más á minha irmã, como fechá-la na casa de banho às escuras e coisas desse género. E pronto, depois quando o meu pai chegava a casa havia discussão. Muitas coisas... Na altura eu tinha 15 anos e andava a moda na altura de andar com as calças rasgadas e eu rasguei umas calças novas, o meu pai quando chegou a casa, começou a mandar vir comigo, se eu não tinha dinheiro para comprar umas calças, as calças eram novas portanto...** São coisas pequenas, não é, não há assim nada de muito grave, nem de muito transcendental. Eu apesar de também ser um bocadinho uma pessoa reservada, eu tenho uma facilidade muito grande de esquecer as coisas que me acontecera, que não me trazem felicidade, ou que não são positivas. Ah... portanto **eu rapidamente esqueço as coisas**, não me lembro assim... lembro-me destes dois episódios, haverá outros com certeza semelhantes, mas não é nada de muito grave [...] Nunca fui posto fora de casa, nunca foi posta em causa a minha alimentação, não é nada desse tipo de coisas, são coisas do dia-a-dia em relação a pais e filhos, não é nada transcendente.

**E:** E como era em criança? Lembra-se de algum episódio que tenha marcado mais a sua infância? Bom ou Mau.

**R:** Eu... é engraçado às vezes falo com pessoas ou com, mesmo com os meus tios e etc... Com os irmãos da minha mãe e os irmãos do meu pai, lembram-se de coisas de quando eram todos pequenos e não, **eu nunca me lembro de nada**, eu não, não há assim nenhum episódio relevante que eu diga, que me lembro nitidamente como se fosse um filme que aconteceu assim ou assado. **Lembro-me de passear muito, de visitar muito os meus avós, de ir com eles para a terra, porque a minha avó, os meus avós eram, são os dois do ribatejo**, já morreram os dois da parte da minha mãe, da parte do meu pai, ainda tenho a minha avó, mas também são da mesma zona, porque eram mais ou menos todos do mesmo sitio, apesar de que a minha avó mora agora cá em C, então passar fins de semanas

cá com os meus avós da terra ou passar em casa da minha avó cá em C, estar muito com os meus tios e passearmos muito e etc... mas não há assim nenhum episódio que eu possa dizer menos bom ou menos mau, portanto a nível da infância à exceção destas pequenas coisas com o meu pai, mas acho que é natural no crescimento porque é **uma personalidade que se está a formar, que está a criar os seus vícios também**, mas não me lembro assim de episódios de forma muito clara e muito explícita que possa aqui abordar. **Mas de um modo geral foi uma infância feliz, sim. Não tenho assim, nada que possa apontar de contrário.**

**E:** Ao longo da sua vida, quem foram ou são as pessoas mais significantes para si ou que o marcaram de alguma forma?

**R:** A minha mãe, uma amiga minha, quer que eu diga o nome?

**E:** Pode dizer se quiser.

**R:** A Joana, a minha prima Clara, a minha prima Renata, a minha irmã Carla (...) e até agora, acho que é só.

**E:** Qual é que acha que foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?

**R:** Lá está períodos, não consigo dizer o mais feliz mas também não consigo dizer o menos feliz, posso dizer pontualmente, duas situações. Uma situação que me marcou muito **negativamente que foi quando a minha avó morreu e eu soube, eu tinha 17 anos**. Ah... se calhar da minha vida toda à exceção das desilusões amorosas, penso que é diferente, se calhar somos um bocadinho mais dramáticos com algumas destas coisas mas analisando friamente e à distância se calhar foi **o ponto, o episódio mais triste da minha vida terá sido a morte da minha avó efetivamente**, o mais feliz eu acho que todos eles, não sei especificar um em concreto confesso.

**E:** Fale-me um bocadinho da sua vida amorosa.

**R:** Da minha vida amorosa... desde quando, desde sempre? A minha vida amorosa acho que, o quê especificamente?

**E:** Quando é que começou, se foi com uma mulher ou com um homem.

**R:** Sim, **tive com mulheres até aos 25 anos**. Ah... Tive algumas namoradas e a última relação não acabou assim muito bem, foi então que aconteceram uma data de coisas, e

**quando dei por mim, estava a namorar com um homem.** Mas enquanto vida amorosa, **começou talvez, sei lá, aos 16 anos talvez,** não sei a idade concreta, portanto dos 16 até aos 25 anos foi com mulheres e a partir daí foi com homens.

**E:** E consegue-me dizer as relações que o marcaram mais?

**R:** As relações que tenham-me marcado mais, **a primeira com um homem marcou-me bastante apesar de ter sido curta.** Ah... **a última com uma mulher também me marcou bastante.** Desenvolver um bocadinho mais isto, a primeira com um homem marcou-me bastante **por ter sido a primeira, por ter sido diferente porque eu gostava muito da pessoa em causa,** ah... fui o descobrir de uma série de coisas diferentes e novas que estavam a acontecer. **A última relação que eu tive com uma mulher, marcou-me bastante porque, apesar de ter acabado um bocadinho mal, nada de especial mas basicamente voltou para o ex-namorado que tinha tido antes de me conhecer,** há uns dois anos atrás talvez, não sei, não sei, acho que foi dois anos, um ano e meio. **Ah mas foi uma relação muito saudável, muito boa,** ela conhecia os meus pais, passava fins-de-semana em casa connosco, etc... portanto não, se calhar se as coisas não tivessem desenrolado, como se desenrolaram, não sei precisar lá está, porque as coisas negativas **eu rapidamente as apago, e esqueço.** Ah... não sei precisar o que é que aconteceu especificamente, mas como é lógico terá sido algo que entre os dois, que aconteceu para ela ter tomado essa decisão, não sei. **Se calhar se as coisas se tivessem desenrolado, ou não, teria sido a pessoa com quem tivesse casado, não sei quantificar. Mas é era uma relação muito boa e muito sólida, sim, sim, sem dúvida.**

**E:** E recorda-se nessa altura, como teve até aos 25 anos relações com mulheres se tinha tido já algum interesse por homens?

**R:** Eu já **tinha tido uma cadeia de experiência com homens aos 17 anos,** portanto o interesse por homens já existia efetivamente, se calhar não sei, **eu não acredito muito na bissexualidade,** mas se calhar poderiam ser qualificado dessa forma até então. Apesar de hoje estar tão bem definido e sei perfeitamente o que é que **quero para a minha vida, quero, não é uma questão de querer, é a outra pessoa basicamente.**

**E:** Apaixonou-se na adolescência?

**R:** Sim.

**Como é que foi a sua primeira paixão?**

Eu acho que **a primeira paixão que eu tive na adolescência foi, não me lembro do nome dela, mas foi, eu acho que foi no 6º ano**, se não estou enganado. E lembro-me que foi mais ou menos nesta altura porque essa rapariga gostava muito de uma cantora na altura e eu de maneira a aproximar-me dela quis conhecer a cantora e continuo a gostar da cantora hoje em dia que é a Madonna, mas lá está foi por causa de uma rapariga que comecei a gostar de Madonna ao contrário da maior parte dos gays ou dos dois homossexuais. **É alguém com quem nos identificamos, gosto da Madonna enquanto pessoa também, pessoa da força e do carácter que tem.** Ah mas foi por causa de uma rapariga que eu comecei a gostar dela e essa foi a primeira paixão que eu tive sim, **na adolescência que me recordo, não quer dizer que anteriormente não tenha acontecido confesso.**

**E:** E como foi, quando o corpo começou a mudar? Como foi para si essa experiência?

**R:** Quando, peço desculpa?

**E:** Quando o corpo começou a mudar?

**R:** Lá está eu não consigo identificar esse momentos, o que é que senti, o que é que eu estava a sentir. Confesso que não me recordo.

**E:** Não se recorda se foi algo que experienciou facilmente, de maneira positiva ou se...

**R:** Sim mas isso também tem a ver com facto de lá está da maneira de ser, eu não... **As quando estão a acontecer, acontecem naturalmente como tem que ser, eu não...** se fiquei muito traumatizado e se fiquei mais, mais psicologicamente em baixo por causa disso. Não considero que tenha ficado, se não teria marcado negativamente ao ponto de me lembrar. **Acho que deve ter sido encarado, como uma mudança natural na minha vida, no meu corpo neste caso.**

**E:** E como foi, quando contou que era Homossexual, como é que a sua família reagiu?

**R:** A quem a toda a gente? **É que foi por etapas.** Pronto a primeira pessoa que soube foi a minha irmã, não lhe contei... disse-lhe, como é que eu posso explicar, lá está... Como eu tenho uma relação muito boa com as pessoas de quem gosto, com os meus primos com quem me dou bem, com a minha irmã, com a minha mãe, etc... **Apesar de a minha mãe**

**não ter sido dito diretamente, foi dito pela minha irmã primeiro depois é que falei eu**, mas pronto, mas não é, não é daqueles assuntos que a maior parte das pessoas faz, vamos nos sentar e vamos conversar. **Não eu por acaso com a minha irmã, foi tão simples como, ela estava ao telefone há muito tempo em casa e eu queria falar com o meu namorado e pedi a ela para desligar o telefone, para falar com o meu namorado e foi assim que eu lhe disse (ri-se).** [...] E de repente lembrámo-nos quando o meu primo estava a chegar que não tínhamos- lhe contado ainda àquele primo especificamente, não tinha contado porque não tinha surgido oportunidade, já não falávamos há algum tempo, então tivemos que descer todos, eu, a minha prima e aí quando foi, **contámos todos em grupo.** Contámos todos, porque lá está se calhar **sou um sortudo** porque, a forma como as coisas são contadas e a oportunidade... porque se calhar outro género de pessoas também poderiam reagir mal e iam-se embora, não entrou novamente na mesma, na festa conheceu o meu namorado na altura [...]

**E:** E como é que reagiu a sua mãe...o seu pai

**R:** A minha mãe foi mais complicado... **o meu pai não sabe ainda, não sabe ainda**, eu acho que ele sabe, não sabe da minha boa, sabe porque (...) **Ele também não é parvo** e lá está... se eu quando namorava com mulheres, se bem que com a última foi mais, mais, foi uma relação mais próxima também com os meus pais, porque também era mais adulto e é diferente mas se até a um determinado ponto da minha vida eu levava pessoas a passar os fins-de-semana fosse à terra ou mesmo cá em C, etc... e levava sempre raparigas e a partir de uma determinada altura comecei a levar rapazes, portanto não é preciso puxar muito pela cabeça, pronto. [...] A reação da minha mãe como estava a perguntar, **ficou triste porque lá está, sou o filho mais velho, os netos e etc...** Ah mas só a ver com isso, a única preocupação que a minha mãe tem, (...) **tem a minha mãe, tem a minhas tias, os meus tios, os meus primos é que eu seja feliz**, basicamente é isso. Ah e disse-me já agora, peço desculpa interromper e **disse-me para não admitir que alguém tentasse pisar ou coisa do género, pronto. Porque a qualquer altura estaria ela para me defender e mais alguém.**

**E:** Como é que definiria o amor?

**R:** Uma coisa maravilhosa, quando dá dor de cabeça é que não é assim tanto mas pronto. Mas é (...) **eu acho que o ser humano não foi feito para viver, para estar sozinho, nem é a questão do viver, é para estar sozinho, nós somos seres sociais.** Ah... e ter

alguém com um significado maior do nosso lado, em que nos podemos apoiar e dar apoio também, etc... Acho (...) **é maravilhoso, não sei quantificar de outra forma.**

**E:** O que é que espera de uma relação?

**R:** **Compreensão, carinho, amizade, respeito, sinceridade** e o resto acho está, está o caminho traçado para que as coisas corram bem.

**E:** E qual é a importância do sexo na relação?

**R:** Muito... **Há relações que já correram menos bem por causa dessa questão**, na minha perspectiva, quer dizer na minha maneira de estar numa relação, acho que é, tudo é importante ao mesmo nível, portanto, basta algo novo não estar a correr bem para as outras coisas também não corram, mas não é a mais importante, **mas está ao nível das outras que referi anteriormente a compreensão, o carinho, a amizade.**

**E:** Neste caso, como já teve relações com mulheres também, sabe-me dizer se a parte sexual era tão boa como é agora?

**R:** É diferente, eu acho que, acho que não consigo explicar mas (...) **Um homem conhece o corpo de um homem mais facilmente**, é um bocadinho ridículo dizer isto, porque também é bom o fator surpresa e o desconhecido e etc... Mas da mesma maneira que as mulheres se calhar entre elas conseguem mais facilmente chegar a determinados pontos que os homens, que o homem na mulher não consegue chegar, é a minha opinião... Ah com um homem a mesma coisa e eu acho que respondendo de outra forma, se não fosse, **se não tivesse bem identificado e a minha identidade sexual bem identificada e não soubesse bem o que é que queria, não continuaria ou não tivesse preenchida a 100%, ou não gostasse mais deste lado do que o outro, digamos assim não continuaria a minha vida aqui**, portanto em resumo posso dizer que sim, **é melhor deste lado**, do que o outro no meu ponto de vista claro.

**E:** Fale-me um pouco da sua relação atual. Já estão juntos há muito tempo?

**R:** **Dois anos em Outubro dia 21.** Uma relação... **esta relação foi um bocadinho estranha, porque nós conhecemo-nos, fomos ao cinema e nessa noite foi dormir a minha casa e nunca mais saiu de lá, basicamente.** E se calhar, ou não foi, **foi mesmo um erro ter sido desta forma tão precipitada, porque não nos deu, quer a mim quer a ele, para nos conhecermos um ao outro.** Ah... **porque chocamos muito** ainda hoje

em dia, **estamos a passar uma fase menos boa também de facto** (...) Eu acho que, eu também lá está **sou muito de impulso também é um facto**, porque se não fosse de impulsos as coisas não tinham acontecido desta forma, [...] **Foi tudo muito rápido**, das relações todas que eu tive até hoje, não foram muitas, esta durou dois anos, **a anterior durou dois anos e meio, também foi uma relação um bocadinho conflituosa, mas isso foi porque continuo achar que o rapaz tem alguns problemas psicológicos, precisava de apoio**, antes dessa quatro anos e depois foram as outras do princípio da minha experiência do mundo homossexual. [...] Enquanto que agora, hoje em dia tenho mais paciência para algumas coisas que antigamente não tinha, **mais capacidade de absorção de algumas que acontecem que antigamente não tinha e tudo mais e também estou mais velho que também ajuda**. Ah mas a relação que tenho hoje em dia, acho que o maior erro que fiz efetivamente foi esse, foi ter ido, foi não ter conhecido a pessoa, pelo menos duas semanas o tempo que fosse, mas pelo menos não era de rompante ir viver com ele.

**E: Como é que caracteriza o seu companheiro?**

**R: É uma pessoa responsável, de luas acho eu também muito honestamente**, mas ele diz que não mas eu acho que sim (...) **preocupa-se comigo, um bocadinho egoísta na perspetiva isso tem sido tema de discussão algumas vezes**. [...]

**E: Sim.**

**R: Mas eu não sou assim...** [...] Ou seja eu não guardo as coisas que me fazem, **apesar de, não as guardo, lembro-me delas**, sei que elas aconteceram, durante algum tempo, mas não ficam ali a massacrar-me, como posso estar com um grupo de amigos acabar de discutir com alguém, porque houve alguma coisa que eu não gosto e ter uma discussão, passado 5 minutos está tudo bem, porque despejei cá para fora, mas há pessoas que não são assim, nós discutimos com certas pessoas que além de **ficarem trombudas na altura aquilo depois fica a remoer três, quatro semanas e o João é um bocado dessas pessoas não fica três, quatro semanas fico o resto da vida até...** às vezes falamos sobre isso e até ele próprio diz que mas é eu agora sou assim porque sou assim, pois mas eu não acho que seja correto porque as pessoas e não sou só eu as pessoas que conheceste depois da pessoa com quem tiveste anteriormente não têm a culpa daquilo que aconteceu, **portanto não tens que estar a vingar nas pessoas que vieram a seguir**, não é o vingar na perspetiva de vingar mas não tens que estar a seres tu próprio porque o que te fizeram

anteriormente. Ah e é nessa perspetiva que eu acho que é um bocadinho, um bocadinho egoísta também... ah não me lembro assim de mais características que eu o possa dar.

**E:** Em relação aos vossos conflitos, o que é que vos une e que vos separa?

**R:** Os nossos conflitos, parvoíces sem jeito nenhum, a maior parte das vezes **é parvoíces sem jeito nenhum**, coisas do dia-a-dia de quem vive junto ou com... **ontem discutimos porque cheguei a casa e não me apeteceu aspirar e ele disse que eu tinha que aspirar a casa por exemplo, mas lá está estamos num ponto da relação agora que uma virgula serve para implicar (...)** Os pontos que nos aproximam é... um ponto grande que nos aproxima é o facto de os dois gostarmos muito de viver a vida e aproveitá-la ao máximo, tudo o que ela tem para oferecer, com amigos, passear, viajar, etc. Aquilo que mais, digamos assim, conflito que pode gerar entre nós os dois, **é a personalidade um do outro que é diferente** e lá está estou a entrar um bocadinho nas perguntas que me fez abocado, **é importante também a cedência**, porque nós somos pessoas diferentes, não é de fazer 100% a vontade de um e anulando o outro, nem vice-versa, mas tem que haver cedências de parte a parte para que as coisas funcionem, **se eu sou um bocadinho mais preguiçoso, se no inverno apetece-me estar no sofá o dia todo, tu não queres podes ir passear com os teus amigos ou podes ir ter com os teus amigos, mas tens que respeitar o facto de eu ser assim. Ah e os conflitos que temos às vezes é por causa dessas coisas, do que eu gosto de fazer ou que ele gosta de fazer e basicamente tem a ver com isso.**

**E:** Em relação à sociedade e no contexto do seu trabalho, a nível social alguma vez sentiu algum tipo de discriminação pela sua opção sexual?

**R:** No meu trabalho não sabem, já houve sítios por onde eu passei profissionalmente que sabiam e, igual da mesma forma, **não tive razões de queixa**. Neste onde estou atualmente ninguém sabe nem ninguém irá saber, porque são pessoas um bocadinho mais... é uma empresa um bocadinho diferente do habitual. **Ah discriminação a nível da sociedade, se calhar já aconteceu mas eu não me apercebi porquê...** Lá está eu acho que tem um bocadinho a ver e não caíndo na repetição mas acabo por sempre me repetir um bocado, tem a ver com a pessoa que somos, tem a ver com o suporte que nós temos, a Patrícia vai-me desculpar a expressão mas **eu estou me a borrifar para o que as outras pessoas pensam**, porque as pessoas que eu gosto sabem o que é que eu sou e o que é que eu faço [...] **Hum, as pessoas que estão a recriminar ou a julgar ou o que é que seja é que**

**são as más pessoas, não são as outras, porque os outros estão a viver a sua vida. Se todos nós vivemos a nossa vida, ninguém tem que estar preocupado com a vida dos outros, basicamente é isso. Pronto, não sei se cheguei ao sítio certo (ri-se).**

**E:** No contexto deste trabalho que estou a fazer é importante perceber como é que as pessoas se situam em relação aos homens, às mulheres, ao masculino e ao feminino. Portanto, nesse sentido o que é que acha dos homens e o que é que acha das mulheres?

**R:** O que é que eu acho dos homens e o que é que eu acho das mulheres, em que perspetiva? **É assim para mim são todos iguais, não há géneros.** Podemos falar de várias coisas, igualdade a nível de oportunidades de trabalho, posso dizer eu tive várias chefes mulheres, na minha vida gostei mais de trabalhar com mulheres do que com homens a nível de chefia, apesar de hoje “ser ou ter” **um chefe e ser um banana mas pronto na minha opinião.** Mas também haverá... lá está eu não vejo as pessoas, como é lógico são homens ou são mulheres, mas não vejo as pessoas pelo género. O que é que são como pessoas, são pessoas válidas profissionalmente, são pessoas válidas mais a nível de amizades e tudo mais, portanto para mim não há essa distinção, não... E (...) **acho aberrações todas as notícias que se vê e que se lê com o que se faz às mulheres e... Para mim é tudo igual,** basicamente é isso e ninguém tem nada a ver, eu para mim, eu enquanto pessoa **sou muito gozão também [...]**

**E:** Obrigada por ter colaborado, se possível agendaremos nova entrevista para falarmos mais um bocadinho sobre estas coisas...

**R:** Certo.

**E:** Se for necessário.

**R:** Certo, sem problema.

**E:** Gostaria de dizer mais alguma coisa que não tivesse dito, para eu perceber melhor o seu percurso de vida.

**R:** Não... Eu penso que falamos sobre tudo de um modo geral, não vejo assim nada que seja necessário acrescentar mas se a Patrícia achar conveniente estou ao dispor.

[...]

**E:** Houve alguma pergunta que não tivesse gostado de responder?

**R:** Não, não tenho, não tenho, é assim eu não sou... eu não tenho o dom da palavra, eu sou dos números, sou mais virado para os números do que para as palavras, como também disse sou uma pessoa muito reservada, não é que quer dizer com que tenha problemas em falar de mim, mas é assim que eu sou, pronto. Já agora, mais uns episódios que eu posso contar que é uma coisa que acho que vou ser chamado à atenção até ao resto da minha vida, de vêes em quando oiço bocas, mas é assim que eu sou e as pessoas têm que aceitar como eu aceito também algumas coisas que elas têm, **que é o facto de se me der na telha, não por nenhuma razão específica eu fico incontactável um fim-de-semana inteiro e as pessoas podem ligar as vezes que quiserem**, nem sequer olho para o telemóvel. [...] Mas no fim-de-semana a seguir se me apetecer ficar em casa, chego em casa sexta-feira e só saio segunda-feira outra vez de manhã para ir trabalhar. Ah mas pronto é um defeito que eu tenho grande ou não, não sei, é assim que eu sou. Mas nem sempre é fácil para mim encontrar as palavras para expressar algumas coisas, por isso é que a Patrícia é que poderá achar que não foi conveniente alguma coisa, que precisa-se saber mais, mas lá está pode-se sempre falar outra vez, não tenho o dom da palavra mas não tenho problemas em falar (ri-se).

**E:** Muito Obrigada.

**R:** De nada, ora essa.

## **2º Entrevista:**

**E:** Como é a sua relação com os seus pais?

**R:** Ah... A relação com os meus pais, por exemplo só, é mais fácil fazer o paralelismo, a minha irmã por exemplo vai a casa dos meus pais todos os dias, porque tem os meus sobrinhos, a minha irmã fica com o meu sobrinho mais... a minha mãe fica com o meu sobrinho mais novo é normal que ela esteja com eles todos os dias, falam-se todos os dias ao telefone e etc. **Eu sou mais reservado**, como eu já tinha dito da outra vez, sou uma pessoa mais reservada e eu não... Eu gosto muito da minha família, do meu núcleo familiar, das pessoas há minha volta mas sou um bocado mais reservado, portanto **eu falo e estou com os meus pais quando é preciso estar**, não vejo isso como sendo algo negativo, **porque pela vontade da minha mãe falávamos mais vezes mas eu não falo, eu não falo com os meus pais porque não quero falar, é porque tenho a minha vida, tenho muita coisa para fazer, agora em relação aos meus pais...** a relação com eles é

uma relação saudável, é como eu tinha dito, tive algumas coisas com o meu pai, porque temos feitos um bocadinho conflituosos e ele está uma pessoa mais velha também e depois com os netos, ficou uma pessoa mais, mais mole digamos assim e a relação que tenho com os dois **hoje em dia eles ajudam-me em muitas coisas** hoje em dia e etc. **Não é uma relação complicada.**

**E:** Como é a sua relação com o seu namorado?

**R:** Ui, ainda por cima nesta altura... estamos numa altura complicada como tinha dito na outra vez... Ah eu sou um bocadinho, normalmente é um bocadinho, **caio um bocadinho em contradição** porque ao mesmo tempo **sou muito reservado mas quando estou numa relação eu gosto de falar sobre as coisas, ele em contrapartida não gosta de falar de nada, porque acha que os problemas se resolvem por si só o que é péssimo**, porque os problemas não se resolvem por si só, eu também achava isso quando tinha a idade dele, **temos seis anos de diferença**. Ah...eu acho que é importante falarmos sobre as coisas e **irrita-me um bocado, muito quando as pessoas não querem falar sobre as coisas** numa relação como é lógico. Ah e quando há um problema que está identificado e que tem de ser resolvido e eu não sei se isto liga alguma coisa cá dentro, que então eu torno-me extremamente chato e, a pessoa não quer falar e estou sempre a falar na mesma questão e depois gera-se um conflito muito maior por causa de uma coisa que às vezes não tem jeito nenhum... Ah mas hoje em dia a nossa relação está assim, um bocadinho estranha, não, não discutimos muito, **já não discutimos há algum tempo, a última vez que discutimos foi há três semanas.**

**E:** E antes desta crise, a relação era...

**R:** Antes desta crise, o problema do falar, sempre foi aquela coisa que eu identifiquei e acho que **as coisas foram talvez arrefecendo um bocado** e ficando um bocadinho mais, no estado em que estão hoje... Ah as pessoas são complicadas por natureza quer dizer, as relações humanas (...) Acho que as pessoas hoje em dia, vivemos numa altura em que é tudo muito, **na minha opinião é tudo muito pastilha elástica...** Ah queremos uma coisa, conseguimos obtê-la, obtemos se não conseguirmos obtê-la já não vale a pena esforçar por essa, vamos para a seguinte [...] o mundo evoluiu de tal maneira que **tudo é tão fácil, aparentemente, porque na prática não é muito fácil**, mas as pessoas acham que é ou porque os pais quiseram dar mais coisas que alguma vez tiveram aos filhos ou... **facilitarem demasiado e não explicaram que é algo com as suas**

**dificuldades, que para atingirem alguns fins é preciso ultrapassar alguns obstáculos, obstáculos esses que são difíceis e requerem algum esforço, alguma dedicação, algum cuidado...** [...] Partiu-se do ponto em que ficava-se casado o resto da vida, mesmo já não existindo amor, às vezes nem existindo respeito, nem nada, como hoje em dia que há uma pedra e não me apetece estar a partilhar a pedra pelo caminho, ah eu vou à minha vida e tu vais à tua. **Isto é um bocadinho como as coisas estão hoje e não tenho paciência para isso, lamentavelmente.**

**E: E como eram as suas relações anteriores?**

R: Ah a relação anterior... **a relação anterior foi um bocadinho complicada** porque eu acho que ele era psicótico, **ele tinha ciúmes da própria sombra.** [...] Muito complicado, e eu aturei isto durante quatro anos. Hoje em dia dou-me bem... dou-me bem não é um amigo do peito, não é alguém como eu... eu nesse aspeto **sou um bocado radical**, as pessoas normalmente fazem aquela conversa, para mim é um conversa, desculpe lá da treta, porque dizer que “Ah vamos ficar amigos, porque se tivemos numa relação”. **Não porque se fossemos amigos verdadeiramente a relação não tinha chegado ao ponto que chegou,** apesar de serem relações diferentes, as amizades das relações amorosas. Mas se fossemos amigos havia pelo menos respeito, **portanto se havia respeito as coisas não tinham chegado ao ponto em que chegaram, teríamos chegado à conclusão que não teria pernas para andar enquanto relação, enquanto relação amorosa** [...] **E ficou não é uma relação de amizade, não é uma pessoa que... dou-lhe os parabéns quando faz anos, falamos de vês em quando porque mora perto de mim inclusivamente, pronto...** Ah se calhar de todas as pessoas com quem eu estive até hoje é a pessoa **com quem mantive algum relacionamento.** O relacionamento antes desse, ah que foi cerca de cinco anos, apesar de ter sido, de ter tido alguns momentos negativos, nesse aspeto **era uma relação muito saudável porque ambos gostávamos muito de falar e falava-se muito sobre as coisas e resolvia-se os problemas todos,** portanto as coisas, a relação degradou-se por outros fatores, não teve haver, não teve haver pelo facto de uma pessoa ser mais calada ou outra. [...] Mas as relações lá está, relações humanas entre as pessoas e amorosas, estão um bocadinho assim hoje em dia. Ah mas há um episódio que nunca me esqueço, que eu estava a dizer que foi um dia de namorados, fomos jantar fora, como todos os namorados foram, ah e estávamos num restaurante que eram só casais e estava tudo calado a olhar uns para os outros a comer e nós passámos a refeição inteira, até nos estávamos a sentir mal porque agente não conseguiu parar de falar, **por isso nós**

**independentemente de nós falamos muito quando tivéssemos problemas, também tínhamos sempre assunto de conversa, nesse aspeto poderei dizer que foi a relação melhor e mais saudável que tive até hoje, mas pronto não aconteceu, não tinha que ser.**

**E:** Anteriormente tinha dito que às vezes tinha tendência de desligar o telefone, de isolar-se um pouco...

**R:** Não é bem tendência, eu faço isso às vezes quando me apetece estar... eu não consigo, nem nunca me debrucei sobre isso até hoje a pensar porque é que me apetece fazer isso. Eu não chego a desligar o telefone, o telefone fica num canto e as pessoas ligam e eu nem sequer o atendo, nem sequer vou ver, fica ali chego a casa... hoje em dia não faço tanto isso porque... não faço, nem posso fazer porque moro com alguém, mas quando morava sozinho, às vezes fazia isso... é o querer me isolar, o porquê não sei explicar se é isso que me vai perguntar (Ri-se). Apetece-me ficar sozinho de... **eu tão depressa sou muito, muito enérgico e muito organizado no trabalho e faço tudo o que tenho para fazer e trabalho muito bem sobre stress [...]** Mas eu acho que chega a um ponto e o meu organismo precisa de fazer, não é um reset, mas pelo menos fazer ali uma pequena pausa e apetece-me chegar à sexta-feira, já não faço isso há algum tempo, porque lá está já não, neste momento já não moro sozinho. Apetece-me chegar à sexta-feira e não preciso de... lá está eu não preciso de estar a dar satisfações a ninguém, porque mesmo que aconteça e já me têm dito isso os meus pais às vezes: “mas imagina que acontece alguma coisa de urgente ou de grave e precisamos de ti.” **Se precisarem efetivamente de mim para já recorrem sempre primeiro há minha irmã que está mais perto deles e fala com eles. Mas se precisarem mesmo de mim sabem onde é que eu moro, vão lá e tocam à campainha se tiver efetivamente acontecido alguma coisa e se tiver acontecido alguma coisa a mim, de certeza que sabem porque se eu vou parar ao hospital, as primeiras pessoas de contacto é a minha irmã e são vocês portanto não tenho que ter essa preocupação. [...]** Acontece mais no inverno do que no verão.

**E:** Obrigada.

**R:** De nada.

## ANEXO IX – Excertos das Entrevistas do Carlos

E: Gostava que me falasse um pouco de si. Como é que é, como pessoa?

C: Eu sinto que **sou uma pessoa dinâmica, enérgica, com vontade de trabalhar, com vontade de conhecer muita gente, de me divertir**, ah... e somando isto tudo, **de ser feliz que é o meu objetivo mesmo na vida, é ser feliz e tenho conseguido**.

E: Como recorda a sua vida?

C: Ai recordo muito bem desde que nasci que felizmente tenho tido até, há pouco tempo falo com os meus amigos uma infância e uma adolescência, felizmente eu vejo muita gente, eu trabalho numa junta de freguesia e vejo muitas realidades diferentes da minha e então... **também podia comparar com outras pessoas felizes, mas eu sinto-me uma pessoa feliz** e... Ah minha vida foi normal, mas muito bem, **não me arrependo** nada do que fiz. [...]

E: Fale-me um pouco dos seus pais.

C: O meu pai e a minha mãe deve-se tudo a eles também desta coisa toda que eu falei, da felicidade que eu falei porque... tenho aprendido também, ao longo do tempo, não foi sempre fácil, não é. Há aqueles sempre atritos como qualquer pai e mãe... Ah tu não faças isto, é normal, mas vim-me a deparar que, e já lhes disse, **que cada vez gosto mais deles, que não era o que sentia talvez na adolescência, pensava sempre que os pais dos outros é que eram bons, porque tinham empregos muito bons, o carro**, não sei quê... e isto e aquilo mas não, eu já gostei, eu é que não sabia **estava toldado por outros**, influenciado por outros, mas agora vi que tenho uma família, um pai e uma mãe que me educaram e me formaram muito bem. Gosto muito deles.

E: Como é que é a sua relação com eles?

C: E depois vem isto, **eu não lhes telefono todos os dias**, mas depois a minha mãe liga-me: “Oh filho se não sou eu para ver se o pai e a mãe já morreram, tu não ligas e não sei quê.” Mas eu acho é nisto que marco a diferença, **que também é possível ser feliz desta maneira**, não, não lhes telefone, não é porque não, às vezes é **porque me esqueço, mas não há necessidade, eu vivo a minha vida muito como uma energia, há uma energia que nos une que nos separa**, ah e eu sei que eles estão bem, ah e sabendo isso. Porque se estão mal ligavam-me, “Olha tenho que ir ao Hospital”, mas isso são condicionantes

agora, **não preciso de estar sempre com eles para ser feliz e vice-versa e vice-versa**, também que **a minha mãe pronto, depois há aquele, ela como pessoa sente uma carência que se calhar, que o meu pai não lhe dá e seria eu ou a minha irmã a dar, mas é uma relação que eu não acho que é mau, tem resultado para mim a relação do meu pai com a minha mãe**, ah a esse nível, eles lá têm os seus defeitos, eu também tenho, mas conjugamos... Ah, porque depois abraçamo-nos no meio de isto tudo e isso é importante.

**E:** E como é que acha que é a relação entre eles os dois?

**C:** Ai é **de cão e gato**, é porque viveram noutra época, **ele é muito machista**, mas depois eu também digo: “Oh mãe, tu também sabes utilizar o multibanco?”, “pois é, pois é”, “portanto **tens que estar dependente do pai**” e eu já tentei ensina-a a usar, é uma das coisas, “ela não sabe mexer em nada, burra, burra”, **maltrata-a com as palavras**, com as palavras e sempre foi toda a vida assim. “E ela a querer isto e aquilo”, e eu digo sempre pai, oh pai não fales assim com a mãe, “mas ela isto, ela aquilo”. [...] Porque às vezes a gente disse, “oh pá porque é que não se separam, tantos casais a se separarem”, e não, portanto há ali, eu não concordo, **mas pronto, há uma simbiose, uma osmose o que for, entre eles que resulta**, não pela minha maneira de ver, mas gosto muito deles e a relação deles é assim, um bocadinho às vezes, **mas eu acho que todos os casais têm essas características**, eu não mas já falamos a seguir (ri-se).

**E:** Como é que caracteriza cada um deles, ou seja, como é que caracteriza a sua mãe e como é que caracteriza o seu pai?

**C:** Ah, **a minha mãe é como eu, muito divertida, enérgica, popular, no sentido que não é uma intelectualoide, não... até porque eu também não sou**. Ah mas sabemos para viver uma vida boa e feliz. **O meu pai já é um autodidata, gosta de saber da política, do futebol**, se falares, se fosse ele, bem que podia estar aqui três, quatro horas, muito fala muito, não é muito como o meu tio (faz careta), fino, não queria dizer, não é como o meu tio, não o meu pai é, dá-se com toda a gente como a minha mãe, ah ele agora está mais acamado por causa de uma perna, vai ser operado e fez falta aqui a muita gente, eles os dois, andavam no couro da academia sénior, eles: “Os teus pais que falta que faz, que energia que falta positiva deles aqui”. E transmite-se e isto vai-se tudo resumir a isto, boa energia, positivo, ah **fazem falta à vida aonde estejam** e uma luz que se dá aos outros, boa, **para estarmos todos em sintonia** e fazemos falta cá no mundo por causa

disso, não é para dar dinheiro, pronto. E alegria e ajuda, a minha mãe ajuda, **a minha mãe é teatro, muito palhaçona, brincar, fazer rir toda gente**. O meu pai já não é de fazer rir, mas também conversa muito, todos os meus amigos assim, até mais velhos: “O teu pai fala tão bem”. E era esta que eu agora percebo, antes não percebia, pelo que já falámos, não via o meu pai assim: “**Ah vai chatear as pessoas**”, e não tu se falares com o pai ele nunca te vai chatear, vais adorá-lo e eu não tinha essa perceção, “Ai que **vergonha vai...**”, não, todos: “Ai adoro falar com o teu pai, adoro, adoro”, pronto. Portanto, **o meu pai e a minha mãe diferentes mas depois conjugam muito bem**.

E: Como é a sua relação com a sua irmã?

C: Boa, outra que, eu pensava... [...] E eu acreditei nisso, pronto só para dizer, a minha relação com a minha irmã, **tem vindo a melhorar porque a gente quando era miúdos, era assim também um bocadinho, cão e gato, batíamos um ao outro, era horrível**.

E: Têm quantos anos de diferenças?

C: Quatro e oito meses. E tem vindo, bom, bom, bom. E o Pedro via a minha, irmã também assim (faz careta). **A minha irmã não é logo de (faz gestos que indicam que a irmã não é muito social), como o meu pai**, ele não é logo de (AH, ah, ah), **eu é logo abertura de sorriso seja para quem me vem dar uma facada, seja mais ou menos**. Ah e o Pedro não, “Ai a tua irmã não tem o semblante logo de, ai fixe”, não. Mas agora, são humanos aliás, **ela gosta mais dele do que de mim, ainda bem, mentira** mas pronto, estás a perceber. Ah ainda bem, fiquei muito contente e então tenho vindo a melhorar, a gente sai, pronto. Aliás continua que a gente vai lá ter.

E: Como é que é a sua família no geral?

C: **Ah muito gira**, eu gosto muito. Pai, mãe e irmã, **sim sem dúvida não quero outros, tudo bom, tudo bom**. Melhorou não foi desde o princípio como já disse, mas não podia, eu agora não podia... **Ah aquela coisa da infância, já não quero ser teu filho**. Mas isso é muito infantil, agora com o crescer e nunca disse isso, mas vejo miúdos: “Ah, quero outro pai”. **Mas isso é para chamar a atenção**. Ah... vejo a minha família com um: “Oh pá, não trocava mesmo por nada, que não me importaria de dizer que trocava, mas não e não é por ser pai e mãe, são pessoas e eu trato a minha vida toda, tu és uma pessoa, não há pretos, não há brancos, não há gays, não há nada, trato a minha vida toda assim. **Bem claro que calhou, pai e mãe fizeram-me de alguma maneira. Eu não devo nada** e não

gosto nada de **dizer isso esses clichés**, são pessoas que eu me dou bem e muito bem e pronto isto para eu dizer e há pessoas que ficam chocadas, mas quando eu digo isto, **eu já chorei mais por um cão que eu tive por um avô que já morreu, quando eu tinha sete anos**, as idades também são diferentes não é? O cão só morreu quando eu tinha 39 ou 38. Portanto **eu não ligo muito a isso de pai e mãe, tio, tia**. São pessoas que agente transmitem coisas boas ou más, felizmente neste caso é o pai e a mãe **que a sociedade dá importância**, pronto calhou bem, gosto muito da minha família pai, mãe e irmã e o resto mais ou menos, também eu não me dou muito, estão dispersos, cada um vai à sua vida, mas estes três **cada vez gosto mais e disse-lhes que engraçado** não por obrigado, não, mesmo por... Foi um dia, estávamos assim e ao pé de muita gente, de amigos deles mais velhos também que ficaram assim sentidos, mas pronto sentidos porque se calhar os filhos não lhes dizem, alguns não lhes dizem desta maneira, mas não foi para ferir ninguém, saiu e as coisas saem-me... eu gosto muito da minha família e **tem-me ajudado nesta situação. Nesta situação atenção, não lighes a isto, parece que é uma situação muito má, não estou numa situação nada má**.

**E:** E como era em criança? Lembra-se de algum episódio que tenha marcado mais a sua infância? Bom e Mau.

**C:** Oh pá marcado assim, **a morte dos avós** que me marcam, a morte de alguém. Assim dos avós, foi dos avós. **Ah muitas brincadeiras com os meus primos**, as brincadeiras aqui em Benfica que ainda é uma aldeia, então imagina há trinta anos atrás, mais aldeia era, brincávamos até à meia-noite, as brincadeiras, a infância marcou-me muito porque foi boa pá... não fui violado, não fui roubado, não fui mal tratado, os meus pais nunca me bateram. Estou a dizer tudo o que me têm dito, os meus pais não abusaram de mim sexualmente, tanta coisa, estou a dizer isto porque todo o mal que já me c8ontaram, que já me tinham dito pá, que eu oiço de amigos meus e isto não houve. Pronto **o meu pai chegava bêbado às vezes a casa, só que eu e a minha irmã riamos, riamos** e ele também se ria caía e eu: “ao pai anda lá”. Mas nunca foi, **nunca maltratou a minha mãe por estar bêbado, pronto a minha mãe chorava um bocadinho por causa das figuras que ele fazia**, mas ele fazia figuras ao pé de nós, portanto olha não lighes a isto como marcou-me por mal ou por bem, não, isto só a referir isto do tratar mal, nunca fui maltrato felizmente, não. Até agora não gosto de violência, nunca bati, sou homem e nunca andei à porrada. Bati uma vez na minha irmã nas costas, por causa de qualquer coisa, mas nunca bati, nem espero nunca andar. Acho que tenho, também por causa da altura ninguém se

mete comigo e tenho-me safado bem. Nunca me assaltaram pá, acho que a única situação e já disse ao Pedro isso, foi que, foi esta coisa da casa, **acho que me enganaram ali na compra de umas assoalhadas, não interessa para agora. Foi aí que me senti mais enganado.** E mesmo assim não fui porque depois houve outras coisas que também fiz, que portanto compensou, mas senti-me mais, marcou-me é... **Esta coisa, não gosto nada de ser engado, ah maltratado, desrespeitado...** mas até agora são coisas leves. Recordo a minha vida muito bem. O episódio é as mortes de alguém, o cão, dos cães que eu tive, mais assim. **Marcado pela felicidade foi as brincadeiras sem dúvida, ir para a escola.** Ir para a escola não era, não gostava muito (ri-se), **era os encontros e nas aulas era muito palhaço nas aulas,** eu percebo, coitadinhos dos professores e cheguei a ir para a rua, era desconcentrado e ainda sou um bocado, **o meu problema é falta de concentração.**

**E:** Ao longo da sua vida, quem são ou foram as pessoas mais significativas para si, ou que o marcaram de alguma forma?

**C:** **É a família, pai, mãe, avós e a minha irmã, mas mais para agora, ao longo da vida marcaram-me,** marcaram-me porque me ensinaram coisas que nunca pensei. **Por influência dos outros, eu era muito,** ia... há os grupos, há um líder, não é? Agente ia, o líder mas nunca fui pelas roupas nem marcas, nem músicas, na escola, nunca ia atrás disso, **era alguém que falava muito bem, eu achava que aquele tinha razão, então ia por aí.** Ah, mas **os meus pais, os meus avós sem dúvida, ensinaram assim a ser o que eu sou, sem dúvida e a respeitar.** [...] **Eu trato as pessoas como pessoas, não o feminino, o masculino, preto, branco, como já disse.**

**E:** Qual é que acha que foi o período mais feliz e o menos feliz da sua vida?

**C:** Ai eu não posso dizer que tive um dia, **não posso dizer que tive um momento infeliz, não posso,** ia estar a mentir. Ok as mortes, mas eu sei que tem de ser, custou, ou dos cães que eu tive ou dos avós, custou. Ai agora não posso falar disto, talvez seja agora **de uma colega,** eu tenho ali uma fotografia dela, não posso falar muito, **tinha trinta e três anos e morreu de cancro talvez, então foi este posso dizer.** Mas não vamos coiso, foi.

**E:** E o mais feliz?

**C:** **O mais feliz... oh pá tudo, tudo a família e agora o,** olha **que eu não fiquei feliz por ter casado,** mas aí já vamos, eu vou-te contar a história que é muito engraçada, não

é: “Ai é a coisa da minha vida”, não. **Portanto, mais feliz é a família que eu tive, toda a minha vivência de infância, adolescência, depois adulta, a profissão felizmente, o teatro que me deixam fazer**, não faço teatro profissional, já fiz. Mas tenho que estar sempre aqui na junta por causa da parte económica, mas faço aqui no teatro de Benfica, teatro amador. **Ah oh pá, não pode, os momentos felizes, sei lá ir de férias para Espanha com o meu avô dez dias. Com o Pedro há 14 anos**, é um momento que a gente está assim quase o ano todo para ir, porque é os únicos 10 dias e a gente temos 365 dias, que quase estamos juntos, mesmo só e sem Portugueses à volta porque eu tenho aqui um problemzinho, eu moro onde trabalho e toda a gente me conhece desde que nasci, porque eu estou aqui como já te disse e às vezes aquele: “Olá, como é que tás?”, Todos os dias, a toda a hora... Ah eu moro já a dois minutos daqui, eu demoro meia hora. Por isso é que a minha irmã saiu daqui, ela morava aqui na minha rua, por causa, **e ela tem um feitio** ela diz que o que podia fazer em dois minutos eram duas horas [...]

E: Fale-me um bocadinho da sua vida amorosa.

C: Ai pá a minha vida amorosa, **eu sou um romântico, sou muito romântico**. E quando andava na... Eu vou... amorosa, amorosa, **eu apaixonei-me, eu nem sei com 12 ou 14 anos, andava com uma rapariga** e andava todo namorado, **eu nem sabia o que era isso de gay ou hétero ou...** Ah, e sentia-me bem, nunca fiz esforço. Nunca andei com mulheres para esconder nada, mas a minha vida amorosa começou com uma rapariga, tive outra... Tive uma, duas... (pausa) ... três, ainda andei algum tempo e depois é que não sei o que é me deu... Ah, pronto a minha vida amorosa, foi sempre muito a vontade, normal, gostávamos um do outro, saíamos, ah mas isto, aquilo e aquilo-to, **realmente não havia a parte sexual, também era novo, bem com 12 ou 13 anos ou com 14, bem nem sei quando é que perdi a virgindade. Hum não sei, no homem é mais complicado que eu nem sabia o que era perder, se há penetração ou não há, se é a masturbação. Portanto soube, nem tenho, não me faz mais feliz ou infeliz por saber**, mas acho que nunca tive, quer dizer **tive uma vez sexo com uma mulher e foi reciproco, a gente não gostou e vou-te dizer foi isto, falo sempre desta namorada, foi a última que eu tive andámos 1 ano e meio e a gente nunca teve, já tínhamos 23 anos nunca tivemos sexo, hum e houve uma vez que sim, ou estávamos com um copito a mais ou qualquer coisa, mas não gostámos**. Portanto não sei, até pensei que ela poderia ser também lésbica, é um termo, lésbica... mas não ela agora está casada, ah e antes de casar foi para o Afeganistão, toda ela era toda homem, bem Afeganistão,

policia, está na PJ. Casou, tem um filho, não quer dizer nada também posso falar disso, **não quer dizer nada porque há muitos casais héteros que por fora coiso, vão com homens**, se é homem vão com homens, se é mulheres vão com mulheres ou com homens, **é por isso que trato as pessoas por pessoas, a gente rotula muito e eu sou contra isso**, assuntos, pessoas. Agora a minha vida amorosa **foi, eu gostava da Margarida, foi a minha última namorada. E das outras também**, e das outras eramos muito novos e elas também não **queriam sexo e se não queriam eu também não**, não havia... **havia excitação, mas nunca foi necessário, não sei, olha nunca fui daqueles rapazes e nunca me senti mal por isso.**

E: Apaixonou-se na adolescência?

C: Sim, sim, era... sim, cartas de amor eu tenho-as, eu tenho-as, dos meus olhos, poemas, tive uma que fez um poema para os meus olhos na aula, porque ela andava nos G, agora falo com ela no Facebook, ela deve saber que eu me casei, eu agora, **eu gostava era de ser mosca na cabeça de alguém e ver as reações de cada um... para ver se dizem: “Ah pois, logo vi e só podias ser isso”, porque eu, aqui quando falar sempre é porque vou pela sociedade, não tenho coiso de gay, mas porque os gays também são muito divididos em... que pena, mas há a bicha, o homem afeminado que às vezes nem é gay que é o mais giro, é pura exuberância, chamar a atenção, são muito afeminados, mais hormonas talvez femininas do que masculinas, uns mudam em sexo, outros não.** Ah e eu vou e nunca ninguém pensou, mas podia dar uns laivos, porque as pessoas diziam: “Sem mulher há tanto tempo e com essa idade, deve ser”. Oh pá é horrível ouvir estas coisas, mas pronto e é isto. Apaixonei-me por essas raparigas, sim, sim.

E: Quando é que teve a perceção da sua opção sexual?

C: **Quando a tive foi, quando deixei a rapariga e vamos lá, nem foi vamos lá experimentar, foi muito sem querer mas a querer saber se podia ir**, eu próprio se era capaz, se tinha, se não tinha vergonha, **pelo contrário se tinha coiso para ir ter com alguém do mesmo sexo. Mas já tinha, via coisas, excitava-me com coisas e então houve oportunidade de, o meu primeiro rapaz e pronto foi aí, talvez. Eu não me lembro de ter ido, olha sou mesmo, ahhhh... não. Eu nasci gay, só que eu não sabia, pronto só para dizer.** Quando foi com o primeiro, foi aos 24, 25, 24 para aí, foi. Mas, como a relação do meu pai, saber agora fogo andava mesmo com os olhos tapados a mesma coisa, **e já defini muito bem que o ovulo da minha mãe, o espermatozoide do**

**meu pai, eu já nasci, já era dentro. Não, não fiquei doente, já nasci assim, tenho toda a sensação, tenho essa sensação e ninguém me a tira.**

E: E quando foi quando o seu corpo começou a mudar? Como foi para si essa experiência?

C: Ah foi engraçado, foi. Lembro-me de estar ao lado do meu avô, do meu pai... Ah isso em termos sexuais, o meu pai, lá está porque dizer á bocado, não falo com os meus pais, mas também é recíproco. **Nunca houve do meu pai e da minha mãe, olha filho agora vais crescer, os pelinhos, a vozinha grossa, olha o preservativo, não, fui tudo eu, fui tudo eu. O corpo mudou, via o meu pai e o meu avô a fazer a barba e depois o meu pai sem lâmina lá fazia, punha-me espuma, os pelos foi bem, a voz nem notei a engrossar, as pessoas é que diziam, ah estás a ficar homem... Ah a parte sexual também, escondia um bocadinho, escondia, tinha muita vergonha de mostrar, balneários e tudo, não.** Tinha vergonha porque influenciado, agora já não tenho vergonha nenhuma, falava-se o sexo, é grande, é pequeno... e era aquela sempre vergonha punha a toalhinha e depois virava-me. Ainda agora posso, com o Pedro... **o Pedro vai para a praia naturista e eu não tiro os calções e eu, porque gosta mesmo, ponto, eu não.** Pronto, cada um, estás a perceber. **Ah, o corpo, sim levei na boa, a adolescência não foi assim nada atrofiada, nem nada, nada de comportamentos desviantes, nem nada, hum estás a perceber, drogas e fumos e não sei quê, não. [...]** era muito caseiro **também podes referir isso e era o principal, era muito caseiro mas por mim,** até o meu pai e a minha mãe, vai com a tua irmã, que a gente vivia na Amadora, mas vínhamos sempre fazer a nossa vida aqui e eu ficava sempre em casa, brinquedos carrinhos. **Pirotécnico, piromaniaco era, não é que eu pegue fogo às coisas, aquelas coisas da floresta, não, não é por aí e até porque tinha muita segurança e nunca me queimei nunca queimei nada aos meus pais,** fazia no tanque já com uma coisa de água, pegava fogo aos carros, **era piromaniaco.** (Ri-se) E gosto de ver, não é, não é a floresta a arder, é faço um churrasco em casa, sou eu que tenho que ir por o carvão e as acendalhas e fico ali a olhar e depois meto mais uma coisinha e depois, pronto mas tinha isso. Eu não acho, eu não era, tinha muita noção faz mal, **mas sou eu, se tiver que me queimar é a mim, ardo eu, nunca peguei fogo a nada,** era as minhas coisas, o meu livro do tio patinhas, o carrinho, **não queimava nada, nem de ninguém, tudo muito para mim.**

E: Contou que era homossexual? A quem? Como foi em relação á sua família?

Isso é, isso foi muito recente, **eu não contei nada, porque ninguém perguntava, ninguém perguntava e eu não tinha nada que de contar, mas escondi, escondi, sem dúvida,** quando **comecei com o Pedro em 2000,** ele vinha para minha casa e depois ia para a dele e quando saía, a gente farta-se de rir com isto, **podes sai agora.** Ainda contei à Rita, **de sai agora para ninguém o ver...** ele não podia ir a minha casa como amigo! **Estupidez estas coisas, a gente gosta, eu e ele também de apimentar a nossa relação com mistério e coisas assim macabras somos...** Adoramos filmes de terror, temos brincadeiras estupidas, o humor negro, coisas assim e rimos muito disto, as nossas séries e filmes têm de ser assim muito loucos e eu não contei a ninguém porque... depois o Pedro passado algum tempo começou a morar comigo, **viam-no e eu já não era preciso dizer pode sair, na boa ele saía, saíamos.** Namorámos, começamos a namorar à séria, não é à séria porque **a gente começou em Fevereiro de 2000** e sempre foi, tinha algum receio sim, tinha claro, tudo tão fechado, trabalhar na junta, tudo muito fechado neste sítio... Ah podia ser complicado, tanto que um dia, como trabalho profissionalmente no teatro tirei quatro anos de licença sem vencimento aqui da junta ... **com o pessoal do teatro não, apresentei-o logo sem vergonha, descobriram logo, porque eu também, não é que eu seja afeminado mas quando eu quero, é aquelas loucuras, entre nós, entre nossa comunidade** e então era de rir porque **fazia palhaçadas à pala disso, a peruca que a gente usava no teatro, punha olha agora (começa a gritar ui, ui, ui)** e disse, apresentei logo o Pedro, sem medos, **aliás o teatro conheceu-o primeiro que esta gente toda. Algumas pessoas disseram, eu logo vi que andavas com ele. Claro, mas, mas até... oh pá mas eu sou tão contra estas coisas “olha aquele ator anda com aquele”... Pá e só porque o viram agarrado e um beijo na boca e homem com homem,** mulher com mulher, homem e mulher, tudo (ahhhhhh) [...] **Eu sou muito diferente das outras, das outras entrevistas que vais ter de certeza (ri-se).**

**E:** Como foi em relação à sua família? Porque não contou?

**C:** Aos meus pais? **Oh pá o meu pai é machista** e tinha... era mais por eles, não é que... não é verdade, mas é que por aqui uma das partes era. **O meu pai andava aqui no clube de Basquete de Homens não é...** Aqui o Benfica clube, onde todos vão, vão à bola e isto, aquilo, **eu espero que o meu pai, tenho a resposta para o que lhe poderão dizer de mim, em relação a mim. A minha mãe logo tudo bem, andas com quem quiseres, tudo, ai a minha mãe sou eu, eu sou a minha mãe, pronto.** Rico, pobre, andas com quem... **O meu pai era por causa dos outros, tinha assim algum receio e mesmo por**

**mim, não estou a escapar de nada**, tinha a... Mas o Pedro antes de tudo já vinha, **olha já o conheciam, mas eu não, Pedro, no Bi, não tem, o pedro o bilhete de identidade tem Pedro não sei quantos Monteiro, não está homossexual Pedro, não está Doutor Pedro, não está enfermeiro Pedro, não... Portanto, é o Pedro, Pai e Mãe, Pedro, Eu...** Se houvesse a perguntar “ah mas vocês andam?”. Sim.

**E:** Qual é a posição dos outros em relação à sua orientação sexual?

**C:** Quando a gente casou foi o bom, o casamento foi uma coisa impressionante, não é pelas coloridas ou pela roupinha, até porque agente não liga nada a isso, **foi a boa energia, as pessoas vinham e... olha gostaram mais que eu, não como às efusivas**, “ai vosso casamento ainda me lembro”, **também foi o primeiro casamento gay para muita gente até o meu, até eu digo também foi o meu primeiro...** Ah foi muito, foi... **o meu pai ia assim... o meu tio não foi, deu uma prenda, e diz que não ia, ele deveria estar a pensar que era um casamento de plumas e cheio da coisa, não foi, até foi um casamento bué hétero, já fui a casamentos héteros mais gays que o meu.** Ah, por causa do efusivo aquelas brincadeiras, não houve nada disso, os amigos gays, héteros, filhos... **Foi, foi muito giro e toda a gente aceitou: “Boa, Carlos como é que...”, por outras palavras era isto que eles queriam dizer: “Como é que conseguiram com esta sociedade que temos fazer isto, boa. Parabéns estão no meu coração para sempre, não te imaginava...”** Porque eu tenho um lado frágil, eu não tenho espírito de líder e, e isto... Eu assim porra, obrigado, um ânimo assim também nos faz bem. **Então fiquei com Héteros e homos a dizer “tu conseguiste”...** eu lia em alguns “Boa quem me dera”, **numa situação fechada e não sei quê há muitos**, o que as pessoas não sabem eu não tenho que andar a dizer. Foram os que souberam, gostam muito do Pedro, aqui a vilazinha, a aldeia e ele também é simpático. Oh pá e a parte disto, respeito pelo **próximo recíproco e simpatia, portas abertas para uma boa relação**, seja ela qual for e adoram o Pedro e pronto acabou o casamento foi num dia, **ninguém tem a ver com o resto. Eu não pergunto agora, faz amor com o teu namorado, ou amigo, ou amiga...** como é que fazem... não. Também ninguém nunca me perguntou isso. A gente a madrinha do meu pai tem 99 anos vai fazer 100 e ele disse... **O meu pai disse a ela que eu ia-me casar com um homem e não a convidei não foi por nada, as pernas... foi à noite, o copo de água foi à noite, portanto... Ah e ela riu-se muito, riu-se muito e perguntou ao meu pai: “Como é que eles fazem?”** e riram-se depois muito, claro que foi retórica... não, não, não, como é que eles fazem e ela a rir, sexualmente como é que fazíamos, riram

muito mas... e já fui apresenta-lo a ela... Oh pá, é só isto e muita gente tem visto só assim, ver. É o Pedro, é a Patrícia... Patrícia é o Pedro... **Como qualquer outra pessoa,** se gostaste, o segundo dia vamos dar a segunda oportunidade.

**E:** Como é que definiria o amor?

**C:** **Ah uma energia muito boa e que salva o mundo... e positivo.** O amor pá pronto, continuando é um poder muita grande, sem dúvida muito e olha que eu tenho pena, mas acho que as pessoas deviam ser mais abertas a deixarem-no entrar porque há muitos obstáculos e muros, que as pessoas cada uma fazem em si... seja humano, seja ser inanimado, um ser vivo, devia haver mais abertura, às vezes as pessoas é por profissão, profissionalmente têm de ser duras e tem que ser mais duras e então essa dureza que depois transmitem [...] **Não sou daquele cliché, que salva, o amor é assim veio para salvar mas oh pá é uma energia muito boa, amor de mãe, amor de pai, amor de marido, amor de irmão, amor com o cão, amor com o gato, amor por si próprio, primeiro que tudo...** Ah não sei se tem que ser em primeiro mas ajuda muito, quem gosta muito de si, primeiramente e depois vem os defeitos, pá descer um bocado os degraus e dizer pois é mas... é que eu vejo tantas pessoas e que pena que sejam idosos porque vão transmitir aos filhos e aos netos, ah uma rigidez... ah perdi-me, ia dizer uma coisa tão bonita, ai ajuda-me...

**E:** Que as pessoas idosas têm uma certa rigidez...

**C:** Pensei primeiro, não verbalizei oh pá... Bem já não interessa, o amor é uma coisa que não tem que... **olha lá está não tem que haver mais, as pessoas têm que o trabalhar e encontrarem-no como, como... Eu acho que já me estava a vir qualquer coisa deixa-me eu falar... O amor e as pessoas chegam aqui e já me perdi outra vez, desculpa.**

**E:** Se mais à frente se lembrar depois diz.

**C:** Sim, sim, sim.

**E:** O que espera de uma relação? E qual a importância do sexo na relação?

**C:** Olha eu sou balança no meu signo, **eu tenho sempre o equilíbrio que eu acho que para mim resulta mas também para o mundo todo...** mas uns atingem outros não, outros ficam ali pertinho. **Em relação a essa pergunta, pede-se respeito. Pede-se, não impor nada ao outro, mesmo que seja casado, namorado, tu meu amor, minha**

peessoas, minha relação não é minha. Essa pessoa com quem eu casei, com quem namoro ou pai ou mãe não são meus, as pessoas não podem ser possessivas eu não sou, aquela é uma pessoa portanto, também nasceu e quer viver à sua maneira tem é que haver respeito entre os dois, sou contra ciúmes, não há, na minha relação de 14 anos não se discutimos uma vez, deu... Eu não queria estar a dizer uma hora mas em 14 anos foi, para eu também não ser mauzinho uma hora e discussões de um segundo... seja do que for... **Ah ciúmes nunca houve damos liberdade muito um ao outro.** Eu tenho amigos gays que viram a outra pessoa para a parede só para olhar que está a passar, nunca faria isso hétero ou homo ou ninguém, lá está é **não rotular somos pessoas e respeitarmo-nos uns aos outros**, eu não tenho esse sentimento. **O sexo na relação é equilibrado acho, muito importante sem dúvida em todos os géneros, seres humanos, animaizinhos e tudo. Acho bom, equilibrado, não a loucura e não quê e coisas que eu, a gente... e depois esta parte vadia e os héteros também muito...** não chamo doença, é fetiche, os fetiches, mas tem ser equilibrado, claro que respeito, respeito, respeito [...] primeiro que tudo a amizade, foi o que contruiu isto, pronto **somos amigos e fazemos sexo um com o outro**, apesar da sociedade e acontece tu fazeres sexo com um amigo, a amizade vai ser diferente não quer dizer que vá ser destruída mas vai ser complicada, eu aí sei, **também já me aconteceu e amigos, fazer sexo entre amigos seja de que género for, é complicado... de que orientação, estou a dizer género, não é género, de que orientação sexual é mau [...]** o que nos ajudou aqui na relação também eu disse isto a alguém e estou sempre a dizer... **a disparidade dos horários, ele trabalha á noite e eu à noite estou em casa sozinho, eu trabalho de dia ele está o dia sozinho.** Ele hoje está de folga e eu ainda estou aqui. Problema não [...] **até agora sou muito caseiro, sou muito caseiro e agora como a relação do pai, como ser gay aprendia que não é mau [...]**

**E:** Fale-me da sua relação atual. Já estão juntos há muito tempo?

**C:** Então estamos há 14 anos como namorados e acho que continuamos sempre como namorados [...] Todos os amigos que andavam mais atarefados com o isto, com aquilo, preparam tudo a nós e eu não gastei... também acho que valeu a pena, pobrete alegrete aquela coisa que diz, cada convidado pagava 35€, para entrar no casamento, para ter tudo, não queríamos prenda, a única prenda era a pessoa vir, tu vires, pagavas 35, dois pratos, sobremesas, entradas, tudo o que possas imaginar num casamento mas não paguei nada, ainda recebi algumas prendas em dinheiro que foi bom, mas eu não... e no dia do

casamento as fotografias, olha duas amigas lésbicas que tiravam fotografias a casamentos, com ideias elas adoraram, **vê lá tu, elas queres um álbum ou um cd, um álbum para mostrarmos às pessoas que vão lá a casa, vê lá que ainda não comprámos, não ligamos nenhuma a isso, não ligamos a nada e ligamos a tudo.** Portanto, a minha relação dura há 14 anos e casei-me por causa disto não foi, agora que há a lei. Nem sabíamos que havia a lei, disseram-nos já sabiam que há a lei, e nós, ah há a lei, não podíamos... quer dizer sabíamos também não somos ignorantes a esse ponto, sabia que não se podia, não sabia é que já se podia casar e então foi tudo. Eu também acho que se **está tudo em sintonia**, logo, eu acho que é por aí a minha vida com ele, se esta algum ponto preto, um não... Um sentir Pedro, sentiste, não sentiste, eu às vezes até tenho medo, eu acho que isto é um bocadinho do casal e depois, **há uma energia uma coisa que ficamos quase igual nas perguntas e nas respostas.** vamos para casa não é, discotecas e ele olha seja uma, duas, ou cinco, dez até nisso. E houve uma vez que Pedro vamos, mais um bocadinho, e está bem, passado um bocadinho, vamos... sim, não há uffff. Quer dizer houve uma vez... sabemos isto antes de casarmos.

**E:** Como é que caracteriza o seu companheiro?

**C:** Oh pá, muito bom, boa onda, boa energia, divertido, casa comigo, ah assim mais desorganizado em termo das papeladas, eu sou mais mete nojo [...] A gente complementou-se, ele até diz que está a ficar como eu e eu como ele, ele é mais frio, trabalha numa loja e é mais frio, eu sou mais velhinhos, então está tudo bem com a sua família, eu sou mais disto. **Ele não, quando eu ia lá à loja dele em 2000 até tinha medo, pronto ele está no posto dele, não me ligava nenhuma, porque ainda estava muito colado ao que se namorava** naquela altura, vai para advogado tens que ser como o pai ou como a mãe, tens que ser isto, ah vais para o teatro, ah vais para a musica, custa-me ouvir isso. **O Pedro estamos muito casados, estamos muito em sintonia.**

**E:** Em relação aos vossos conflitos, o que é que vos une e que é que vos separa?

**P:** Nada, tudo nos une, nada nos separa, está respondido. Tudo nos une, tudo nos une, os pais dele, os meus pais deram-se bem, a minha irmã adora, está tudo bem. Ah não há nada que nos separe, pois é até dá medo, nem a morte.

**E:** No contexto deste trabalho que estou a fazer é importante perceber como é que as pessoas se situam em relação aos homens, às mulheres, ao masculino e ao feminino. Portanto, nesse sentido o que é que acha dos homens e o que é que acha das mulheres?

**C:** No meu meio profissional?

**E:** No geral.

**C:** Calhaste aqui num sítio, muito aberto [...] **O que eu acho é que ainda há muito machismo, muita homofobia por parte dos homens e também das mulheres, a minha avó era machista, os homens não tinham que fazer nada, ela tinha uma filha para ajudá-la, eu não concordo nada** com isso eu por acaso quando vejo homens com bebés aqui nas costas eu fico, oh pá... embebecido, é por aqui sempre a lutar por isso, os homens a lavar a loiça, mas há de tudo, há de haver sempre de tudo, ainda há primitivos não é, e há tribos a caçar animais para comer, portanto há de tudo podíamos era atenuar um bocadinho, o homem ajudar a mulher, não vamos falar de violência física e comparar **isso a pedofilia, assassinato e homicídio, acho horrendo**, mesmo que haja uma razão para isso não sei, vá lá, há um desequilíbrio, uma descompensação. Mas tirando isso acho que os homens tem uma abertura, se calhar é por aqui, olha aqui o que eu disse tão bonito grava e mete lá... **É um homem e uma mulher quando chegarem a um equilíbrio chamam-se pessoas, seres humanos** [...] as mulheres só porque são mulheres ganharem menos dinheiro, **soube relativamente há pouco tempo, há dez anos não pensava nisto, e agora soube há pouco tempo por alguém, obesos, não dão emprego a obesos porque são obeso**. Portanto, é encontrar o equilíbrio, não quer dizer que eu já o atingi, se calhar nunca, mas eu acho que as pessoas às vezes, defendes tanto aquele, defendes o outro... eu defendo, o que eu defendo é, quando não está aqui uma pessoa e se está a dizer a mal dessa pessoa, aí **sou contra eu preciso ver os dois**... não é por aquela situação que eu contei, **vejo um homem a beijar outro gay, não é porque se calhar depois de o ver casado não posso chamar gay, tenho que chamar o nome que um é, e o nome que o outro é, porque as pessoas têm uma maldade, ah pois eu faço ideia o que dizem nas minhas costas**, não quero dizer que se dissessem na minha frente eu pois e tu... não gosto, para já não tenho resposta na ponta da língua e acho mau estar a descer ao nível ou subir ao nível. Chamarem-me isto aquilo, então e o seu filho que é drogado, isto e aquilo, nunca me ouvirás, chama-me os nomes que que eu nunca direi isso, talvez digo porque é que estás a dizer isso, tens algum complexo na tua vida, podemos falar os dois, se calhar

**ficamos amigos para sempre, a comunicação verbal, sim verbal,** estava a pensar nestas tecnologias, somos cobaias de facebook, como os medicamentos.

**E:** Obrigado por ter colaborado, se possível agendaremos uma nova entrevista para falarmos mais um bocadinho sobre estas coisas. Gostaria de dizer mais alguma coisa para eu perceber melhor o seu percurso.

**C:** Não eu só espero que consigas mesmo aquilo que tu queres, atingires... e que consigas e que esta entrevista possa ajudar. E que te ajude imenso e se for preciso outra entrevista ou tirar fotografias se precisares.

**E:** Houve alguma pergunta que não tivesse gostado de responder?

**C:** Não, não sem problema nenhum. Aquilo que os velhos as vezes dizem, que eles também têm razão, são mais sábios que nós do seguirmos, evoluirmos e o que é que eu tenho a perder com esta idade. Portanto, eu sinto que... há dez anos não fazia esta entrevista, há dez anos não sabia que era gay, não, não sabia. Ainda me limito muito, se me perguntarem se sou casado, sim, como é que ela se chama... oh pá não há muita gente a fazer me isso... eu prezo a separação de tudo, pão, pão, queijo, queijo. Não me meto na vida de ninguém e isso ajuda-me muito, não preciso para a minha felicidade. Eu tenho um positivismo e expressão nas minhas palavras.

**E:** Obrigado.

**C:** Obrigado, boa tarde, beijinhos Patrícia, que corra tudo de bom.